

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA SOCIAL

YANN VICTOR MAIA SANTOS

AS PONTES DO SAGRADO NO MARANHÃO:

**Um estudo histórico-antropológico da romaria de São Francisco das Chagas de Canindé
no tempo presente.**

São Luís – MA

2020

YANN VICTOR MAIA SANTOS

AS PONTES DO SAGRADO NO MARANHÃO:

**Um estudo histórico-antropológico da romaria de São Francisco das Chagas de Canindé
no tempo presente.**

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social – Mestrado Acadêmico, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História Social.

Orientador: Prof. Dr. Lyndon de Araújo Santos.

São Luís – MA

2020

YANN VICTOR MAIA SANTOS

AS PONTES DO SAGRADO NO MARANHÃO:

**Um estudo histórico-antropológico da romaria de São Francisco das Chagas de Canindé
no tempo presente.**

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social – Mestrado Acadêmico, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Lyndon de Araújo Santos.

Aprovado em: 03/06/2020

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Lyndon de Araújo Santos
UFMA/PPGHIS (Orientador)

Prof. Dr. Marcus Vinícius de Abreu Baccega
UFMA/PPGHIS

Prof.^a Dr.^a Martina Ahlert
UFMA/PPGCSOC

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a)
autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA.

MAIA SANTOS, YANN VICTOR.

AS PONTES DO SAGRADO NO MARANHÃO : um estudo histórico-antropológico da romaria de São Francisco das Chagas de Canindé no tempo presente / YANN VICTOR MAIA SANTOS. - 2020.

125 p.

Orientador(a): LYNDON DE ARAÚJO SANTOS.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em História/cch, Universidade Federal do Maranhão, SÃO LUÍS, 2020.

1. CATOLICISMO POPULAR. 2. CEARÁ. 3. ROMEIROS. 4. SÃO FRANCISCO.
I. DE ARAÚJO SANTOS, LYNDON. II. Título.

In memoriam a **Maria José Maia Santos**: à maior incentivadora de minhas conquistas na vida.

E aos romeir@s de São Francisco das Chagas pelas lições de vida e possibilidades de escrita desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à sublime Providência Divina pela vida e por todas as oportunidades que me foram concedidas até agora. Sem a intervenção divina eu jamais teria dado um passo sequer.

Agradeço ao Prof. Lyndon de Araújo pelo apoio e compreensão na elaboração desta dissertação; e também pelo exemplo de humildade e competência. Minha reverência.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em História Social pelas contribuições que enriqueceram/enriquecem a pesquisa, destaco de forma especial a professora Pollyana Muniz pela simpatia, inteligência e acessibilidade.

Sou grato ainda aos amigos de turma, destaco aqui: Julian Mota (baiano arretado, sagaz e ousado), Victor Souza (leveza e determinação), Glória Calisto (leonina, intensa, mulher de verdade). Obrigado pela amizade, sintonia, cumplicidade, por ensinarem que posso ser outros Yanns, por ouvirem e falarem, por sermos bem e mal, demasiadamente humanos.

Não posso deixar de agradecer a uma mulher que é a responsável por tudo o que eu tenho conquistado ao longo de todo esse tempo. Maria Maia, minha avó. Já faz quatro anos desde a sua partida, mas os ensinamentos deixados pela senhora me incentivam até hoje a lutar por meus sonhos. Obrigado grande mestra por me ensinar com tanta eloquência.

A minha mãe Mary Maia pelo apoio incondicional e por sempre financiar meus sonhos e projetos.

Aos amigos, parceiros e parceiro de longa data: Carol (confidente, racional e uma ótima regueira), Eldinha (meiga, sonhadora e sempre perto), Victória (o Erê mais traquino e que tem alegrado meus dias desde 2012), Danilo Pereira (cabelo grande, coração valente e bondoso). Joyna Alves, Lucas Campelo, Valéria Campos, Camila Pereira, Franciele Melo (parceiros leais, de papos sérios e conversas tolas).

A FAPEMA pela bolsa oferecida que me proporcionou enorme ajuda para que eu pudesse me dedicar integralmente à pesquisa.

Aos romeiros de São Francisco das Chagas de Canindé-CE, pela inspiração, exemplo e acolhida!

Muito obrigado!

Hem? Hem? O que mais penso testo e explico: todo-o-mundo é louco. O Senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de religião: para desendoidecer, desdoidar. Reza isso é que sara a loucura. No geral. Isso que é a salvação da alma... Muita religião, seu moço! Eu cá não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só pra mim é pouca, talvez nem me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de meu comrade Quelemén, doutrina dele, de Cardéque. Mas, quando eu posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles. Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca.

(Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas)

“E às vezes a gente tem a impressão que o povinho entende muito mais dessas realidades divinas que envolvem São Francisco do que os próprios frades. (risos) com seus estudos, mas que não tem a mesma experiência prática da vida, né! E por isso nós sempre dizemos: - Nós como frades também aprendemos com a fé do povo”

(Frei João Sanning)

RESUMO

Este estudo pretende analisar, através de uma incursão pela História Oral e pesquisa de campo, características da devoção a São Francisco das Chagas de Canindé buscando interpretar práticas do catolicismo popular presentes nas experiências de vida e trabalho de homens e mulheres maranhenses. O festejo de São Francisco das Chagas acontece anualmente entre o final de setembro e a primeira quinzena de outubro na pequena e bucólica cidade de Canindé, localizada no agreste cearense. Na ocasião das festividades, a cidade-santuário é visitada por um público que oscila entre 1.500.000 e 2.000.000 de pessoas, conforme as estimativas da organização do evento, transformando-se em um agitado e superlotado centro religioso e comercial. A cidade santuário se prepara para receber os romeiros (as) que, em sua maioria, são oriundos dos estados do Piauí e Maranhão. Intentamos construir uma narrativa da romaria de São Francisco baseada em duas experiências de campo. Na construção da narrativa buscamos destacar dentre outros elementos, o fluxo de corpos, objetos, memórias e afetos que marcam a romaria. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de análise histórica sobre a religiosidade popular, um estudo interpretativo sobre a cultura da romaria que motivou a interação/conversação com romeiros, clérigos, turistas e pessoas envolvidas com a administração do Santuário de Canindé. Realizou-se observação participante sobre as razões de ser e existir do santuário em suas relações com as práticas de devoção investigando e historicizando tal fenômeno a partir da perspectiva do próprio romeiro.

Palavras-chave: Catolicismo Popular, Ceará, Romeiros, São Francisco.

ABSTRACT

This study aims to analyze, through an incursion into Oral History and field research, characteristics of devotion to São Francisco das Chagas de Canindé seeking to interpret practices of popular Catholicism present in the life and work experiences of men and women from Maranhão. The celebration of São Francisco das Chagas takes place annually between the end of September and the first half of October in the small and bucolic city of Canindé, located in the countryside of Ceará. On the occasion of the festivities, the sanctuary city is visited by an audience that ranges between 1,500,000 and 2,000,000 people, according to the estimates of the event's organization, transforming itself into a bustling and overcrowded religious and commercial center. The sanctuary city is getting ready to receive the pilgrims (as), most of whom are from the states of Piauí and Maranhão. We tried to build a narrative of the São Francisco pilgrimage based on two field experiences. In the construction of the narrative we seek to highlight, among other elements, the flow of bodies, objects, memories and affections that mark the pilgrimage. It is a qualitative research of historical analysis on popular religiosity, an interpretative study on the culture of the pilgrimage that motivated the interaction / conversation with pilgrims, clergy, tourists and people involved with the administration of the Canindé Sanctuary. Participatory observation was made about the reasons for the existence and existence of the sanctuary in its relations with the practices of devotion, investigating and historicizing this phenomenon from the perspective of the pilgrim himself.

Keywords: Popular Catholicism, Ceará, Romeiros, São Francisco.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras

Figura 1: Visão panorâmica da cidade de Canindé - CE	14
Figura 2: Romeiras com pedras na cabeça na subida da <i>via crucis</i>	17
Figura 3: Imagem do percurso percorrido pelos romeiros até Canindé	18
Figura 4: Imagens da frente e do interior da casa de hospedagem	32
Figura 5: Ex-voto deixado no cercado da Casa dos Milagres	36
Figura 6: Uma das formas de pagamento de promessa consiste em cortar os cabelos na cidade de Canindé e deixá-los depositados na Casa dos Milagres	37
Figura 7: Romeiros acampados na Praça do Convento de Santo Antônio	39
Figura 8: Altar principal da Basílica de São Francisco	42
Figura 9: Imagens de orixás, caboclos, pretos velhos que são vendidas em Canindé. As imagens indicam, respectivamente: Exú duas cabeças, Exú caveira, Tereza Légua, Rei Alab, Preta Mina Juncar, Cabocla Jurema Frexeira, Mestre Dão João.	45
Figura 10: Imagem de Padre Cícero presente do hall da Casa dos Milagres	47
Figura 11: Boneca da Menina Perdida disposta da Casa dos Milagres.....	61
Figura 12: São Francisco com um triângulo na mão ao lado de Sto Antônio que toca zabumba e São José, que toca sanfona (A). É possível observar ainda um chapéu de cangaceiro nas costas do santo (B e C).....	70
Figura 13: Romeiros em fila para observar o “santo vivo”	71
Figura 14: São Francisco talhado com a cabeça chata dos cearenses (A) e os pés esbugalhados por trabalhar nas roças (B)	72
Figura 15: Barquinhos de São Francisco em exposição no Museu de Canindé.	74
Figura 16: São Francisco cercado por araras nordestinas	75
Figura 17: Painel de Fotografias, Casa dos Milagres.....	76
Figura 18: Cercado de ex-votos na Casa dos Milagres	77
Figura 19: Ex-votos anatômicos, Casa dos Milagres	79
Figura 20: Romeiros no comércio de rua de Canindé.....	99
Figura 21: Fachada do principal centro comercial da cidade	100
Figura 22: Romeiro(as) contemplando o mar na Praia do Futuro.	103
Figura 23: Desembarque dos romeiros na Praia do Futuro	105
Figura 24: Estátua de São Francisco	106
Figura 25: Romeiro em busca de pedras aos pés da estátua de São Francisco.....	106

Figura 26: Entrada do Zoológico de São Francisco	107
Figura 27: Motociclistas na Praça dos romeiros.....	108
Figura 28: Benção dos capacetes na Praça do romeiro.....	109

Quadros

Quadro 1: Cidades Maranhenses com romeiros em Canindé.....	48
Quadro 2: Perfis - Categoria e características	94
Quadro 3: Segmentação e Destino Turístico do Ceará.....	96

Tabelas

Tabela 1: Caracterização dos atrativos turísticos no Município.....	97
---	----

LISTA DE SIGLAS

CAIC – Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente

EMBRATUR- Instituto Brasileiro de Turismo

FAPEMA – Fundação de Amparo à Pesquisa ao Desenvolvimento Tecnológico do Maranhão

FEME- Farmácia Estadual de Medicamentos Especializados

IDECI- Instituto das Cidades do Ceará

PIB- Produto Interno Bruto

SETUR- Secretaria de Turismo do Estado do Ceará

UEMA – Universidade Estadual do Maranhão

UFMA – Universidade Federal do Maranhão

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1º - ENTRE IMAGENS, MEMÓRIAS E DEVOÇÃO: A ROMARIA DE SÃO FRANCISCO DAS CHAGAS DE CANINDÉ	21
1.1 - Construção do objeto/metodologia.....	21
1.2 - Pensando o campo	28
1.3 - Em um santuário de fluxos: o trânsito de afetos, corpos, objetos e memórias.....	40
CAPÍTULO 2º - EXPERIÊNCIA E NARRATIVIDADE NA CIDADE-SANTUÁRIO DE CANINDÉ	54
2.1- A sacralidade do espaço de Canindé	54
2.2- Sertanejização do Santo Italiano	69
3.3 – Devoção, experiência e narrativa	75
CAPÍTULO 3º - A FÉ CRISTÃ MODERNA: IGREJA, MASS MEDIA E TURISMO. 88	88
3.1- Os <i>Mass Media</i> e a Igreja Católica.....	88
3.2 - Turismo religioso: o germe de um fenômeno secular com raízes na religiosidade.....	93
3.3 - O santuário de Canindé e sua vocação turística	99
4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
REFERÊNCIAS.....	113
APÊNDICES	118

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende analisar, através de uma incursão pela História Oral e pesquisa de campo, a romaria de São Francisco das Chagas de Canindé, buscando interpretar práticas do catolicismo popular presente nas experiências de vida e trabalho de homens e mulheres maranhenses.

O festejo de São Francisco das Chagas de Canindé acontece entre os dias 24 de setembro a 04 de outubro. É importante frisar que em anos eleitorais essa data sofre mudança, iniciando-se o festejo uma semana depois das eleições¹. Na época da festa, a cidade vive esse agitado, lúdico e sagrado momento, romeiros (as) vindos(as) dos quatro cantos do Brasil se condensam na pequena e bucólica cidade do agreste cearense. Na ocasião das festividades, a cidade-santuário² é visitada por um público que oscila entre 1.500.000 e 2.000.000 e pessoas, conforme as estimativas da organização do evento.

Canindé, pérola escondida
 Dos confins deste Nordeste
 É um exemplo de fé
 De supremacia inconteste
 Sua fama é conhecida.

A Xavier de Medeiros
 O valor é atribuído
 De construir esta vila
 Neste sertão exaurido
 Sendo de S. Francisco
 Este lugar protegido

Este torrão é o berço
 De grande peregrinação
 Chegam romeiros devotos
 De toda esta Nação
 De carro ou mesmo a pé
 Como é de tradição

(Gonzaga Vieira³/ Canindé: Da lenda à Realidade. 2000. p.1).

¹Em 2018 mesmo sendo ano eleitoral as festividades ao santo não sofreram mudanças em seu calendário. Na procissão, o padre Marccone Lins reitor do Santuário explicou que “os políticos é que deviam respeitar o sagrado” (MARCONE LINS, 2018). Desse modo, o santuário resolveu não alterar a data das festividades.

²Canindé constitui-se enquanto cidade santuário, pois todas as atividades da cidade giram em torno das festividades do santo: “como uma cidade santuário, Canindé possui uma fisionomia própria derivada da repetição habitual de uma série de atividades religiosas como as festas, os ritos, o roteiro devocional e as peregrinações ao santuário” (LIMA F.; LIMA M., 2016, p. 2).

³José Maria Gonzaga Viera nasceu em Canindé no dia 20 de setembro de 1946. Autodidata, milita na imprensa escrita e falada. Pertence à Associação de Arte e Cultura de Canindé. É correspondente de vários grêmios culturais de Fortaleza, Natal, Campina Grande e Brasília. É autor de quase duas dezenas de folhetos rimados, com destaque para *A menina perdida nas matas do Amazonas e Canindé: Da lenda à Realidade* obras escritas no ano de 2000 disponível para acesso <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordel>.

Localizada no agreste cearense a cidade-santuário de Canindé, encontra-se distante a 120 Km da capital Fortaleza, considerada a Meca Nordestina⁴, é o local onde o santo vivo⁵ é buscado, vislumbrado e vivido tornando-se “‘Porta dos Deuses’ e, portanto, [lugar] de passagem entre o Céu e a Terra”. (ELIADE, 1992, p.30).

A cidade de Canindé⁶ é considerada o maior santuário franciscano da América Latina e a segunda maior romaria franciscana do mundo (sendo a primeira em Assis, na Itália, cidade de origem do santo) (SILVA, 2007, p. 3). Uma grande organização é feita por parte do santuário para receber os (as) romeiros (as) que, em sua maioria, são dos estados do Piauí e Maranhão.

Figura 1: Visão panorâmica da cidade de Canindé - CE.



Fonte: Arquivos do autor (2018).

Os(as) romeiros(as) são sujeitos importantes nessa devoção, segundo Frei Francisco (2015) são eles “a luz que dá brilho à festa”.⁷ Esses homens e mulheres são em sua maioria pessoas de baixa renda, lavradores, domésticas, quebradeiras de coco, que durante todo o ano poupam do pouco que ganham para, no período do festejo, se dirigir a Canindé. É impossível compreender o festejo de São Francisco das Chagas sem antes analisar as experiências e as narrativas orais dos(as) romeiros(as). Em Canindé é possível visualizar as diversas formas de se relacionar com o sagrado, ou as formas modernas de crença.

⁴Expressão utilizada por Marcelo Oliveira (2011) buscando comparar características da peregrinação dos muçulmanos realizadas anualmente a Meca com o significado atribuído pelo romeiro do santo vivo que vai todos os anos a Canindé construindo a partir desse peregrinar um sentido para sua vida.

⁵“... o santo vivo é a forma de linguagem utilizada pelos romeiros de Canindé para auto-comunicação, ou seja, comunicam no próprio sagrado escondido à busca da própria identidade” (OLIVEIRA, 2005, p. 307).

⁶Canindé cidade do agreste cearense, com uma superfície de 2.892 Km², a 120 Km de Fortaleza pela BR 020, com uma população em torno de 74.473 habitantes. Censo Demográfico de 2010. Disponível em <http://cod.ibge.gov.br/234JQ>. Data do acesso 26 de março de 2017.

⁷Frei Francisco pertence à Ordem dos Franciscanos Menores (OFM). É um dos responsáveis pelo seminário franciscano em Bacabal. Entrevista realizada em setembro de 2015.

Se no contexto popular tradicional o sincretismo se fazia a partir da crença de que o campo religioso era obra divina, e, portanto, todas as religiões eram sagradas e não podiam ser excluídas, no contexto da modernidade as escolhas e as *bricolagens* religiosas parecem se darem a partir de uma visão secular do campo religioso onde a ideia de consumo ou de mercado são predominantes. É o indivíduo, que em sua liberdade, opta frente a uma imensa variedade de alternativas religiosas que se apresentam. (STEIL, 2001, p, 120)

Conforme observa Steil os romeiros (as) são sujeitos que vivem no mundo e são influenciados pelos processos próprios de seu tempo. As formas de se relacionar com o sagrado estão intimamente ligadas com as práticas cotidianas de vivência. São esses sujeitos que rezam, compram, se divertem, negociam que representam o alicerce desse mosaico de heterogeneidades que se constrói em Canindé. Dessa forma, buscamos entender as práticas religiosas tecidas por esses sujeitos sem obliterar os outros domínios da vida social.

A representatividade tanto interna quanto externa da cidade centra-se na dinâmica de atração do romeiro(a), observada pelas festividades dedicadas ao padroeiro. Segundo a prefeitura da cidade (2015) boa parte da renda do município advém do turismo religioso. O romeiro(a) tem uma importância tão relevante no festejo que todo dia 3 de fevereiro o santuário comemora o dia do romeiro. Durante as festividades, a prefeitura coloca toda a infraestrutura administrativa a serviço da Igreja Católica.

O Santuário de Canindé compõe uma das nove regiões episcopais da Arquidiocese de Fortaleza e representa a região do sertão. Composta por cinco paróquias e uma área pastoral do sertão: Paramoti, Canindé, Caridade, Campos Belos, área pastoral de Caiçara e Itapebussu, o Santuário de São Francisco das Chagas possui como vigário episcopal o padre Dimas Gonçalves Lima.

Por compor tal divisão, o santuário possui como agente administrador, segundo funcionário paroquial (2016), a província de São Francisco das Chagas Ceará-Piauí, grupo de frades franciscanos de ordem menor, tendo como provincial ou responsável o Frei João Amilton e como reitor e pároco do santuário, Frei Marconi Lins. O Santuário de Canindé responde então a essa província ou grupo de frades franciscanos de ordem menor, como mencionado, e a paróquia de Canindé corresponde a uma "filial" da Arquidiocese de Fortaleza.

O período da festa corresponde ao momento de maior fluxo de romeiros à cidade. Em 2018, o santuário recebeu um público de 400 mil romeiros⁸ vindos de diversos cantos do país.

⁸Essa estimativa foi feita pelo Reitor do Santuário, Frei Marcone Lins em entrevista ao jornal Diário do Nordeste. Disponível em <<https://diarionordeste.verdemares.com.br/editoriais/regiao/online>. Acesso em: 16 de agosto de 2019.

Neste período os romeiros dedicam-se a sua fé, ao pagamento de suas promessas e a realização de novos pedidos ao santo.

Como consequência há um aumento significativo no número de pessoas na cidade, alterando elementos como moradia e transporte, promove ainda o “aquecimento” dos hotéis e das pousadas, sobretudo dos setores de comércio e prestação de serviços e da própria população que se integra a tal dinâmica. É comum neste período do ano: a montagem de barracas com vendas de comidas, bebidas e artigos religiosos nos locais de maior fluxo de romeiros, aluguel de casas, banheiros, dentre outros.

A maior parte dos romeiros que vai a Canindé utiliza, em geral, ônibus (opção mais confortável) antes a romaria em sua maioria era feita em “paus de arara” meio de transporte que foi proibido a partir de 2014 pela Polícia Rodoviária Federal, tal fato será elucidado mais a frente. Os hábitos marrons ou mortalhas como também são chamados constituem-se como uma vestimenta apropriada num ato de “dedicação ao santo”. Ao longo das avenidas e durante todos os dias do festejo, uma multidão de romeiros enfeitam as ruas paramentados com tais vestes. Quem nos oferece uma explicação mais acurada sobre a importância dessa vestimenta é frei Venâncio Willeke:

O que distingue os romeiros de São Francisco dos demais é o frequente uso do hábito marrom, o qual de primeiros era branco, tendo mudado desde que os peregrinos se familiarizaram com o burel castanho dos filhos de São Francisco, estabelecidos em Canindé a partir de 1898. O hábito, em sua primitiva cor branca, representa entre os romeiros a mortalha de que em 1763 nos fala o historiador franciscano Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, acrescentado como explicação: “as mortalhas dos quase defuntos ou já julgados por mortos”. Quando os devotos de São Francisco, desenganados pela medicina ou expostos ao iminente perigo de vida, já não têm a quem recorrer neste mundo, temendo a morte imediata, o último recurso constitui a promessa de realizar uma romaria extraordinária a Canindé, i. é, revestidos de mortalha em forma de hábitos. Assim amortalhados, os peregrinos dão a entender publicamente que à interseção de São Francisco, agradecem a restituição da saúde ou da própria vida e que ao pé do altar recebem simbolicamente a preciosa dádiva de sua existência reentregue, deixando entre os ex-votos a mortalha qual troféu de vitória sobre a morte e os perigos (WILLEKE, 1973, p.38).

O despojamento aliado às demais características do romeiro ajudam a integrar a paisagem do sertão canindeense. As romarias criam uma paisagem simbólica e cultural na qual o romeiro tem um papel modelador, isso se dá através dos movimentos de adoração ao santo, como pelas novenas, hasteamento de fitinhas, subida da *via crucis* com pedrinhas na cabeça, pela exibição de quadros do santo na entrada das casas, dentre outros atos.

Figura 2: Romeiras com pedras na cabeça na subida da *via crucis*



Fonte: Arquivos do autor (2018)

Nesse sentido, o ato de peregrinar é físico e simbólico, é histórico e cultural. Relaciona valores, sentido e significados que podem funcionar como elementos estruturadores da vida. A romaria deve ser compreendida a partir da perspectiva do romeiro enquanto sujeito criativo que cria e recria o objeto de sua crença.

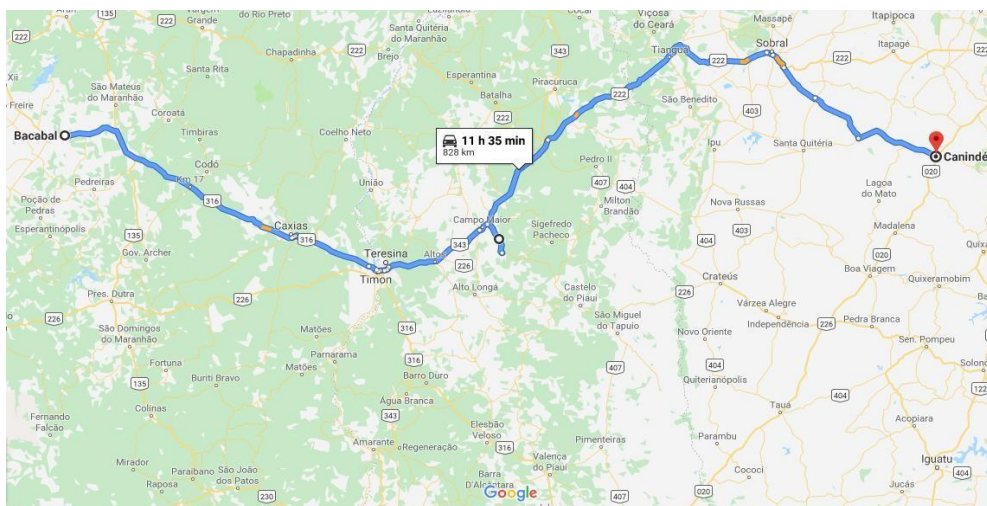
Para tanto, a nossa investigação só se torna possível através da análise simultânea de práticas e representações acionadas pelos romeiros(as) no processo de construção e reconstrução das experiências vivenciadas ao longo dos anos de romaria. Concebemos a realidade enquanto uma representação que é pensada, construída e dada a ler. Como coloca Bourdieu (2007, p.113):

Só se pode compreender esta forma particular de luta das classificações que é a luta pela definição da identidade “regional” ou “étnica” com a condição de se passar para além da oposição que a ciência deve primeiro operar, para romper com as pré-noções da sociologia espontânea, entre a representação e a realidade, e com a condição de se incluir no real a representação do real ou, mais exatamente, a luta das representações, no sentido de imagens mentais e também de manifestações sociais destinadas a manipular as imagens mentais (e até mesmo no sentido de delegações encarregadas de organizar as representações como manifestações capazes de modificar as representações mentais)

As romarias são o caminho que possibilitam o contato do devoto com o santo. Nelas os romeiros(as) encontram e produzem sentido para suas vidas. Através delas, esses homens e mulheres comunicam suas dores, aflições, angústias e sonhos ao santo franciscano. Constituindo-se, desse modo, enquanto experiência espacial e cultural de sentimentos e vontades.

Os romeiros(as) que saem da cidade de Bacabal percorrem 828 km até chegar à cidade de Canindé. 11h de viagem trafegando ao longo de três BRs, sendo elas: a BR 316 até a cidade de Timon limite com o estado do Piauí, em seguida a BR 343 até São João da Fronteira-PI e em seguida a BR 222 até a cidade de Canindé.

Figura 3: Imagem do percurso percorrido pelos romeiros até Canindé



Fonte: Google Earth (2019).

Parto nesta pesquisa do pressuposto que o homem se coloca em romaria impelido por questões do seu cotidiano, lançando-se por caminhos que os leva a um centro religioso, acreditando que a sacralidade de tais espaços possa produzir benefícios para sua vida. Afirmando isso, a partir das várias histórias de vida e devoção que dão suporte para a feitura desse trabalho.

Além disso, a imersão no universo do romeiro nos ajuda a interpretar determinados significados e sentidos tecidos pelos romeiros ao universo da romaria. A aproximação com o romeiro foi conduzida entre observações, entrevistas, registros e participação no tema estudado.

Para acessar essas experiências com visibilidade utilizo a instrumentalização da metodologia da História Oral e o trabalho de campo, além disso, possuímos um rico acervo iconográfico construído ao longo do trabalho etnográfico. No estudo, utilizo ora interpretações fundamentadas de forma indireta no conteúdo das entrevistas, ora lido com narrativas recortadas destas.

Além dos romeiros(as), busquei entrevistar freis responsáveis pela organização da romaria, servos⁹ do santuário, moradores da cidade. Nas entrevistas com romeiros(as)

⁹Pessoas que ajudam o santuário em variadas atividades durante o período do festejo sem receber nenhum tipo de ajuda financeira.

destaquei as seguintes questões como eixos norteadores: tempo de romaria, aspectos socioeconômicos, expressões religiosas e da religiosidade, espaço sagrado, etc...

É importante elucidar que tais entrevistas foram realizadas durante as festividades de São Francisco, algumas foram feitas na cidade de Bacabal durante a organização da viagem, outras no percurso até Canindé, e a maioria foram realizadas já na cidade-santuário.

Compreendo esta como uma pesquisa qualitativa de análise histórica sobre a religiosidade popular; um estudo interpretativo sobre a cultura da romaria. Aproximando-me da perspectiva de Geertz (1989, p.15), que defende “uma ciência interpretativa, à procura do significado”. Neste sentido, ligado a uma emaranhada teia de significados sociais, o romeiro deve ser estudado a partir de suas experiências. Penso que a romaria deve ser historicizada e investigada a começar pelos modos como é descrita pelo próprio romeiro.

Agradam-me também as ideias de Robert Darton que realiza uma antropologia histórica a fim de compreender a partir da interpretação de símbolos e rituais compartilhados, a forma como as pessoas comuns entendiam seu mundo “ao historiador, portanto, deveria ser possível descobrir a dimensão social do pensamento e extrair a significação de documentos, passando do texto ao contexto e voltando ao primeiro até abrir caminho através de um universo mental estranho” (DARTON, 1986, p.16).

Neste sentido, as chaves de leituras até então feitas tornaram pertinente uma perspectiva, dentre tantas possíveis, acerca da Romaria de São Francisco das Chagas de Canindé e das práticas religiosas que essa comporta, permitindo-me vislumbrar a pesquisa aqui proposta sob a estrutura de três capítulos.

No primeiro capítulo intitulado, *Entre imagens, memórias e devoção: a romaria de São Francisco das Chagas de Canindé*. Intentamos construir uma narrativa da romaria de São Francisco baseada em duas experiências de campo. Na construção da narrativa buscamos destacar dentre outros elementos, o fluxo de corpos, objetos, memórias e afetos que marcam o festejo. Destacando ainda a movimentação de romeiros(as) por variados espaços da cidade, buscando entender a vivência desses sujeitos ao adentrarem o espaço-tempo do sagrado.

Experiência e Narratividade na cidade-santuário de Canindé é o título do segundo capítulo. Nele nos preocupamos em pensar a cidade-santuário de Canindé, analisando os “mitos fundadores” que dão conta do processo de sacralização das terras canindeense, bem como os significados atribuídos pelos romeiros(as) aos fenômenos que envolvem tais mitos. Nessa seara, destacamos o processo de *sertaneijização* do santo italiano que foi (re)elaborado pelo povo do Nordeste num processo de reinvenção histórico-cultural, o santo italiano tornou-se o santo nordestino, desse modo, as representações imagéticas e discursivas dão conta de

um santo que intervém nas chagas das gentes pobres do Nordeste, sendo por excelência um *cabra da peste*¹⁰. Através de um olhar diacrítico discutimos a romaria enquanto fenômeno dialético; espaço, meio e momento nos quais várias concepções e subjetividade se imbricam, *rito de passagem* que introduz o romeiro em outras lógicas relacionais.

Para o terceiro capítulo propomos o título: *A Fé Cristã Moderna: Igreja, mass media e turismo* a proposta deste capítulo consiste em discutir as lógicas de temporalidades que marcam a romaria de São Francisco das Chagas no tempo presente, enquadrando o campo religioso brasileiro no campo de batalhas e de forças de longuíssima duração que é o cristianismo, enquanto religião que proporciona o material simbólico basilar e aglutinador da maioria das tradições religiosas locais. Para tanto, destacaremos fenômenos importantes como o turismo religioso e a utilização dos *mass media* como meios que nos dão um indicativo desse processo de reconfiguração e adaptação do cristianismo aos novos tempos.

¹⁰Cabra da peste é uma expressão popular usada no Nordeste do Brasil que significa homem valente, corajoso, batalhador.

CAPÍTULO 1º - ENTRE IMAGENS, MEMÓRIAS E DEVOÇÃO: A ROMARIA DE SÃO FRANCISCO DAS CHAGAS DE CANINDÉ

Neste capítulo discutimos acerca de nossa relação com o tema de estudo, destacando dentre outras coisas a metodologia da História Oral e o trabalho de campo como meios de acesso as práticas sociais tecidas pelos romeiros na sua relação com o santo de devoção. Ademais, construímos uma narrativa da romaria de 2018, relacionando-a sempre que possível com a de 2015. No último subtópico, nos detemos em analisar os diversos fluxos que marcam a cidade-santuário de Canindé durante as festividades ao santo, em tais fluxos é possível perceber o trânsito de corpos, objetos, memórias e afetos.

1.1 - Construção do objeto/metodologia

Meu primeiro contato com a romaria aqui estudada se deu ainda na Graduação. Iniciei minhas atividades como historiador a partir do projeto: *História, memória e imagem do Maranhão no tempo presente*. O referido projeto contou com o fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA) e tinha como um dos objetivos analisar o processo de organização da microrregião do Médio-Mearim através da migração de nordestinos para tal região.¹¹ Nesta seara, intentávamos destacar os mundos do trabalho bem como o espaço tempo da religiosidade desses diversos atores sociais que migraram ocupando, dessa forma, as antigas terras livres do vale do rio Mearim.

No ano de 2015, acompanhei as festividades a São Francisco em dois municípios do Médio Mearim maranhense (Bacabal e Pedreiras). As duas cidades representam importantes municípios da região estudada. Bacabal é considerada hoje a maior cidade da referida microrregião.¹² Saí com um grupo de 46 romeiros(as) da cidade de Bacabal no dia 29 de setembro de 2015 rumo a cidade-santuário de Canindé com o objetivo de “traçar perfis” de romeiros(as) destacando ainda os “começos” da devoção franciscana no Médio-Mearim.

Em 2018, como parte de minhas atividades do Mestrado retornei novamente ao Médio Mearim e circunscrevi a pesquisa somente a um município, qual seja: Bacabal. A escolha deu-se por questões de viabilidade, haja vista o pouco tempo que temos para a elaboração dos

¹¹Segundo Ferreira (2015), a microrregião do Médio Mearim localiza-se no Centro do Estado do Maranhão, em uma área de 10.705.261 quilômetros quadrados muitos dos atuais municípios são desmembrados, ao longo das últimas décadas, dos municípios de Bacabal e Pedreiras. Pedreiras e Bacabal são desmembrados de São Luís Gonzaga.

¹²Bacabal é um município maranhense localizado a 240 km de distância da capital do estado, São Luís. Com uma população de 103 020 habitantes, segundo estimativas do IBGE de 2016. É considerado município sede da região do Médio-Mearim. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/bacabal/panorama>>. Acesso em abril de 2018.

trabalhos durante os dois anos de Mestrado. Nesse último ano, a minha preocupação voltou-se para a compreensão de práticas e de experiências devocionais presentes na romaria, pois como sugere Steil (2001, p. 4): “as romarias recobrem uma variada gama de significados e experiências pessoais e coletivas que se conectam com os contextos religiosos, sociais, culturais e políticos em que elas se inserem”.

Ao longo dos dois anos de campo compilamos uma gama significativa de documentos que nos ajudam a construir esta pesquisa: anotando, filmando, fotografando tudo o que foi possível. Serão utilizados ainda materiais coletados durante as festividades ao santo no ano de 2014. O nosso sentido de ir a campo mudou muito no último ano. O amadurecimento das leituras teóricas nos fez “olhar” e “sentir” de forma mais acurada os processos inerentes à romaria.

O trabalho de campo como muito bem coloca (DA MATTA, 1987, p. 34) pode ser comparado com um rito de passagem. O convívio com os romeiros(as) em Canindé nos possibilitou redescobrir novas formas de relacionamento social. No início da pesquisa costumávamos essencializar muito à categoria romeiro, acreditávamos que os romeiros(as) eram sujeitos que oravam o tempo todo, que iam à viagem toda orando e rezando terços. O contato que o campo nos possibilitou permitiu-nos relativizar essas pré-noções.

Durante as atividades em campo tínhamos consciência do impacto que a nossa presença causava, pois, os romeiros ao narrarem suas histórias de vida reagiam às indagações que realizávamos, havendo uma interferência positiva no fato de sermos jovens. O fato de viajarmos juntos, de compartilhar as mesmas situações dentro do ônibus, nas paradas, na casa, fez com que a confiança deles em relação a mim fosse se alargando. Nesse sentido, o trabalho de campo longe de apresentar purismos, é um método no qual a presença do pesquisador, juntamente com suas características físicas, sociais e capital cultural, influenciam sobremaneira.

Conhecendo um pouco melhor a teoria foi possível observar com mais propriedade alguns aspectos constantemente abordados pela História das Religiões e religiosidades e que estão presentes na romaria de São Francisco das Chagas de Canindé como os rituais, os conflitos internos, as reinvenções culturais etc.

Lembra Geertz (1989) que, em uma pesquisa, os fatos não existem para serem colhidos, não estão dados, e por isso, projetos e hipóteses não são dados a priori. Daí que a tarefa seja difícil e densa, pois, ao entrar no “campo” num primeiro momento, tudo aparece como imbricado, assimétrico, fragmentário e irregular. Posteriormente, à medida que as

informações são analisadas e o texto nasce, sobressaem-se distinções, simetrias, continuidades e regularidades.

A etnografia é uma descrição densa [...] fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentário tendenciosos, escrito não com sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 1989, p. 13).

A imersão na romaria, portanto, propiciou esse contato mais aproximado com nosso objeto de estudo e, ao passo que analisávamos, erámos analisados, compartilhávamos naquele momento o mesmo espaço físico: espaço de trocas tanto para nós que pesquisávamos quanto para eles que oravam, compravam, brincavam e viviam. “[...] trabalho de campo é um processo cheio de dilemas e problemáticas existenciais” (DA MATTA, 1987, p. 177).

As problemáticas existenciais que Da Matta indica de fato se fazem sentir na incursão em campo. Enquanto *engatinhava* no campo, tive algumas dificuldades na tentativa de dominar as romantizações do objeto: a maior delas, creio, seja a de manter a dita neutralidade científica. Era quase impossível não nos emocionar com algumas narrativas de romeiro(as) que rememorando os fatos vivenciados se emocionavam, e não conseguiam conter as lágrimas. No entanto, com o amadurecimento das leituras teóricas e da convivência com os romeiro(as), vamos aprendendo a racionalizar aquilo que é preciso e possível teorizar, afinal, a razão não explica tudo e existem outras lógicas que extrapolam o visível e o racional.

Procuramos, seguindo as contribuições de Roberto DaMatta (1987), transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico, visando compreender práticas e representações utilizadas pelos(as) romeiros(as) nas suas relações com o sagrado, com o lazer e com o consumo que marcam os modos como se institui a vivência desses sujeitos na cidade santuário de Canindé.

Neste texto, utilizo como já mencionado as observações/interpretações de campo construídas durante duas experiências de romarias em cidades do Médio-Mearim maranhense e Canindé-CE. Ao longo dessas duas festividades o objeto de pesquisa foi ganhando forma à medida que avançávamos nas leituras teóricas, na análise das fontes e no trabalho de campo.

Pensar as experiências devocionais na sua dimensão subjetiva só foi possível a partir da instrumentalização da metodologia da História Oral. No desenvolvimento desse trabalho utilizamos a História Oral, mas especificamente as entrevistas com as histórias temáticas.

É importante ressaltar, que através dessas *entre/vistas*¹³, constroem-se fontes históricas intersubjetivas marcadas pela relação entrevistado-entrevistador e pelos contextos específicos nos quais o entrevistado se situa, ou seja, a construção da narrativa de história oral é um processo que ocorre no presente “a memória é social e pode ser compartilhada (razão pela qual cada indivíduo tem algo a contribuir para a história “social”); mas do mesmo modo que langue se opõe a parole, ela só se materializa nas reminiscências e nos discursos individuais” (PORTELLI, 2006, p. 127).

Contamos com um acervo de 38 entrevistas realizadas ao longo de três anos de trabalho de campo em cidades do Médio Mearim e Canindé. No ano de 2018 gravei mais dez entrevistas com o auxílio de um único gravador. Busquei entrevistar narradores que possuíssem um maior tempo de romaria para que, desse modo, pudessem perceber algumas interpretações, lembranças e percepções mais aguçadas do tema aqui estudado.

Outra estratégia foi mesclar o número de entrevistados entre homens e mulheres. No entanto, as narrativas femininas se sobressaíram, uma vez que os homens tinham certa resistência em falar quando exibíamos o material de gravação. Os eixos de organização da lembrança feminina aqui analisados são marcados por questões do cotidiano, do lar, da vida privada. As mulheres narram com uma riqueza de detalhes maior do que os homens. Michael Pollak (1992, p.3) afirma que em função da experiência de uma pessoa suas lembranças serão organizadas conforme sua inscrição na vida pública, sendo que as datas da vida privada e da vida pública vão ser ora assimiladas, ora estritamente separadas das entrevistas ou do relato biográfico.

Busquei prestar atenção aos eixos de organização da lembrança e ao nível expressivo nas histórias de vida. Quer dizer: ao que homens e mulheres contam de suas vidas e a maneira como isto é relatado. Percebo como já afirmado que as memórias femininas estabelecem referências temporais associadas ao ciclo familiar, diferenciando-se da masculina que se encontra marcada por uma vagueza e imprecisão.

Nesse sentido, os sentimentos expressados nas narrativas orais vão dando cor, forma e densidade às recordações. Intento analisar o modo como os romeiros(as) conferem significados e infundem emoções a experiência da romaria, pois como pontua Marcelo Oliveira, “a devoção popular não se resume a ritos e promessas, mas em um relacionamento afetivo dos devotos pra com o santo” (OLIVEIRA, 2013, p.17).

¹³Uso esta forma de grafia para indicar o caráter intersubjetivo da narrativa de História Oral.

Segundo Verena Alberti (2006), uma das principais potencialidades da História Oral está em permitir o estudo das formas como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências. As narrativas orais devem ser tomadas como meios de acesso a situações individuais que se encontram ligados às lógicas gerais de organização dos diversos grupos humanos.

O trabalho com a História Oral como indica Alberti possibilita entender a ação da memória de sujeitos; memórias que são constituintes do pensar histórico, memórias que estão atreladas a constituição de identidades. Trabalhar com fontes orais é aprender a lidar com os processos mentais operacionalizados pelos entrevistados nas narrativas, é compreender a memória individual e social como dividida, dividida entre o desejo de verbalizar e o desejo de silenciar, processos mentais que são articulados no ato narrativo.

Analisando a relação entre história e memória, Portelli (2010) argumenta que “a narração da história só toma forma em um encontro pessoal causado pela pesquisa de campo”, a História Oral é, pois, uma metodologia que permite vivificar a relação entre História, memória e identidade. É no encontro dialógico entre narrador e pesquisador ou entrevistado e entrevistador que a narrativa oral se situa, é na intersecção de subjetividades que o relato oral toma forma, assim o autor conceitua a História Oral “uma narração dialógica que tem o passado como assunto e que brota do encontro de um sujeito que chamarei de *narrador* e de outro sujeito que chamarei de *pesquisador* – encontro geralmente mediado por um gravador ou bloco de anotações” (PORTELLI, 2010, p. 210).

A *entre/vista* constitui-se enquanto uma relação intersubjetiva, ou seja, a narrativa oral é influenciada pela relação entrevistador-entrevistado, são *entre/vistas* como sugere Alessandro Portelli uma “troca de olhares” é no encontro que as narrativas orais vão tomando sentido “a *entre/vista*, afinal, é uma troca de olhares e, bem mais que outras formas de arte verbal, a História Oral é um gênero multivocal, resultado do trabalho comum de uma pluralidade de autores em diálogo” (PORTELLI, 2010, p.20).

A *entre/vista* é confronto com a diferença, com a alteridade, e onde duas subjetividades se encontram, porém, Portelli salienta que o que torna significativo o uso do relato oral é o esforço de estabelecer um diálogo entre e para além das diferenças.

Alberti sugere que a narrativa oral é resíduo de uma ação específica, qual seja, a de interpretar o passado. Os resíduos de ação seriam grosso modo uma mistura de passado e presente que se manifesta no ato narrativo “ao contar suas experiências, o *entre/vistado* transforma o que foi vivenciado em linguagem, selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido”. (ALBERTI, 2006, p.171).

Durante a pesquisa de campo utilizamos um roteiro com os entrevistados. Segundo Alberti (2006) a função do roteiro é auxiliar o entrevistador, no momento da entrevista, a localizar, no tempo, e a situar, com relação ao tema investigado os assuntos tratados pelo entrevistado. O roteiro não é um questionário, e sim uma orientação aberta e flexível. Durante o campo além das entrevistas com os romeiros coletamos depoimentos de freis franciscanos responsáveis pelo santuário, bem como de servos que ajudam no santuário.

No trabalho com História Oral um dos fundamentos primordiais para a qualidade das *entre/vistas* e dos resultados é saber ouvir, estar atento para tudo que o entrevistado narra, é saber observar as repetições do discurso é buscar compreender as intencionalidades dos silenciamentos.

Consiste ainda em construir sentidos nos acontecimentos que para o entrevistado são triviais, mas que para o pesquisador podem ser fonte de indagação para questões mais amplas “por isso, é necessário perceber que a entrevista é uma experiência de aprendizado: o pesquisador pode ter uma série de títulos acadêmicos e o narrador pode ser analfabeto, mas é este quem possui o conhecimento que buscamos. Temos tudo a ganhar com os ouvidos abertos” (PORTELLI, 2010, p. 213).

Durante minha incursão em campo encontrei romeiros(as) que tinham uma vontade imensa de narrar suas experiências. A possibilidade de encontrar alguém que os escutasse, creio eu, foi um dos fatores que geraram essa predisposição à fala. Percebo ainda, que essa predisposição é mais recorrente entre as mulheres de mais idade, que imprimem mais densidade e detalhes às suas narrativas. É importante destacar que as narrativas de História Oral são representações do passado. Na rememoração é possível perceber uma sobreposição de temporalidades; presente e passado se entrelaçam na memória. “A lembrança é uma imagem introduzida em outras imagens, uma imagem genérica transportada ao passado” (HALBWACHS, 1992, p. 93).

Nesse sentido, a memória é uma construção do passado, mas pautada em emoções e vivências; ela é flexível nesse contexto à narração, é fruto das necessidades do presente. A fonte oral permite não apenas compreender como o passado é concebido pelas memórias, mas principalmente como essas memórias se constituíram.

Maurice Halbwachs (1992) apresenta uma dimensão da memória que ultrapassa o plano individual, ninguém pode lembrar-se realmente a não ser em sociedade. Desse modo, a memória individual está ligada a redes de sociabilidades nas quais os indivíduos se inserem. Halbwachs concebe a memória sociologicamente, a memória individual só existe na medida em que o indivíduo é produto de um grupo.

Nesta seara, Halbwachs apresenta o conceito de *memória coletiva*, ao destacar os quadros sociais aos quais as memórias individuais estão ligadas o autor inaugura uma nova vertente para a noção de memória “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós”. (HALBAWCHS, 1992, p. 30).

Mesmo que aparentemente particular a memória individual remete a um grupo, que para o autor é necessário ainda à preservação dos elos sociais (entre grupos) para a permanência das memórias. Nesse entendimento, o mundo exterior regula as nossas lembranças “é preciso que a partir de então não tenhamos perdido o hábito nem o poder de pensar e de nos lembrar na qualidade de membro do grupo, do qual esse testemunho e nós fazemos parte” (HALBWACHS, 1992, p.33).

As pesquisadoras Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado organizaram o livro “Usos e abusos da História Oral”, nessa obra as organizadoras destacaram o uso da metodologia da História Oral na compreensão da história do tempo presente.

A história do tempo presente contribui particularmente para o entendimento das relações entre a ação voluntária, a consciência dos homens e os constrangimentos desconhecidos que a encerram e a limitam. Melhor dizendo, ela permite perceber com maior clareza a articulação, de um lado, as percepções e as representações dos atores, e, de outro as determinações e interdependências que tecem os laços sociais. Trata-se, portanto, de um lugar privilegiado para uma reflexão sobre as modalidades e os mecanismos de incorporação do social pelos indivíduos de mesma formação social. E nos parece óbvia a contribuição da história oral para atingir esses objetivos. (FERREIRA e AMADO, 2006, p 24).

As várias transformações pelas quais vem passando o campo da História fizeram com que a metodologia da História Oral fosse sendo aceita e utilizada por diversos pesquisadores. Nesse sentido, ela vem possibilitando compreender através da interpretação de memórias fragmentos do passado, narrados por aqueles que viveram. É impossível reconstruir o passado tal como aconteceu, o trabalho do historiador é a partir das entrevistas construir interrogações que lhe permitam perceber a multiplicidade de memórias e, a partir delas, construir reflexões e interrogações possíveis sobre acontecimentos.

O testemunho oral deve ser tratado como documento histórico que possibilita pensar as práticas, condutas, representações, rituais, a transformação do simbólico, dos sentidos. Nesse contexto, Mercedes Vilanova, afirma que:

Mucho de lo que ocurre se produce en nuestro interior lo que hace indispensable el estudio de la memoria de las personas individualizadas, de

sus sentimientos y de las valoraciones de su propia historia a través de los llamados relatos de vida en los que la construcción del tiempo ni es cronológica, ni lineal (VILANOVA, 1998, p.34).

1.2 - Pensando o campo

A viagem para Canindé ocorreu no dia 30 de setembro de 2018, saímos da cidade de Bacabal às 8h30min da manhã. Chegamos bem cedo à casa de Dona Santa, a *freiteira*¹⁴: uma senhora de meia idade que há sete anos organiza viagens para Canindé.

Santa, mãe de duas filhas, autônoma e solteira confessa que a ideia de organizar romarias para Canindé surgiu a partir de necessidades financeiras. Nesse sentido, a *freiteira* uniu o “*útil ao agradável*”, pois ao mesmo tempo em que buscou saciar a sua paixão em conhecer a cidade-santuário viu na viagem uma forma de exploração econômica:

Olha. Na verdade, eu sou há muito tempo apaixonada por Canindé, mas eu não tinha condições de vim aqui e resolvi para unir o útil ao agradável comecei a fazer excursão. Já estou com sete anos. Graças a Deus. Maravilhosa minha excursão (...). *Ser freiteiro é na verdade uma dor de cabeça, mas a fé faz com que você vá em frente e não desista.* Já tentei desistir algumas vezes. Você lidar com gente é muito difícil, mas como diz o ditado: - o Senhor é meu pastor e nada me faltará (SANTA, 2018, p.2 *grifos meus*).

A fé é usada como justificativa para a manutenção da viagem, muito embora Santa consiga angariar uma quantidade significativa de recursos com cada viagem organizada. Outro elemento destacado pela *freiteira* diz respeito “à dor de cabeça” que a viagem provoca, o *freiteiro* é responsável por tudo e por todos, compete a ele organizar: as paradas durante o longo percurso até Canindé, a duração de tais paradas, a busca dos romeiros(as) retardatários, dentre outras funções que justificam essa “dor de cabeça” apontada por Santa.

Na narrativa de Santa, o trabalho é um elemento que se sobressai, ela não se identifica enquanto romeira, mas sim como simpatizante, afirma ainda que vem ao Canindé porque gosta de lidar com gente, apesar de reconhecer que isso gera muita dor de cabeça. A necessidade de sustentar sozinha duas filhas (que hoje residem em São Luís) fez com que a *freiteira* vislumbrasse na romaria um meio de geração de uma renda extra.

A todo o momento chegavam romeiros(as) que se espremiavam na pequena sala da casa da *freiteira*: entre malas, almofadas, ventiladores, terços, ex-votos¹⁵ e no dizer da romeira Antônia¹⁶: “muita fé em São Francisco” (ANTÔNIA ARAÚJO, 2018, p.3) seguíamos rumo a cidade-santuário de Canindé. Foi ainda na sala da casa de Dona Santa que escutamos as

¹⁴Pessoa responsável pela organização da excursão

¹⁵O ex-voto é uma criação artesanal feita em madeira, tecido, cera, barro, gesso, papelão, das partes chagadas do corpo humano, curadas a partir de um relacionamento do devoto com o sagrado (OLIVEIRA, 2003, p.5).

¹⁶Antônia Araújo, 70 anos, maranhense, Não Alfabetizada, há 12 anos vai para Canindé, aposentada, viúva, mãe de 04 filhos, ascendência cearense.

histórias mais anedóticas das viagens passadas. Hormina¹⁷ foi uma das últimas romeiras a chegar e para murmúrio de todos, ainda havia esquecido o dinheiro da viagem em casa.

Saímos cedo, pois ainda buscaríamos outros romeiro(as) pelo caminho que vinham dos povoados adjacentes a Bacabal: já na BR 316 iniciamos a viagem com a reza do terço. A romeira Maria da Paz¹⁸ foi incisiva ao afirmar que: “já estamos em romaria” (MARIA DA PAZ, 2018, p.2). Nesse momento todos(as) foram convidados a ficar de pé e invocar a Santíssima Trindade: em cada mistério do terço os romeiros(as) faziam reflexões e pediam que Deus e São Francisco conduzissem bem a viagem. Entre cânticos, meditações, louvores e súplicas os romeiros(as) agora entregavam-se a outras paragens em busca do *São Francisquinho*¹⁹.

Apesar de sermos bem recebidos pelo grupo de romeiros(as) senti a necessidade de deixar de ser um *mero estranho* para ser um *estranho conhecido*. A oportunidade para tal tarefa deu-se quando me ofereci para contemplar/rezar uma dezena do terço junto com eles. Nesse momento tivemos a sensação de ter dado nossa primeira corrida com os nativos, como a de Geertz²⁰ em uma das brigas de galo a que assistiu.

O ato foi tão positivo e simples que a partir daquele momento éramos convocados a meditar uma dezena do terço nos momentos de orações ao longo da viagem. O ato de rezar com eles oportunizou a criação de laços de confiança entre nós e os presentes.

Além dos cânticos, rezas e meditações outro ingrediente se sobressaía na viagem, o *frito*²¹ um alimento que era por todos(as) compartilhado. Do motorista às crianças: todos eram convidados a partilhar o alimento que se mostrava bastante saboroso. Assim, tivemos os primeiros *insights* que a romaria também incluía alegria e diversão, em meio a ações de solidariedade e fraternidade.

¹⁷Maria Hormina, 56 anos, divorciada, comerciante e uma das romeiras mais alegres da viagem.

¹⁸Maria da Paz, 57 anos, lavradora, casada. Romeira há 14 anos

¹⁹O termo São Francisquinho, refere-se ao aparecimento da imagem mais antiga de São Francisco cuja procedência é desconhecida (SILVA, 2007, p.30) E continua sendo utilizado pelos romeiros(as) como forma de afetividade e intimidade no relacionamento com o santo.

²⁰Refiro-me a experiência de Geertz em uma aldeia balinesa no ano de 1958. Na ocasião, o antropólogo e sua mulher assistiam a uma briga de galos (prática considerada ilegal em Bali) quando foram surpreendidos por policiais que faziam incursões pela cidade, nesse momento todos começaram a correr dos policiais. Geertz e sua esposa fizeram o mesmo. A experiência de correr com os aldeões fez com que o antropólogo fosse aceito na comunidade balinesa que até então se mostrava bastante resistente. (GEERTZ, 1989, p. 281).

²¹Comida frita (carne de boi, porco e/ou galinha) que os romeiros levam junto com farinha de mandioca em depósitos para a viagem.

Durante a viagem essa alegria se fez presente através das brincadeiras e solicitude da romeira Liduína²², uma mulher de 36 anos que narra as justificativas de sua devoção ao santo, desse modo:

Sou devota de São Francisco há 6 anos, devido a um problema de saúde que eu tive e digamos que eu não fui bem pelo amor, e sim pela dor, porque eu tive um câncer de mama, aos 24 anos descobri que tinha câncer de mama, tive que tirar toda a mama, tive que fazer um tratamento complicado e hoje em dia todo mundo sabe que um tratamento de câncer não é fácil. Eu passei por oito sessões de quimioterapia, 28 de rádio (terapia), passei dois meses em São Luís sofrendo. (LIDUÍNA, 2018, p.2)

Na narrativa de Liduína, os sofrimentos pelos quais ela precisou passar fizeram com que se tornasse uma mulher grata e feliz. A gratidão de Liduína se concretiza através da fidelidade que a romeira mantém com São Francisco “enquanto vida eu tiver, e ele me dá permissão, eu tou lá rezando, louvando humildemente diante dele” (LIDUÍNA, 2018, p.3). Segundo Sylvana Brandão (2004, p. 35), o milagre para as gentes do Nordeste deve ser compreendido como um fenômeno do ordinário, do cotidiano. Como solução prática, seja a solução de impasse qualquer, seja afetivo, financeiro, de dor física, etc. Nesse contexto, toda cura é um milagre, é preciso sempre agradecer e cumprir as suas promessas.

Quando os lábios silenciavam os romeiros(as) encostavam a cabeça sobre as poltronas do ônibus e descansavam, afinal muito chão ainda se percorreria pela frente.

A qualidade do ônibus foi um aspecto de grande satisfação: um veículo climatizado, com banheiro e com poltronas acolchoadas. Bem diferente do ônibus utilizado na última romaria que não possuía conforto algum. Embora não possuísse muito conforto, os romeiros bem pouco reclamavam das condições adversas, como argumenta Maria de Jesus²³, uma das *freteiras* entrevistadas em Canindé:

Já disse para o pessoal quem vai a Canindé vai pagar uma promessa, então não temos privilégios. *Que nem o São Francisco teve privilégios como é que nós vamos ter privilégios.* Como é que nós vamos ter privilégios. Gente nós saimo de Bacabal no Maranhão nós viemo pra cá pra passar dificuldade nós viemos pra cá não é pra dançar, pra vim beber cerveja nós viemo pra cá pra pagar nossas promessas (MARIA DE JESUS, 2014, p.3 *grifos meus*).

Os saberes populares sugerem que há romeiros e Romeiros. A qualificação maiúscula nomearia os romeiros(as) que assumem com maior intensidade os atos representativos da fé e apego a santidade. O segundo seriam aqueles que se relacionam com o santo de forma mais solta. Como na narrativa da romeira *Dijé* (como é comumente conhecida). Para ela, o

²²Liduína 36 anos, casada, maranhense, lavradora, mãe de dois filhos, romeira há seis anos.

²³Maria de Jesus, 52 anos, autônoma, organiza romarias há oito anos tendo iniciado tal prática com uma amiga que depois desistiu.

Romeiro é aquele que não reclama das dificuldades advindas da viagem encarando como penitência toda adversidade sofrida, pois nem “*São Francisco possuía privilégios*”. O romeiro é aquele que reclama. Que vai para Canindé fazer compras, beber e dançar. De todo modo, o romeiro(a) possui um perfil *sui generis* são homens e mulheres que traçam os seus próprios caminhos rumo ao sagrado.

A viagem seguia seu percurso: as paradas eram frequentes, a todo instante cânticos eram entoados, às 15h00 o terço da misericórdia era rezado. As orações se tornaram mais efusivas quando descíamos a Serra de Tianguá²⁴. A essa “altura” as Ave-Marias e os Valei-me! São Francisco se tornaram mais intensos nos lábios dos romeiros(as).

Uma característica que merece destaque diz respeito à intensidade com que as orações eram realizadas, destaco isso, pois na romaria de 2015 quase nunca se rezava, o único momento em que as orações foram feitas foi durante a subida da Serra. A romaria de 2018 era formada em sua maioria por pessoas de meia idade e idosos. A maioria dos romeiros(as) pertenciam a uma mesma família que deram continuidade a devoção iniciada pelos pais, estes migrantes cearenses. O grupo de romeiros de 2015 era mais eclético composto por mulheres, casais, idosos e crianças. A pauta das conversas girava em torno dos temas mais variados. Rezas e cânticos não estavam no *script*.

O medo da Serra é tão intenso que a romeira Antônia Araújo, de 70 anos narra: “a minha devoção começou tirando o medo: porque eu passei muitos anos com vontade de vir e não vinha com medo da serra grande, mas aí eu quebrei esse medo e comecei a vir em 2007. Aí de lá pra cá eu venho todo ano” (ANTÔNIA ARAÚJO, 2018, p.2).

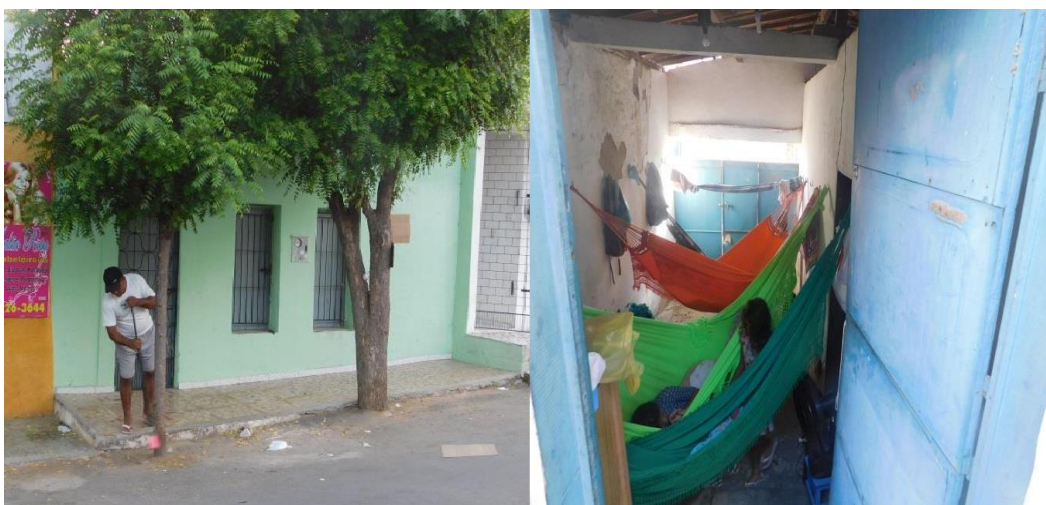
Logo após a passagem pela serra hinos em agradecimento pela boa travessia foram entoados. Chegamos à cidade de Canindé às 5h00 da manhã, levamos 1h20min para encontrar a casa na qual ficaríamos hospedados o que gerou muita reclamação por parte dos romeiros(as) que já se encontravam exaustos de tanto viajar. Ficamos alojados em uma casa bem modesta no centro da cidade²⁵. A casa possuía três quartos, dois banheiros e duas salas bem amplas. Além dos espaços, a casa ainda contava com dois reservatórios extras de água: fator que gerou contentamento, uma vez que as crises de abastecimento hídrico são constantes nesta época do ano.²⁶

²⁴A serra localiza-se na cidade cearense de Tianguá com altitude de 775 metros. Disponível em cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/tiangua/panorama. Acesso em 25 de abril de 2019.

²⁵As hospedagens mais próximas do centro da cidade são mais encarecidas; devido a sua proximidade com os principais espaços de trânsito dos romeiros(as).

²⁶Em 2015 pagávamos dois reais por um banho. Em 2018 devido aos volumosos reservatórios de água não precisamos sair da casa de hospedagem para banhar.

Figura 4: Imagens da frente e do interior da casa de hospedagem.



Fonte: Arquivos do autor, 2018.

A residência pertencia a um jovem rapaz que todos os anos aluga sua moradia para acolher os romeiros(as). Além de alugar o imóvel²⁷, o proprietário fornece alimentação a um preço acessível. Depois que todos se acomodaram: esticando suas redes, inflando os colchões, delimitando seus espaços era hora de percorrer a cidade-santuário. Um número significativo de romeiros de imediato foi cumprir com suas obrigações, enquanto outros aproveitaram a manhã pra descansar o corpo da longa viagem.

Teve romeira que não demorou nem um segundo, pois aproveitou o sol ainda baixo do agreste cearense para quitar suas dívidas com São Francisco. Acompanhamos seu pagamento de promessa que consistia em depositar um hábito e um carrinho de brinquedo na Casa dos Milagres e entrar na Basílica de joelhos até o altar. Após quitar suas promessas, era hora de descansar e ir aproveitar os preços generosos dos produtos que a cidade-santuário oferecia. Afinal, romeiro (as) também compram.

Na casa na qual nos hospedamos não havia possibilidade de privacidade, dormíamos espremidos entre várias outras redes, na hora do banho uma fila imensa formava-se na porta dos dois banheiros, sendo que um havia sido improvisado pelo proprietário da casa. Os idosos e as crianças tinham prioridade no banho. Na hora do almoço outra fila era formada em torno da refeição. Pela pouca disponibilidade de assentos os romeiros(as) sentavam-se no chão do corredor que dava acesso à porta principal. Mesmo com tantas adversidades, prevalecia entre os presentes um sentido de grupo.

De madrugada, os idosos acordavam bem cedo para assistir a primeira missa que acontecia às 4h30min. Em seguida voltavam para casa e passavam o dia na porta

²⁷O aluguel de imóveis é uma prática comum durante esse período do ano. Diversos moradores vão para casa de parentes ou até dividem sua moradia com os romeiros(as) como é o caso do nosso anfitrião.

acompanhando a movimentação da cidade que já fervilhava de tanta agitação. Sempre que possível, sentava-me na roda de conversa dos romeiros(as) e ficava escutando as longas e jocosas histórias narradas.

Vários bares compunham o cenário da avenida na qual se encontrava a casa de hospedagem. A cerveja, o cigarro, os mexericos, a diversão, os passeios, o forró fazem parte desse multifacetado universo do romeiro(a), não são recriminados muito menos incompatíveis com as identidades em jogo.

As identidades e memórias em questão, nessa ótica, não são entendimentos perenes e sem história, mas têm seus processos de produção, seus jogos de poder e suas contradições, que se fazem e se refazem pelas histórias contadas e re-contadas e pelo que é enunciado nas dispersões dos eventos discursivos (HUFF, 2009, p. 13).

A romeira Hormina, representa de forma curiosa esses elementos destacados. A mesma confessa que já passou por muita coisa difícil na vida. Primeiro em decorrência de um divórcio que levou metade das coisas que ela conquistou. Segundo devido a problemas com vícios em drogas de um dos filhos:

Assim, paguei promessa se São Francisco me desse as minhas coisas de volta *o meu marido carregou tudo fiquei sem nada e eu dava sempre a doação dele sabe*. Por isso, que toda vez que eu venho eu dou a doação dele e recebi as minhas coisas de volta (...). Ainda tô passando por uma fase pesada, mas São Francisco vai me tirar e não me abato não. *Eu tô sempre alegre, brincando porque eles que escolheram a vida deles, porque pai e mãe não bota filho no mundo desejando o mal*, a gente só quer o bem, mas eles procuram caminho ruim. Ai depois se arrepende e na volta não tem mais. Ele tem que botar na cabeça dele e sair pedir muito a Deus pra ele sair dessa vida pesada né. *Agora eu vou beber minha cervejinha*. (HORMINA, 2018, p.3 *grifos meus*).

Hormina foi uma das romeiras mais divertidas e solidárias de toda a viagem, bem pouco frequentava as missas ou outras atividades eclesiais, em contrapartida estava a todo o momento com sua latinha de cerveja na mão, argumentando que “era até pecado não beber uma geladinha com aquele calor todo do Canindé”.

Na narrativa de Hormina é possível perceber que as relações de devoção se constroem a partir de uma noção de confiança e esperança no poder que o santo possui para resolver os problemas sejam eles os mais diversos.

A separação do marido é algo que marca a narrativa de Hormina “Ai pra mim foi um milagre porque o homem se separar da mulher e levar as coisas e não querer dá as coisas de volta é difícil ele querer devolver” (HORMINA, 2018, p.3). É como provedor, protetor e milagroso que o santo é representado. É por isso, que a romeira afirma que continua indo para o Canindé e pagando a sua promessa de doação de comida.

As noites de Canindé também eram bem agitadas, as festividades ao santo se encerravam às 22h com o término do novenário. Após as 22h outras “festas” tinham início. Como indica Marta Abreu (1996, p.27) “a festa é sempre recriada e reapropriada, refletindo paixões, conflitos e crenças de seu próprio tempo”.

Empresários da região aproveitavam o grande fluxo de pessoas na cidade para promoverem festas em Clubes durante as noites. Essas festas tinham início logo após o término das festividades do santo. Uma banda de forró cearense foi contratada para animar a cidade no segundo dia de festejo. As romeiras Santa e Hormina eram as mais baladeiras. Durante o dia batiam perna pela cidade buscando aproveitar os bons preços dos produtos e “levar uma lembrancinha para os que não puderam vim” (SANTA, 2018, p.1). No segundo dia, as duas passaram à tarde no salão se preparando para o show de forró que aconteceria durante a noite.

Nesse contexto, o desejo de ir até a cidade-santuário e de fazer a romaria vai além da necessidade espiritual, apesar desta ser o principal motivo, compõe um conjunto de atividades turísticas que vai da festa em si, do ato festivo, da reunião com os amigos, parentes e moradores de Canindé, o que inclui bebidas, comidas e outras atividades, à questão econômica e comercial, do comprar fitinhas dentre outras motivações.

Em Canindé, os romeiro(as) desenvolvem distintas amizades com moradores da cidade e com romeiro(as) de outras localidades: “a festa tem simultaneamente uma função social, pois permite aos atores e espectadores introjetar os valores e as normas da vida, como também partilhar sentimentos coletivos e conhecimentos comunitários” (PASSOS, 2014, p.6). Maria Rosena²⁸ é quem destaca em suas lembranças as amizades tecidas durante a romaria:

Ave-Maria com as pessoas que eu venho tudo amizade, amizade com tudo. A Dona Maria Lima era muito minha amiga pra nois vim pra cá [*sic*] a mãe do Zé Holanda. Esse ano ela não veio ficou duente em casa quando eu vim ela disse: - O Dona reze lá por nois. Eu disse: - Rezo sim. A primeira pessoa que eu rezei foi por ela aqui. Rezei o terço em intenção do seu Antônio e Zé Holanda. Dona Odete também não veio. Oh! Meu São Francisco (...). Ave-maria sinto falta da Dona Francisca. Ela disse: - Mulher traga uma lembrancinha de lá pra mim. (MARIA ROSENA, 2015, p.3).

Durante os longos anos de romaria, Maria Rosena fez várias amizades: já conhece a dona do Hotel no qual ela e seus familiares se hospedam. Já sabe em qual lojinha comprar santos e fitinhas para levar para aqueles amigos que não puderam ir até a casa do São Francisquinho. A saudade dos ausentes é outro elemento destacado na narrativa da romeira.

²⁸Maria Rosena 77 anos, piauiense, viúva, doméstica, mãe de quatro filhos, romeira há dez anos.

Quem também já fez muitos amigos nas diversas andanças que já fez para o Canindé foi à romeira Francisca das Chagas²⁹. Os laços de amizades desenvolvidos por Francisca se reafirmam a cada romaria. Além disso, o local no qual ela se hospeda propicia um convívio mais direto com romeiros(as) vindos dos mais variados cantos do Brasil. O local é um amplo espaço disponibilizado pelo santuário para a acolhida de romeiros(as), localizado nos fundos do Convento de Santo Antônio³⁰. “A gente convive, é boa a gente faz amizade tem muito amigo da gente, é bom né ruim não, vai dormir todo mundo, fica um monte de rede uns pra um lado outros pra lá, é bom. Já conheci muita gente nessas vindas da gente”. (FRANCISCA DAS CHAGAS, 2015, p.3)

Na cidade santuário de Canindé é possível perceber que é no movimento das crenças compartilhadas que São Francisco ganha novos atributos. O ato de peregrinar é físico e simbólico, é histórico e cultural. Relaciona valores, sentido e significados que podem funcionar como elementos estruturadores da vida. Desse modo, a romaria deve ser compreendida a partir da perspectiva do romeiro enquanto sujeito criativo que cria e recria o objeto de sua crença. Ninguém melhor do que o próprio romeiro para falar da experiência da romaria.

A romaria apresenta uma polissemia de sentidos, podendo conjugar vários atrativos sendo que estes atrativos não são excludentes, pelo contrário combinam-se servindo de suporte para distintas imagens e representações.

O grupo de romeiros(as) que acompanhamos em 2015 seguiu um percurso distinto do percorrido pelos(as) romeiros(as) em 2018. Em 2015 antes de chegarmos à casa do São Francisquinho visitamos outro importante santuário cearense, o de Padre Cícero. A visita a Juazeiro-CE durou uma tarde, chegamos às 12hs e seguimos viagem às 17h30min. A estátua de Padre Cícero foi o monumento mais visitado pelos romeiros(as). No local encontramos romeiros de outros municípios do Maranhão que estavam de passagem, rumo a Canindé, como a romeira Solange³¹, de 47 anos, natural de São Luiz Gonzaga, que estava indo pela

²⁹Casada, mãe de 02 filhos, lavradora, nasceu em Chapadinha-MA, mas desde que casou reside em Timbiras. Sua vida foi marcada por uma muita dificuldade precisou quebrar muito coco babaçu pra sustentar os dois filhos.

³⁰Situado na Praça Frei Aurélio, uma notável obra arquitetônica, construção que data do século XIX o Convento de Santo Antônio, fundado em 4 de outubro de 1898 por Dom Joaquim José Vieira, Bispo do Ceará, tendo como seus primeiros administradores os frades capuchinhos e atualmente pelos frades da Ordem dos Franciscanos Menores. Em seu interior encontra-se a Capela de Santo Antônio, local de oração da comunidade dos frades e dos paroquianos e o claustro, local onde moram os frades menores que atualmente compreendem um número de 07. Destaca-se pela presença em sua torre e pelo badalar dos sinos o antigo relógio de pêndulo que marca sempre a hora exata. Semanalmente são celebradas missas na capela de Santo Antônio as terças às 18 horas. Disponível em <http://www.santuariodecaninde.com>. Acesso em 14 de junho de 2019.

³¹Entrevista realizada em Juazeiro do Norte-CE, no *hall* da imagem do Padre Cícero em setembro de 2015.

primeira vez ao santuário de São Francisco pagar uma promessa feita há 20 anos “e que só agora Deus tava dando a oportunidade dela pagar” (SOLANGE, 2015, p.2).

A prática indicada por Solange é bastante recorrente, diversos romeiros(as) levam vários anos para pagar suas promessas e em muitos casos herdam as promessas feitas pelos pais. Constatado isso, a partir de conversas com distintos romeiros(as) e através de ex-votos que eram identificados com o nome do promesheiro e o nome de quem pagou e/ou depositou o ex-voto na Casa dos Milagres.

Figura 5: Ex-voto deixado no cercado da Casa dos Milagres



Fonte: Arquivos do autor, 2018.

O ex-voto acima foi deixado no cercado da Casa dos Milagres há três anos, como este, vários outros são identificados como sendo promessas feitas por pais e pagas pelos filhos. Em determinados casos, a morte impede que os promesheiros quitem suas dívidas com o santo fazendo com que elas sejam transmitidas aos filhos. Esse é caso da romeira Maria Vilanir³² que herdou a promessa da mãe e teve que cortar seu cabelo e deixá-lo na Casa dos Milagres como forma de cumprimento de promessa. Além do corte de cabelos, Vilanir mandou confeccionar um hábito para usar durante toda a viagem.

³²Maria Vilanir, 67 anos, paulista, não alfabetizada, primeira vez na romaria, casada, lavradora, mãe de 05 filhos, de ascendência cearense.

Figura 6: Uma das formas de pagamento de promessa consiste em cortar os cabelos na cidade de Canindé e deixá-los depositados na Casa dos Milagres.



Fonte: Arquivos do autor, 2018.

A promessa de Maria Vilanir foi paga depois de 20 anos da morte de sua mãe, os motivos que justificavam a demora da quitação da dívida com o santo dizem respeito aos custos elevados da viagem e o baixo poder aquisitivo da romeira. “O importante é que hoje eu estou honrando a promessa da minha mãe” (MARIA VILANIR, 2018, p.4). Nesse sentido, a quebra da promessa é algo impensável para o romeiro, pois o mesmo não concebe suas vivências sem essa relação com o sagrado.

Em 2018 não visitamos o santuário de Padre Cícero, a justificativa para não passarmos em Juazeiro em 2018 foi feita pela *freteira* que argumentou que sairia muito dispendioso e cansativo para os romeiros(as), “eu já fui também em Juazeiro onde Padim Ciço já vim duas vezes só que hoje ficou muito dispendioso. Fica muito cansativa, por isso a gente vem direto para o Canindé” (SANTA, 2018, p.2). A parada até Juazeiro, além de cansativa torna a viagem mais onerosa, em 2015 o preço de uma passagem individual equivalia R\$ 240,00 (duzentos e quarenta reais). Em 2018 a passagem custava R\$ 360,00 (trezentos e sessenta reais). Além do traslado estava incluído no pacote o aluguel da casa.

Quem quisesse visitar a Praia do Futuro na capital Fortaleza precisava ainda desembolsar R\$ 25,00 reais. A alimentação era relativamente acessível na cidade. A maioria dos restaurantes vendia pratos feitos pelo valor de 10,00 (dez reais). Os preços acessíveis eram fruto de um acordo existente entre o santuário e os empresários da cidade. Durante o jantar a “sopa do Aluísio”³³ já era conhecida em todo o bairro, uma fila de romeiros(as) se

³³A sopa era feita com as proteínas que sobravam do almoço misturadas com macarrão.

formava na porta da casa do nosso anfitrião para degustar a saborosa e barata sopa por apenas R\$ 5,00 (reais) o prato.

Após a sopa, os romeiros(as) de mais idade esticavam suas redes para descansar o corpo. A regra implícita era a de incomodar o mínimo possível. Atravessar um corredor cheio de redes esticadas era uma tarefa quase impossível, ligar as luzes era inimaginável. O máximo que eu conseguia fazer era lavar os pés já cansados de tanto percorrer os espaços da cidade e escolher uma única posição para passar a noite. Afinal, como indica a romeira Neidinha³⁴ “porque quem tem fé, tem que dormir pouco e acordar cedo pra começar a caminhada cedo com Jesus e São Francisco” (MARIA NEIDE, 2015, p.4).

A Praça da Basílica é um espaço privilegiado de observação da movimentação da cidade: debaixo de árvores de pequeno porte e ao som de um forró pé de serra, vários romeiros(as) se aglomeravam e passavam o dia sentados em vários banquinhos de madeira, a maioria jogando conversa fora e aproveitando um fresco que era distribuído todos os dias por funcionários de uma empresa da região. A todo instante novos ônibus chegavam à cidade trazendo uma miríade de romeiros(as) que vinham de distintos recônditos do Brasil.

Assim, como os romeiros(as) passei boa parte dos meus dias em Canindé trafegando nessa bucólica e frequentada Praça. Nela busquei observar os distintos sujeitos que por ali passavam, escutando diálogos, entrevistando romeiros(as), descrevendo situações no caderno de campo. Ao mesmo tempo, notei os olhares desconfiados que nos perscrutavam, a resistência à fala em muitas situações. Apresentava-me, inicialmente, aos romeiros(as) como membro de uma pesquisa cuja finalidade era compreender o multifacetado universo da romaria.

Paulatinamente ia me imiscuindo à multidão de romeiros(as) e aos espaços sagrados como o Santuário, a Casa dos Milagres, a Praça da Basílica, aos abrigos públicos e hospedarias. Adentrava os espaços com o intuito de examinar as suas entrelinhas portadoras de significado e sentido para os romeiros(as), pois como pontua Geertz (1989, p.24) “a religião é uma teia de símbolos”.

Outros locais percorridos por nós foram os alojamentos disponibilizados pelo santuário aos romeiros(as) no seminário de Santo Antônio no qual entrevistamos duas

³⁴Maria Neide Pereira da Silva também conhecida como Neidinha Rezadeira, natural de Codó no Maranhão, nasceu em 1957, viúva e mãe de 6 filhos. A devoção de Neidinha teve início com a morte de seu marido em 1984, foi um momento difícil para Neidinha que ficou sem o marido, com seis filhos para criar e sem moradia própria, foi nesse momento que ela se apegou com São Francisco, São Raimundo Nonato e Padre Cícero que possibilitasse a ela um dia um teto para morar com seus filhos.

mulheres e um homem oriundos do município de Timbiras que se localiza nas proximidades do município de Codó no Maranhão.

O seminário é um espaço bastante amplo, calmo e muito limpo. Nas praças próximas ao museu de São Francisco³⁵ vários romeiros(as) se alojam, montam suas barracas, improvisam fogo, estendem redes e aproveitam a romaria debaixo de árvores frondosas que propiciam sombra e ventilação.

Figura 7: Romeiros acampados na Praça do Convento de Santo Antônio.



Fonte: Arquivo do autor, 2018.

Aponta (MENEZES, 2009, p.110) que no Brasil o culto aos santos é um dos canais de manifestação da vitalidade do catolicismo. Durante nossa imersão no campo pudemos observar a força que o *catolicismo santorial*³⁶ possui na vida do romeiro, são várias excursões que saem do Maranhão em direção a Canindé, são homens e mulheres, jovens e crianças que se dirigem ao santuário pessoas de todas as idades que buscam modificar suas vidas com o auxílio de forças sagradas. Os devotos não possuem regras pré-estabelecidas de relacionamento com o campo do sagrado, vão se relacionando à sua maneira com o santo “os devotos vivenciam sua fé como vivem sua vida. O corpo que a experimenta é o mesmo corpo que trabalha, adocece, namora e vai à praia” (SILVA, 2007, p.171).

³⁵O Museu Regional São Francisco, ou Museu de Canindé, atualmente possui mais de cinco mil peças, o local conta com um importante acervo que está aberto à visitação diariamente. As peças mais importantes são: o primeiro cofre da Basílica; uma motocicleta alemã, modelo 1938, que serviu a Frei Policarpo; vários sinos, inclusive os da primeira Igreja de Canindé; pias batismais e diversas imagens sacras antigas, e objetos que contam a história da devoção. Disponível em <http://www.santuariodecaninde.com/>. Acesso em 17 de abril de 2019

³⁶Tem como característica central o culto aos santos. Foi este culto que marcou a peculiar dinâmica religiosa brasileira, de caráter predominantemente leigo. (TEIXEIRA, 2009, p.20)

1.3 - Em um santuário de fluxos: o trânsito de afetos, corpos, objetos e memórias.

A cidade-santuário fervilhava de tanta agitação que as ruas próximas à Basílica ficavam intrafegáveis de tanto comércio que se fazia presente. Vendia-se de tudo: de santos de gesso, a roupas, almofadas, redes, verduras. Os artefatos religiosos comercializados lembram que a cidade é de São Francisco. São canecas, canetas, copos, camisas, velas, relógios de parede, imagens, tudo remete a figura do santo.

Na Basílica, fieis pagavam suas promessas a todo instante: pessoas dormiam no chão frio, no altar, uma miríade de devotos disputava um toque na imagem do santo.

Na Casa dos Milagres, ao lado da Basílica, o trânsito de fieis era ainda mais intenso. A cidade se enfeitava com várias bandeiras ostentando em seus bordados a imagem de São Francisco, os sinos a todo instante badalavam indicando o início de mais uma missa, os foguetes cortavam os céus nas noites de novenário, a multidão de fieis se apertava nas ruas estreitas da cidade para apreciar o relicário todo iluminado de *São Francisquinho*.

As missas na praça são sempre lotadas: as escadarias de acesso tornam-se assentos de romeiros(as). A missa segue sempre muito animada com um coral formado por vozes jovens. Ao final da liturgia eucarística os romeiros(as) se condensam ao máximo que podem para chegar até a fila da comunhão; o que parece uma tarefa bastante difícil em meio a tanta gente, porém para muitos, que vieram de tão longe e enfrentaram questões adversas, essa se torna a menor de todas elas.

Segundo Marcelo Oliveira (2011), o símbolo mais sagrado da cidade é o santuário de São Francisco das Chagas, que:

Passa a maior parte do tempo de portas abertas e permite ao passante cumprimentar o santo como quem cumprimenta a um amigo à janela, tocando de leve na aba do seu chapéu ou fazendo o sinal da cruz. Toda a familiaridade do povo com o santo está nessa igreja e nesse modo de cumprimentar. A igreja de Canindé é um espaço primordial na vida do devoto. Lá, os devotos comunicam ao santo suas necessidades básicas, como moradia, emprego, saúde, que deveriam ser supridas pelas instituições, e lhe confidenciam seus problemas e percepções de ordem mais íntima. (OLIVEIRA, 2011, p.41)

Nas narrativas orais aqui analisadas, é recorrente a afirmação na qual uma das primeiras atividades exercidas pelos os romeiros(as) é a ida até a Basílica, pois é o momento de agradecer e renovar as alianças de devoção com o santo. “A igreja é sempre a primeira coisa, a igreja só chegou em Canindé que arrumamo [sic] um local pra gente ficar tomamo um banho e descemos pra basílica” (LIDUÍNA, 2015, p.3).

É também no altar principal da Basílica que diversos romeiros(as) se revezam para tocar na imagem do santo, uma multidão de fieis pagam suas promessas entrando de joelhos trajando hábitos marrons e de pés descalços numa mostra de despojamento e mortificação do corpo, ideais franciscanos de vida, que são (re)elaborados pelos romeiros(as). As multidões pernoitam dia e noite, suplicando, agradecendo e penitenciando-se no chão da Basílica.

Os bancos da Basílica são sempre lotados pela multidão de fieis que lá estão para comunicar suas necessidades ao santo, foi nesses bancos nos quais escutamos várias histórias de devoção que indicavam a pluralidade de sentidos que o estar nos lugares sagrados de Canindé representava no estreitamento e reatualização dos laços devocionais. Nas laterais da Basílica diversos romeiros(as) descansavam o corpo no chão gélido já muito cansados do longo dia peregrinando na cidade-santuário. Nas ruas próximas à Basílica o comércio fervilhava de tanta agitação, pois:

O limiar que separa os dois espaços indica ao mesmo tempo a distância entre os dois modos de ser, profano e religioso. O limiar é ao mesmo tempo o limite, a baliza, a fronteira que distinguem e opõem dois mundos – e o lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunicam, onde se pode efetuar a passagem do mundo profano para o mundo sagrado (ELIADE, 1996, p.29).

Após o pagamento das promessas vários romeiros(as) se dirigiam às barracas localizadas nas ruas transversais a Basílica para aproveitar os bons preços dos produtos ofertados em decorrência das festividades ao santo. É possível perceber as fronteiras tênues entre os campos do sagrado e do profano nas relações tecidas pelos romeiros(as), quando estão no interior da Basílica, o mundo profano é transcendido.

No entanto, ao saírem desse recinto são levados a um espaço contíguo no qual as ofertas do mundo moderno são apresentadas com toda sua impetuosidade. Como pontua Passos (2014, p.8) “a história da maioria dos brasileiros é de um ser que está permanentemente diante de fronteiras. Esse ser fronteiriço traz, com suas narrativas e imagens, um vasto material de investigação social e histórica”.

Figura 8: Altar principal da Basílica de São Francisco.



Fonte: Arquivo do projeto, 2015.

São verdadeiros cordões humanos que agitam interminavelmente os caminhos. De perto presenciamos homens e mulheres, agricultores, donas de casa, pequenos comerciantes, aposentados, missionários, profissionais liberais, servidores públicos, empresários, que se põem a caminhar em busca de outras paragens. Em certos momentos os logradouros públicos assemelham-se a verdadeiros mercados públicos a céu aberto, já em outros a um centro religioso de peregrinação.

Durante a noite, a festa acontece na Praça do Romeiro uma praça projetada para acomodar 110 mil pessoas que começou a ser construída em junho de 1987, sendo inaugurada em outubro de 1989³⁷, sendo o maior anfiteatro a céu aberto do Nordeste e um dos maiores monumentos sacros do mundo, segundo informações do santuário de Canindé. É nessa praça em que, durante as noites, acontecem às novenas a São Francisco.

As novenas sempre contam com um número significativo de romeiros(as); arrisco-me a dizer que as noites de novena junto com a procissão são as atrações que reúnem a maior quantidade de fiéis franciscanos do festejo. No passo da procissão, o choro, os soluços, as preces, os louvores, os cânticos e as palmas dão o ritmo no cortejo.

O novenário é animado por um frei que reside em Pernambuco, mas que todos os anos é convidado pelo santuário para animar as noites na Praça do Romeiro.

Frei Jonaldo é uma figura bastante carismática e performática. Possui um timbre de voz inesquecível, parece ser bem querido pelos romeiros(as). Fora a figura do animador, as noites do novenário apresentam no seu roteiro cânticos franciscanos, leituras bíblicas,

³⁷Disponível em <http://www.santuariodecaninde.com>. Acesso em 10 de junho de 2019.

homenagem a estados que levam romeiros(as) para Canindé, uma breve partilha da palavra e sempre, no final, uma encenação teatral organizada por grupos do santuário.

Um dos momentos de maior silêncio e observação na praça é durante a pregação e a encenação teatral. Em 2018, o santuário escolheu o tema: *Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz* para balizar as reflexões. Frei Marcone Lins, Reitor do Santuário na apresentação do livro de novena de 2018, argumenta:

Conhecer São Francisco é caminhar com ele através de sua história, é reconhecer que nascemos para construir a paz, tratando todos como criados pelas mãos amorosas de Deus. Foi o que fez São Francisco e é isso que fascina as pessoas, sua história e seu testemunho que há mais de oito séculos mostra sua força espiritual. Nascemos para construir a paz porque quem nos criou é a origem da paz. A humanidade tornou-se violenta quando quis construir sua história negando Deus (Livro de Novena, 2018, p.1).

Nesse sentido, as homílias sempre faziam referência à promoção de uma cultura de paz. Os romeiros(as) eram convidados a imitar a figura de São Francisco em suas ações. Na exortação os padres explicavam a vida do santo dando ênfase ao seu ministério e a sua proposta de humildade, paz e penitência.

O último dia de novena acontece quando São Francisco morre ou transita para o mundo de todos os santos; todos os olhares são voltados para a encenação do trânsito de São Francisco.

Uma novidade presente no novenário de 2018 corresponde à veiculação de entrevistas, sempre ao final da novena. Nestas entrevistas que são transmitidas por dois telões, romeiros(as) que tiveram graças alcançadas narram a concretização de suas promessas. É um momento de bastante comoção: toda atenção é voltada para ver e ouvir as experiências de graças narradas por quem às vivenciou:

Os diversos depoimentos orais mostram como as pessoas chegam até o sagrado. As marcas da oralidade põem em movimento as instituições, os diversos fenômenos, particularmente, os religiosos. A oralidade tem um caráter aditivo, pois traz o passado para o presente, mediante a memória e as incorporações que vão compondo as narrativas, através das experiências e dos sentimentos (PASSOS, 2010, p. 7).

Segundo Frei João Sanning³⁸ (2014, p.4): “São Francisco é o único santo venerado por católicos, venerado por algumas Igrejas evangélicas, respeitado pelos muçulmanos, pelos hindus, pelos budistas, os espíritas têm ele como grande luz. Então é um santo que tem seguidores em outras religiões”. São Francisco é descrito como referência para outras religiões. O trânsito do santo, nos permite compreender alguns aspectos do *trânsito religioso*

³⁸Frade da Ordem Menores dos Franciscanos, um dos responsáveis pelo santuário de Canindé. Frei João concebe a devoção como algo próprio do povo nordestino, povo sofrido que busca no sagrado uma resposta para suas necessidades terrenas

dos seus devotos, praticantes de religião afro. Segundo (ALMEIDA; MONTEIRO, 2001, p.96).

O conceito aponta, necessariamente, para aguda circulação de pessoas pelas diversas instituições religiosas, descrita pelas pesquisas demográficas e sociológicas e a correspondente intensa circulação de ideias, crenças etc. entre as religiões, gerando transformações no tempo e no espaço, das crenças e práticas reelaboradas nesse processo de justaposições, de diversas pertencas religiosas.

Durante a romaria de 2015 nos hospedamos na casa de Dona Ângela³⁹, devota de São Francisco desde 1991, que todos os anos vai a Canindé com o esposo ou com as amigas. Um detalhe sobre nossa anfitriã é que ela é mãe pequena⁴⁰ na tenda de Terecô São Raimundo Nonato, que fica nos fundos de sua casa. Questionada sobre sua devoção a São Francisco e sua relação com o Terecô à mesma afirma:

Não tem relação nenhuma ao Terecô não. A relação que tem é só as promessas que a gente faz, as nossas devoções, né? E nos nossos momentos de orações, né? São voltadas a São Francisco, a São Raimundo, à Nossa Senhora Conceição, né? Esses são na hora das nossas orações são os santos que são direcionados as preces (ÂNGELA, 2015, p.2).

Em seu discurso Ângela afirma não haver relação entre seu terecô e sua devoção a São Francisco. Foi através de Ângela que conseguimos contato com outros romeiros (as) da excursão a Canindé.

Na excursão da qual participamos, além de Ângela, que se afirma umbandista, encontramos o caso de Francisca⁴¹ que se declara protestante. Foi em decorrência de um problema de saúde que a romeira encontrou o santo:

Minha irmã se eu fizer uma promessa pra ti, (aponta para a perna) quando adoeci dessa perna você paga? Pago. Aí ele fez aí eu fui. O primeiro ano que eu fui pra lá, eu ainda tava duente da perna, eu fui três ano com ela doente, aí com três ano ela sarou, que o ultimo curativo dela eu tirei lá, aliás, quando eu cheguei lá ela, ele caiu no chão, aí eu olhei ela já estava toda fechada” (FRANCISCA, 2015, p.3)

Francisca narra que se tornou devota devido a uma promessa que o irmão fez a São Francisco para ela. A enfermidade da devota ainda persistiu por três anos, sua cura foi realizada lá mesmo no santuário, quando o curativo caiu e sua perna encontrava-se sarada. A romeira mesmo frequentando a Assembleia de Deus não deixa de ir à cidade-santuário agradecer ao santo pela cura recebida.

³⁹48 anos, maranhense, ensino médio completo, lavradora, casada, romeira há 15 anos.

⁴⁰A mãe de santo pequena tem menos poder decisório que o pai de santo da casa, porém é detentora de alguns direitos de decisão, sendo a palavra final do chefe. (FREIRE, 2015, p.17).

⁴¹58 anos, maranhense, não alfabetizada, doméstica, viúva, mãe de 2 filhos, romeira há 16 anos.

É possível perceber em Canindé tanto o *trânsito religioso* quanto as pertenças duplas, os cruzamentos, as porosidades, os hibridismos que caracterizam o campo religioso na contemporaneidade, indicando o grande caldeirão de práticas, crenças e tradições que se apresentam como latentes possibilidades de investigação. Para Érico Huff (2009, p.9) “tratar do campo religioso brasileiro é reconhecer a existência de um espaço de produção e circulação de bens simbólicos-religiosos com uma autonomia relativa em relação aos demais espaços onde os bens que circulam são de outra natureza”.

Nesse contexto, o campo religioso configura-se enquanto espaço sociocultural que possui sua lógica própria, sua historicidade e que não pode ser reduzido a fenômenos políticos ou econômicos.

Além das imagens de santos católicos é possível encontrar à venda imagens de caboclos, orixás, pretos velhos em várias calçadas das ruas de Canindé. Em 2015, a romeira Ângela trouxe um quantitativo de 120 imagens entre santos católicos, caboclos, cabeças de cera tudo para abastecer uma pequena loja de artigos de Umbanda que a mesma possui na frente de sua casa.

Figura 9: Imagens de orixás, caboclos, pretos velhos que são vendidas em Canindé. As imagens indicam, respectivamente: Exú duas cabeças, Exú caveira, Tereza Légua, Rei Alab, Preta Mina Juncar, Cabocla Jurema Frexeira, Mestre Dão João.



Fonte: Arquivo do autor, 2018.

Em 2018, tive contato com um grupo de 12 romeiros pertencentes à Umbanda. O contato deu-se em uma das várias manhãs que passei na Praça da Basílica. O romeiro Rodrigo Santos⁴², juntamente com sua família deu prosseguimento à devoção iniciada por sua avó. Além disso, a ida até Canindé faz parte de suas obrigações como umbandista.

⁴²Rodrigo Santos, 38 anos, solteiro, autônomo, natural de Teresina-PI.

Minha avó andou aqui 60 anos com São Francisco. Ela morreu com 106 anos e nós ficuemo segurando a devoção dela a São Francisco, né! (...) Nós somos umbandistas. Nós aqui somos umbandistas [*sic*] nós aqui temos a nossa devoção a São Francisco. Somos umbandistas e amanhã lá vai ter uma gira a São Francisco todo ano dia 04 lá em casa. Nós somos da Umbanda. De Olodum. É por isso que não veio todo mundo porque uma parte ficou organizando a gira (RODRIGO SANTOS, 2018, p.3).

Rodrigo estava com seus pais e alguns integrantes da Umbanda que frequentam a sua casa. A maioria das pessoas do grupo paramentavam hábitos marrons. Indaguei sobre qual era a obrigação e o motivo do uso do hábito. No entanto, o romeiro afirmou que fazia parte da tradição de sua casa.

Em sua narrativa Rodrigo nos conta que já prometeu e pagou várias promessas. Uma delas marca a sua memória de forma peculiar, pois diz respeito à cura de um animal de estimação que o romeiro possuía e que ficou em vias de falecer em decorrência de um câncer.

Os cachorro [*sic*] que tava com câncer desenganado do médico deu bicheira nele todinho tava pingando de tapuru. Nós se valemo de São Francisco e botei o cachorro lá, trouxe o cachorro e botei lá (...) - Sim. Representando ele botei lá no cercadinho de São Francisco e o cachorro *com um mês ficou bom, aí eu trouxe a imagem de um cachorrinho* pra botar lá na Casa dos Milagres pra agradecer o milagre de São Francisco, né! (RODRIGO SANTOS, 2018, p.2 *grifos meus*).

O cumprimento da promessa deu-se a partir da fabricação de um ex-voto representando a figura do cão curado. A celeridade da cura é um elemento que reforça a percepção de confiança no poder milagroso do santo. E são vários os pedidos: questões financeiras, crise nos relacionamentos, problemas de saúde e até mesmo a resolução de questões corriqueiras como doenças dos animais de estimação.

Desse modo, os romeiros(a) vão pagando e realizando novas promessas naquilo que parece uma dívida interminável com seus santos. Quem também fez uma promessa para salvar os seus animais foi à romeira Francisca das Chagas, de 83 anos, natural do Piauí.

Olha a primeira promessa que eu fiz, que eu lembro, a primeira promessa que eu fiz pra São Francisco, eu tinha muita galinha, tinha muito capão, de primeiro a gente capava os franguinho pra fazer aqueles capão deste tamanho, aí deu a *doença nas galinhas*, aí amanheceu tudo tristinho assim (encosta a cabeça na parede), quando eu olhei que eu vi minhas galinhas tudo tristinha meus capozão [*sic*] deste tamanho assim, que eu criava muito, aí eu falei assim: - Ah meu senhor São Francisco me ajude que minhas galinhas não morra tudo, que eu vou, naquele tempo era baratinho vendia né, eu vou tirar, se minhas galinhas não morrer tudo, eu vou tirar o maior capão que tiver vou vender e vou mandar a oferta pra São Francisco das Chagas, pois *no outro dia amanheceu tudo levantado acredita?!* Levantou tudinho, aí que peguei vendi o capão, porque a gente chama capão deste tamanho assim (indica com as mãos a estatura do animal), vendi e mandei a oferta aqui pro Canindé pra colocar no cofre de São Francisco. (FRANCISCA CHAGAS, 2015, p.3, *grifos meus*)

Foi através da cura de suas galinhas que Francisca das Chagas tornou-se devota de São Francisco, é possível perceber através da narrativa dos romeiros que os pedidos brotam do cotidiano, da vida doméstica.

São Francisco configura-se, assim, como santo de todas as causas, pois mesmo quando não tem poder sobre os problemas, resta-lhe o prestígio junto a Deus e a Cristo. É o que institui as lembranças do romeiro Raimundo das Rochas.

E São Francisco não é um santo, ele é um enviado de Deus. Ele pede e Deus faz inclusive ontem o padre falou que São Francisco é um homem de Deus. São Francisco pede e Deus faz, organiza ai o romeiro consegue a graça ai vem pagar a promessa que ele faz com eles (RAIMUNDO DAS ROCHAS, 2018, grifos meus).

Padre Cícero também transita na cidade santuário de Canindé: “é como se espaço de Canindé participasse de Juazeiro no plano do sagrado, como se os dois santuários comungassem a mesma direção” (SILVA, 2007, p. 72). Em muitas narrativas os romeiro(as) indicam sua admiração e devoção também por Padre Cícero.

Sou devoto de São Francisco e Padre Ciço, eu nunca fui pelo festejo, só venho assim quando é tempo daqui e eu passo por lá para botar a joia do Padre Ciço. Padre Ciço gostava de um chapéu. Ali no Crato tem um mato dele que não tem um cipó cortado. A minha avó dizia: - Quem não vem ao Juazeiro em vida quando morresse tinha que passar lá, e eu fui logo, mas se de morto der de eu passar, eu quero passar. Já tem cinco anos que eu vou por lá. (FRANCISCO, 2015).

Uma imagem de Padre Cícero pode ser contemplada no *hall* de entrada da Casa dos Milagres:

Figura 10: Imagem de Padre Cícero presente do hall da Casa dos Milagres.



Fonte: Arquivo do autor, 2018.

Em Bacabal, visitamos o seminário franciscano e entrevistamos Frei Francisco que discorreu sobre as motivações que levam esses homens e mulheres a saírem de suas casas

todos os anos em direção à cidade-santuário de Canindé. Frei Francisco explicou que os festejos de São Francisco em Bacabal acontecem em datas diferentes das de Canindé. Em Bacabal o festejo é na segunda semana de setembro, período no qual São Francisco recebe as chagas. O Frei destacou que na cidade o festejo é muito bonito, com uma linda procissão de encerramento que percorre vários bairros da cidade e aglutina multidões.

Durante o trabalho de campo em Canindé foi possível, além de romeiros de Bacabal encontrar romeiros de outros municípios do Maranhão, por onde a devoção franciscana foi se disseminando. Nesse sentido, o quadro elaborado foi fruto de mapeamento que realizamos dos municípios maranhenses que possuíam romeiros em Canindé.

Quadro 1: Cidades Maranhenses com romeiros em Canindé.

BARÃO DE GRAJAÚ	PAULO RAMOS
TIMON	OLHO D' ÁGUA DAS CUNHÃS
TIMBIRAS	ALTO ALEGRE
CODÓ	ESPERANTINÓPOLIS
CAXIAS	COELHO NETO
IMPERATRIZ	PRESIDENTE DUTRA
VITORINO FREIRE	PARAIBANO
SANTA HELENA	COROATÁ
SÃO LUIZ GONZAGA	PINDARÉ
ITINGA	SANTA INÊS

Fonte: Dados obtidos durante o trabalho de campo (2018)

Os dados com as estimativas da quantidade de romeiros (a) que cada cidade leva para Canindé não foram possíveis, pois não há um controle por parte dos organizadores das excursões e, segundo a Secretaria do Santuário, nem todos os *freteiro(a)* mantêm contato com o setor de romarias para que se possa realizar um registro da quantidade de romeiros.

Dentre os municípios que organizam as maiores excursões destacam-se Codó, Caxias Imperatriz, Santa Inês e Bacabal. O município de Codó apresenta um dos maiores contingentes de romeiro(as) em Canindé. Há 29 anos o empresário da cidade Francisco Oliveira, mais conhecido como Chiquinho, disponibiliza carretas de sua empresa para ida a Canindé. Morador da cidade há 38 anos, Francisco foi migrante cearense e conseguiu vencer

na vida graças à intervenção de São Francisco. No período do festejo as carretas se transformam em lotados “paus-de-arara”⁴³.

No ano de 2014 em decorrência das eleições o festejo foi transferido para os dias 09 a 19 de outubro. Nesse mesmo ano, uma ação conjunta do Ministério Público Federal e Estadual do Ceará, resultou na operação batizada de “Romaria Segura”⁴⁴, cujo objetivo foi barrar o modo de transporte (pau de arara) utilizado pelos romeiros para chegar até a cidade santuário, o ministério advogava que o tipo de veículo oferecia riscos à vida dos passageiros.

Na ocasião, cerca de dois mil romeiros que seguiam da cidade de Codó – MA para Canindé em 16 carretas e oito caminhões foram barrados. Segundo reportagem disponível no *site* de notícias G1 Ceará, os romeiros interditaram a BR-343, ainda no estado do Piauí queimando pneus em sinal de protesto contra a paralisação.

Na cidade de Canindé, fiéis realizaram uma caminhada de protesto contra a paralisação dos romeiros. O santuário e a prefeitura também se pronunciaram sobre o caso manifestando total indignação contra a ação do Ministério Público, ação essa que segundo a Prefeitura gerou uma diminuição no número de romeiros e um consequente prejuízo para a economia local e regional.

Maria Neide, 59 anos, codoense narra a tristeza vivida pelos seus conterrâneos ao serem impedidos de chegar à cidade-santuário:

(...) Foi muita tristeza muito choro[*sic*], nós, eu fui uma pessoa aqui no Canindé que participei da caminhada, que nós fizemos uma grande *revolução* aqui na cidade de Canindé, *fumo pra porta do Fórum fizemo caminhada na cidade mesmo, pedindo justiça e paz e proteção por nós e por nossos amigo que queria chegar e não puderam, mas que tivessem muita paciência e não se desesperasse e nós fomos contemplados graciada, que nós ganhamo a visita de São Francisco em Codó Maranhão, porque os romeiros não puderam chegar*. A maioria era de lá e ele foi nos visitar. Foi um dia de louvor, de paz, muita festa para todos nós romeiros, e para os codoenses e para todos aqueles municípios que se encontravam ali. (MARIA NEIDE, 2015,p.3 *grifos meus*).

A revolução indicada na narrativa de Maria Neide diz respeito à caminhada organizada pela cidade santuário em sinal de protesto contra a ação dos Ministérios Públicos. Porém, os romeiros não chegaram, mas o santo foi ao encontro deles. Pela primeira vez, a imagem do santo saiu do santuário e veio até Codó-MA, visitar os romeiros.

⁴³Meio de transporte irregular, consiste em se adaptar caminhões para transporte de passageiros, constituindo-se em substituto improvisado para os ônibus convencionais.

⁴⁴Operação iniciada no dia 06 de outubro de 2014, em decorrência de uma ação conjunta dos Ministérios Públicos Federal e Estadual do Ceará. A ação foi realizada simultaneamente pelos estados do Ceará, Maranhão, Piauí e Pernambuco. Disponível em <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2014>.

A romeira Maria Neide aciona ainda na sua narrativa uma quebra de “tradição” provocada pela operação Romaria Segura, uma vez que a ida de pau de arara até a cidade-santuário, já é vista como forma de despojamento, de imitação da vida de São Francisco que tanto faz pelas gentes pobres do Nordeste:

Agradeço a meu glorioso São Francisco nossa caminhada era de pau de arara, mas você sabe nós ajudamo o piqueno [*sic*] e o grande e quando chega o momento as forças maior tá tirando nossa tradição de romeiro de pau de arara, que é lindo maravilhoso e é gostosa. A romaria de ônibus é bom, mas como o pau de arara não tem, num tem, é incomparável, mas tudo pode naquele que nos fortalece que é o Senhor Jesus e São Francisco e Deus tem puder pra remover as montanhas, quem sabe se um dia o pau de arara num retorna, né na nossa romaria como nosso amigo aqui falou. (MARIA NEIDE, 2015, p.3)

O grande indicado na narrativa da romeira diz respeito à ação do Ministério Público que inviabilizou o transporte pau de arara como descrito acima, porém o desejo e a esperança é que um dia a romaria de pau de arara volte. Outros romeiros já se adaptaram ao conforto e segurança dos ônibus como é o caso da romeira Maria Francisca.

Maria Francisca, romeira há 12 anos preconiza em sua narrativa os desconfortos causados pela viagem de pau de arara:

Nessa época nos vinha era nesses pau de arara mesmo, a gente vinha é muito ruim, não é bom não, porque a gente cochila tem aquelas bancadas de pau ficava sentado assim, tinha vez que a testa da gente chegava em casa doída, só da gente cochilar e bater com a testa em cima, pois é, não era bom não, mas a gente vinha, pra gente vim, pra ver São Francisco a gente vinha feliz demais. Chegava nos postos a gente botava uma toalha no chão e deitava ficava um monte de gente deitado aí depois que nos vem de ônibus é bom. (MARIA FRANCISCA, 2015, p.2, grifos meus)

Apesar dos desconfortos ocasionados pela viagem, a felicidade era nutrida, pois eles vinham mais uma vez vivenciar a experiência única da romaria. No entanto, a comodidade e o conforto proporcionado pelos ônibus são ressaltados pela romeira, porém o alto custo da viagem impossibilita a romeira de vir e trazer o marido junto. É preciso fazer uma escolha, a viagem da romeira sempre é feita com uma netinha que ela cria.

A ida da imagem do santo franciscano até o Maranhão aconteceu em dezembro de 2014, e contou com a participação de uma grande comitiva dentre frades e religiosas; equipe de estrutura, liturgia, acólitos, músicos. Sob a coordenação dos Freis João Amilton, Pároco e Reitor do Santuário e do Frei Jean Sousa, Guardião do Convento de Santo Antônio. A comitiva foi recepcionada por uma multidão de 30 mil fieis oriundos de várias cidades do Maranhão e Piauí que acompanharam o santo ao longo de sua estadia na cidade de Codó.

A romeira Maria de Nazaré⁴⁵, de Codó indica em sua narrativa que o festejo de São Francisco em Codó reúne mais fiéis que o de Santa Rita, padroeira da cidade.

Muito grande. Muito animado, muito bonito lá. O festejo de São Francisco lá em Codó tá quase acompanhando a daqui, muita gente o festejo que dá mais gente é o de São Francisco até que o da Santa Rita que é a padroeira, mas o de São Francisco tá dando mais gente (MARIA DE NAZARÉ, 2015, p.3).

Na cidade de Codó o culto a São Francisco é muito intenso como ressaltado pela romeira. A pobreza, humildade e obediência são instâncias compartilhadas pelos fiéis que acreditam na intervenção do santo milagroso⁴⁶. Conforme Ahlert (2011, p.10)

Contudo, na maioria dos casos, as pessoas consideram que existe uma relação entre a “humildade do santo” e a pobreza da cidade: “é um santo simples, para um povo simples” – me disse uma professora quando estávamos na procissão de São Francisco. A semelhança entre o ‘estilo’ de vida do santo e as condições compartilhadas da vida dos sujeitos, pressupõe uma identificação entre ambas.

No festejo de 2015, vinte ônibus saíram de Codó em direção a Canindé e contavam com o apoio do empresário Francisco Oliveira e de um famoso pai de santo da cidade, conhecido como Bitá do Barão. Era a 34ª romaria da cidade de Codó a Canindé, organizada por Chiquinho, como é conhecido o empresário. Durante o festejo de 2015, o santuário organizou uma bela acolhida aos romeiros de Codó que ficaram alojados no CAIC (Centros de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente), em sinal de alegria ao vê-los novamente em terras canindeenses.

Bitá do Barão também organizava romarias para Canindé, à venda de passagem e a saída dos carros para a cidade-santuário acontece na Tenda de Umbanda Iemanjá, a maior da cidade de Codó.

O maior pai-de-santo da cidade, Mestre Bitá do Barão, também é devoto de São Francisco, e há muitos anos organiza ônibus e um local para suas filhas-de-santo, seus familiares e interessados se hospedarem em Canindé. Além disso, o próprio pai-de-santo frequenta a cidade em outros momentos do ano e faz promessas ao Santo na sua Basílica em Roma. Os ônibus de Mestre Bitá saem e retornam nos mesmos dias das carretas de Chiquinho (AHLERT, 2011, p.5)

Martina Ahlert (2011) analisa a partir dos eventos em torno de São Francisco de Assis, as várias formas de celebrar santos e encantados na cidade de Codó-MA. A antropóloga,

⁴⁵Maria de Nazaré Muniz nasceu em 1951, natural de Codó-MA, lavradora quebrou coco para sustentar seus 14 filhos, tronou-se devota de São Francisco após a morte de uma das filhas.

⁴⁶“Representação comumente acionada para referir-se a São Francisco. Foi possível perceber a recorrência dessa ideia-imagem em narrativas de romeiros (as), em discursos de freis na *cidade santuário* de Canindé e em letras de músicas cantadas durante o festejo”. (FERREIRA, 2016, p.3)

através de observações participantes e realização de entrevistas, busca perceber os deslocamentos presentes entre diferentes pertencimentos religiosos na cidade. Desse modo:

Codó é uma cidade relicário, com suas rezas, ladainhas, novenas, visitas aos mortos, festejos, tambores- composta não apenas dos santos, mas, também pelos encantados. Muitas das atividades que preenchem esse relicário são realizadas sem apoio da Igreja Católica ou do poder público (a lembrar que as tendas são consideradas de utilidade pública, mas, não possuem a documentação para serem registradas como tal). É interessante pensar estes festejos dentro desse contexto, na manutenção e transformação de ritos herdados por gerações familiares e cultivadas com apreço, beleza e estratégias diversas diante da escassez dos recursos econômicos e dos “aperreios” da vida. (AHLERT, 2011, p.3)

Nessa seara, Ahlert observa dois eventos que a permitem vislumbrar as interpenetrações religiosas que acontecem na cidade relicário: a ida e o retorno de Canindé, no Ceará, e o festejo da Tenda de Umbanda da mãe-de-santo Luiza. Através de Dona Luizinha (como a autora chama a mãe de santo) foi possível a antropóloga entrever “o traçado entre o deslocamento e a romaria católica e a Tenda de Umbanda e Terecô Santa Helena, em Codó” (AHLERT, 2011, p.4).

O catolicismo no Brasil apresenta-se numa rede complexa e plural, desse modo, na devoção franciscana presente no Médio-Mearim maranhense é possível entrever as diversas faces de uma tradição religiosa que se expressa nos comportamentos e práticas de devotos (as). É através das práticas devocionais que as dimensões sagradas do santo são reatualizadas. O santuário é tido como espaço de grande efervescência onde existe um trânsito intenso de corpos e objetos.

Ser devotado a um santo contribui para afirmar também uma personalidade baseada em ações, discursos e experiências que moldam o indivíduo na direção do objeto sagrado. A movimentação aos locais sagrados reafirma a religiosidade e a fé como fatores identitários de uma sociedade enquadrada na crença. Em pleno século XXI, as romarias/peregrinações são essenciais para a sobrevivência do homem, pois mobilizam um grande contingente de pessoas no mundo promovendo momentos especiais, de sociabilidade, fé, esperança, solidariedade e pertencimento.

Canindé representa um mosaico no qual distintas e interessantes experiências de devoção se desenvolvem. A cidade é relativamente pequena, muito quente, especialmente nessa época do ano (setembro e outubro), possui pouca infraestrutura, aliás, esse é um dos embates que a cidade-santuário tem enfrentado ao longo dos tempos com as políticas públicas da região. Canindé é essa cidade-santuário que tem na devoção dos romeiros sua marca principal, são sujeitos que vivem, oram, compram, comercializam, brincam, constituem o

alicerce e o cimento da cidade. São lavradores, domésticas, costureiras, quebradeiras de coco, homens e mulheres chagados pelas adversidades da vida que buscam no São Francisquinho um subterfúgio, um auxílio, um amigo.

A cidade é, pois, descrito pelos romeiros(as) como lugar de fraternidade, felicidade e solidariedade, onde todos se congregam, onde está a alegria da vida, onde a doçura da vida pode ser encontrada e vivenciada. Para Ângela, romeira de Bacabal, estar em Canindé é algo inexplicável: “Hum hunn! É aquele momento de reflexão que a gente sai é um encontro, é assim a gente vai encontrar com alguma coisa num tem, a gente não tem como explicar, eu não tenho como explicar. Eu sei que é maravilhoso”. (ÂNGELA, 2015, p.3).

Em relato dos romeiros é recorrente afirmar que após o término do festejo voltam para casa com o coração satisfeito; felizes por terem ido mais um ano na casa do santo milagroso. E quando chegam em casa, já se inicia a maratona para o próximo ano. Trabalham o ano todo guardando uma pequena quantia para visitar o São Francisco em sua casa. São homens e mulheres de fé que vivem no mundo e se relacionam com o sagrado. Sem se distanciar de suas práticas cotidianas de vivência.

Nesse contexto, a lição maior da romaria de São Francisco das Chagas é revelar a possibilidade de o homem interpretar, criar e recriar sua cultura, conferindo-lhe significado. Nesta sociedade contemporânea as manifestações populares continuam reinventando seus gestos e reavendo sua identidade, enquanto grupo. Forma de (re)construir o religioso: “O catolicismo popular é, portanto, uma cultura em movimento. Reconstrói grupos, pessoas, lugares e temas. Historicizar seu processo festivo é o desafio da memória” (PASSOS, 2014, p.13).

CAPÍTULO 2º - EXPERIÊNCIA E NARRATIVIDADE NA CIDADE-SANTUÁRIO DE CANINDÉ

Neste capítulo discutiremos no primeiro tópico, os mitos fundadores que visam atestar a sacralidade das terras canindeenses. É importante destacar que tais mitos são narrativas que servem de referência para o surgimento de uma comunidade ou evento, contando ainda como fator de identificação para um determinado grupo social, nem por isso constituindo-se em ausência de conflitos, tampouco numa verdade absoluta, sendo na prática uma história construída coletivamente, com alguns elementos que são comuns e outros interpretados conforme o contexto em que cada indivíduo vive no meio social. Início enfatizando dois elementos fundantes do processo de sacralização, quais sejam: os *primeiros milagres* que mitificaram a construção da antiga capela de São Francisco de Canindé e *a ação da Igreja* na viabilização e desenvolvimento do culto, bem como seu trabalho em dar-lhe um formato oficial.

Em Canindé, ainda nos tempos da Colônia se iniciou o quadro devocional a São Francisco, religioso que viveu nos territórios que formariam a Itália, sendo oriundo de uma família abastada. Francisco rompeu com a ideia de riqueza e passou a dedicar a vida no sentido de auxílio aos pobres e necessitados. E o Ceará se coloca para o mundo como detentor de um espaço, que, sob o crivo da Igreja Católica, se desenvolve sob os auspícios da experiência oficial. No segundo tópico discutimos o processo de sertanejização do santo italiano. Assim, a figura de São Francisco é configurada ao longo do trabalho através das atribuições dos romeiros, forjadas em contato ou não com as hagiografias oficiais. Nos romeiros, encontramos o santo de Assis nos sertões. O santo das Chagas formado à imagem e semelhança do devoto que o venera.

Por fim busco explorar as *interpretações dos romeiros*, testemunhando e narrando milagres seus ou de pessoas próximas, reforçando assim a crença no poder do santo e em sua morada sagrada. Neste sentido, continuo focalizando a própria romaria dos devotos vivenciada como uma necessidade de encontrar-se no espaço primordial do pedir e agradecer. Desenvolvo um estudo sobre a forma pela qual os fiéis explicitam e discutem suas angústias, seus comportamentos, suas razões, suas necessidades. Abordo ainda a prática de fazer promessa, dimensão que perpassa toda a pesquisa.

2.1- A sacralidade do espaço de Canindé

Canindé tem sua história de formação vinculada a devoção a São Francisco de Assis, que se fez ao longo do processo de colonização, um dos santos mais cultuados pelo povo

brasileiro. É necessário ressaltar que uma cidade é o resultado de um processo histórico no qual se inserem variados elementos.

Na ocupação do território brasileiro e, no caso do Ceará, a doação de sesmarias à margem dos grandes rios se fez comum. Às margens do rio Canindé desenvolveu-se um núcleo de povoamento, que trouxe como marca fundante a elevação de uma capela em devoção a São Francisco, que logo de início se reverberou pela ocorrência de milagres, atribuído à intervenção do Santo de Assis.

O sertão tem como marca a pecuária e depois o algodão, no entanto não foi a exploração dessas atividades econômicas que fez com que Canindé se tornasse (re)conhecida. Canindé figura, desde os tempos coloniais, como lugar onde a religiosidade se expressa como marca fundante. Assim, indica Álvaro Martins:

Nos fins do século passado, o português Francisco Xavier de Medeiros, vindo com uma bandeira dos sertões da Paraíba, estabeleceu-se à margem do rio Canindé. Em virtude de explorações feitas naquelas zonas, e pelo direito de sesmarias, ali se transportaram mais tarde o comandante Simão Barbosa Cordeiro; Julião Coelho da Silva, que lançou os fundamentos da fazenda Longá, e deu nome ao afluente do Canindé. A ereção da antiga capela de S. Francisco das Chagas data do ano de 1775, e foi iniciada pelo primeiro donatário das terras do Canindé, sendo a doação das terras, que constituem o patrimônio da mesma, feita em 1787 pelo capitão Antônio Alves Bezerra (MARTINS, 1898, p. 2).

As impressões definidas pela Historiografia cearense dão indícios que a experiência religiosa teve um papel incisivo na definição dos contornos da cidade. Nesse sentido, percebemos que foram as marcas da religiosidade que vão definir as alterações.

Lucília Maria Oliveira Silva (2007, p. 45) analisa as discussões acerca do processo de sacralização do espaço de Canindé e de como está foi sendo reafirmada e vivenciada pelos devotos. A autora indica os possíveis milagres que mitificaram a antiga capela de São Francisco. Segundo ela, a história de sacralização do santuário está ligada à tradição e à oralidade. São histórias difundidas e reafirmadas pelo povo.

Os mitos fundadores estão relacionados a sinais, alianças entre São Francisco e o local escolhido, as histórias mais difundidas dizem respeito ao processo de construção da capela.

Álvaro Martins no seguinte trecho apresenta as circunstâncias miraculosas em que se originou o santuário:

O movimento de romeiros, que se tem estabelecido em torno da capela de São Francisco, data da fundação da mesma nos fins do século 18. Já no começo deste século era grande o número dos que se dirigiam aquelas paragens; assim o atestam as tradições que nos foram transmitidas pelos nossos avós (...). Conta-se mais que, quando o português Xavier de Medeiros deu começo a ereção da capela, o terreno escolhido para este fim pertencia a

três proprietários. Sucedeu, porém que, depois de iniciadas as obras, aqueles se negaram a ceder o terreno. E logo um deles caiu gravemente doente, falecendo poucos dias depois. Igual sorte teve o segundo. O terceiro e último sentindo-se também doente, fez votos a São Francisco, de não mais pôr obstáculos a edificação de seu templo, e assim conseguiu restabelecer-se imediatamente. Estes fatos, e outros não menos significativos, fizeram ao que parece nascer à confiança do povo daí deriva naturalmente a corrente religiosa, que tem aumentado progressivamente através do século (MARTINS, 1898, p. 13).

Conforme o autor, uma discussão envolvendo o terciário franciscano, Xavier de Medeiros, suposto fundador da capela, e três irmãos que reivindicavam a posse do terreno de construção, teria sido um dos sinais de manifestação da sacralidade do local. Na ocasião da contenda, dois dos irmãos morreram; o terceiro ficou gravemente doente e, por sua vez, fez promessas a São Francisco: se escapasse da morte, não colocaria mais dificuldades à edificação da capela.

É possível perceber que a manifestação do sagrado dá-se inicialmente por uma disputa de terras. A briga envolvendo o terciário franciscano, Xavier de Medeiros e os irmãos foi resolvida atestando a sacralidade do lugar. Essa intervenção divina se deu de forma quase violenta, no entanto exemplar. As terras foram cedidas em troca do reestabelecimento da saúde do último irmão.

Álvaro Martins dando continuidade à parte histórica de sua obra sobre as origens de Canindé apresenta mais um milagre. Trata-se de um acidente de trabalho durante as obras de construção da capela. Um pedreiro teria se desprendido do auto de uma das torres e valendo-se de São Francisco, “ficou suspenso do ar, preso pela camisa à extremidade de um andaime, d’onde foi retirado são e salvo, recomeçando a trabalhar (MARTINS, 1898, p. 3).

No que se refere à data de início de construção da primeira capela não há um consenso entre os pesquisadores, e nem fontes que comprovem tal fato. As pesquisas de um religioso franciscano sobre a cidade de Canindé, Frei Venâncio Willeke (1906-1978) empreende esforços para traçar os caminhos da devoção à São Francisco na cidade, como também de apresentar os religiosos pelo território cearense.

Na segunda edição de sua obra, Willeke afirma que a construção da primeira capela data do ano de 1775, argumenta ainda que a segunda teria sido projetada por Xavier de Medeiros, após 1787 no mesmo local da primeira, levando dez anos para ser concluída em 1796.

Já o autor Álvaro Martins defende que se tenha iniciado em 1775, no entanto não por Xavier de Medeiros, mas pelo primeiro donatário das terras do Canindé, tendo sido suspenso os trabalhos em 1776 devido a grande seca que assolou a região (MARTINS, 1898, p.2).

No entanto, apesar da escassez de fontes oficiais sobre o período de construção da capela, o santuário de Canindé foi narrado e configurado proficuamente pela “tradição”. Esta encontrou lugar cativo na escrita de alguns cronistas, que registraram uma oralidade preta de versões e milagres.

Álvaro Martins, em 1898, discorrendo sobre as origens de Canindé, escrevia no preâmbulo de sua obra:

Em fins de Maio do ano passado, os editores Cunha, Ferro & C^a, procuraram-me por duas vezes em minha residência, e pediram-me com insistência que escrevesse um livro sobre SÃO FRANCISCO de Canindé, visto possuir eu larga cópia de notas e documentos relativos à milagrosa capela. Faltando-me estudos especiais e competência para escrever sobre assunto de tanta magnitude, relutei a princípio; porém, depois melhor inspirado, e já tendo adotado um plano geral de obras descritivas sobre o Ceará, no intuito de torná-lo bem conhecido, resolvi traçar as paginas que ora submeto à apreciação do público. É este um livro escrito para o povo, e como tal o fiz em linguagem singela e simples, ao alcance de todas as inteligências e cultivos. Bem se vê, nesta obra, o leitor não deve procurar grandezas de estilo, nem sutilezas de arte. O assunto, porém recomenda a obra; e, se esta não pode valer pelos recursos intelectuais que falecem ao autor, vale ao menos pela boa intenção que a ditou e pelo esforço empregado na sua confecção (MARTINS, 1898, p.2).

Nesse sentido, buscava o autor organizar o espaço canindeense a partir das narrativas já em curso na oralidade. Organizar os sentidos, justificar o santuário, explicar sua sacralidade.

Apesar de ser tratado como cronista e de sua relutância em iniciar a obra, ao assumir tal tarefa Álvaro Martins deu início a seu ver e aos olhos dos seus leitores, a uma obra de História, pois como afirmava ainda no preâmbulo possuía larga cópia de notas e documentos sobre o assunto. As narrativas de memória se fizeram História.

Em 1907, outro pesquisador, Augusto Rocha, na primeira edição de sua obra Santuário de São Francisco de Canindé, reproduz alguns milagres descritos por Álvaro Martins. Assim:

Quanto aos fatos extraordinários que de relacionam com a Igreja, ouvimos alguns a pessoas de inteiro crédito e a tradição forneceu-nos outros, e assim transmitimo-los ao leitor com toda a simplicidade, omitindo qualquer opinião pessoal. Igualmente utilizamo-nos de diversas informações a respeito da Igreja, encontradas em “A Capela Milagrosa”, de Álvaro Martins, à qual não nos cingimos inteiramente por encontrarmos nela diversos erros históricos, os quais refutamos com argumentos inconcussos nestas páginas ligeiras. Procuramos, em todo este trabalho, empregar uma linguagem chã, simples e sem artifícios, por julgarmo-la conveniente à índole desta obra, que se destina ao povo em geral. (ROCHA, 1907, p.2)

Augusto Rocha atribui, assim como Álvaro Martins aos fatos extraordinários que, segundo ele, “ouvidos de pessoas de inteiro crédito”, de seus “antigos”, da tradição de seus

“avoengos”, correm com “bons fundamentos” a origem principal das peregrinações a São Francisco de Canindé e acrescenta:

Remontamos, portanto, o início da devoção a São Francisco a essa época remota e podemos afirmar que as primeiras manifestações extraordinárias da intercessão do Santo, no Santuário datam do tempo da construção do mesmo. Hoje os fatos extraordinários são tão frequentes que atraem a admiração pública (...). O eco desses primeiros acontecimentos prodigiosos repercutiu ao longe, e, desde então, uma corrente contínua de romeiros entra constantemente às portas do magnífico templo, que se ergue, majestoso e severo, escarnecendo na sua estrutura basáltica dos séculos efêmeros, e traduzindo, no idioma mudo da sua consistência pétreia, - a estabilidade perpétua da Igreja de Roma (ROCHA, 1907, p. 5).

Nesse contexto, dava-se a expansão do culto de um São Francisco já conhecedor das chagas do povo do sertão. Crença esta desenvolvida mais pelo “eco” das graças concedidas do que pela hagiografia oficial do santo. Dessa forma, o sertão de Canindé fora se constituindo enquanto espaço tempo do sagrado por excelência.

Assim, as narrativas sobre as origens do lugar, as descrições que reúnem eventos e personagens, pouco a pouco, vão ganhando formato sobre distintos gêneros textuais. Antes que os elementos se configurem como domínio da História, tudo repousa no encantador universo da memória. O século XX assistiu a um crescimento de estudos sobre a memória nos contextos das tradições dos saberes, anunciados como científicos. Da Biologia à Medicina, da Antropologia à Educação, são por demais expressivas as distintas produções que tratam das relações com a memória, em especial, com a História.

Não há dúvida de que a possibilidade de registrar a vivências de grupos cujas histórias dificilmente eram estudadas representou um avanço para às Ciências Humanas. Mas seu reconhecimento só foi possível após amplo movimento de transformação dessas ciências, que, com o tempo, deixaram de pensar em termos de uma única história ou identidade nacional, para reconhecer a existência de múltiplas histórias, memórias e identidades em uma sociedade. (ALBERTI, 2006, p. 158).

Ao indicarmos o trabalho com a memória convém conhecer a trajetória da mesma, sinalizando quais os caminhos que a memória imprime sobre o ato de escrita da História. Ao analisar tal percurso Jacques Le Goff aponta:

A passagem da memória oral à memória escrita é certamente difícil de compreender. Mas uma instituição e um texto podem talvez ajudar-nos a reconstruir o que se deve ter passado na Grécia arcaica. A instituição é a do *mnemon* que "permite observar o aparecimento, no direito, de uma função social da memória". O *mnemon* é uma pessoa que guarda a lembrança do passado em vista de uma decisão de justiça. Pode ser uma pessoa cujo papel de "memória" está limitado a uma operação ocasional. Por exemplo, Teofrasto assinala que na lei de Thurium os três vizinhos mais próximos da propriedade vendida recebem uma peça de moeda "em vista de lembranças e de testemunho". Mas pode ser também uma função durável. O aparecimento

destes funcionários da memória lembra os fenômenos que já evocamos: a relação com o mito, com a urbanização. Na mitologia e na lenda, o mnemon é o servidor de um herói que o acompanha sem cessar para lhe lembrar uma ordem divina (LE GOFF, 1990, p. 437)

Como posto pelo historiador, remonta a tradição clássica o reconhecimento social de alguém cuja função consistia em fazer o registro das memórias. Ao mesmo tempo, em que a elaboração de códigos escritos implica diretamente sobre a regulação do que de fato seria reconhecido como integrante da memória. Ao se debruçar sobre a história social da memória, Le Goff destaca de que modo se institui uma ideia de memória coletiva, como resultado das transformações sociais.

A evolução da memória, ligada ao aparecimento e à difusão da escrita, depende essencialmente da evolução social e especialmente do desenvolvimento urbano: "A memória coletiva, no início da escrita, não deve romper o seu movimento tradicional a não ser pelo interesse que tem em se fixar de modo excepcional num sistema social nascente. Não é pois pura coincidência o fato de a escrita anotar o que não se fabrica nem se vive cotidianamente, mas sim o que constitui a ossatura duma sociedade urbanizada, para a qual o nó do sistema vegetativo está numa economia de circulação entre produtos, celestes e humanos, e dirigentes. A inovação diz respeito ao vértice do sistema e engloba seletivamente os atos financeiros e religiosos, as dedicatórias, as genealogias, o calendário, tudo o que nas novas estruturas das cidades não é fixável na memória de modo completo, nem em cadeias de gestos, nem em produtos (LE GOFF, 1990, p.433).

Surge aqui um novo desafio, que é o de compreender a ideia de uma memória coletiva. Já que não é possível deter ou fixar tudo na memória, os elementos de nossas lembranças são compartilhados pelos grupos dos quais fazemos parte, quer dizer que a memória individual em última instância é coletivizada.

Confirmando as observações feitas pelo historiador acima citado, vamos considerar um exemplo para melhor perceber as evidências alinhadas aos quadros da memória coletiva da cidade. Outro caso recorrente nos relatos dos romeiros é o Milagre da Menina Perdida, que tem sua data de registro em 1907, quando uma menina desaparece nas matas do Amazonas e seus pais, desesperados depois de tanto procurar, e não ter retorno fazem promessas a São Francisco: se devolvessem a filha iriam com ela até o santuário oferecer esmolas ao santo.

Ao terceiro dia do desaparecimento, a criança aparece no pátio da casa, para a alegria de todos. Então, durante a visita a Canindé, para o pagamento da promessa, a menina entra na Igreja e, ao olhar a imagem de São Francisco, afirma com veemência ter sido aquele senhor que a trouxe de volta para casa (SILVA, 2007, p.38).

Esse milagre teve grande repercussão no imaginário⁴⁷ dos devotos, que instituíram e cultuam um mito através da imagem da Menina que pode ser vista na Casa dos Milagres (SILVA, 2007, p.38). A imagem que hoje se encontra no salão principal da Casa dos Milagres precisou ser retirada da Basílica, pois conforme a informação de uma romeira, os devotos usavam espinhos para furar a boneca acreditando que ela estaria viva. O santuário por sua vez, retirou a boneca da Casa dos Milagres colocando-a em uma caixa de vidro sobre uma prateleira presa à parede. Conforme Eliade (2002, p.23).

O mito, portanto, é um ingrediente vital da civilização humana; longe de ser uma fabulação vã, ele é ao contrário uma realidade viva, à qual se recorre incessantemente; não é absolutamente uma teoria abstrata ou uma fantasia artística, mas uma verdadeira codificação da religião primitiva e da sabedoria prática.

Para o homem religioso segundo Eliade (2002) as fronteiras entre o mito e a realidade são tênues, os mitos funcionam como paradigmas de todos os atos humanos, longe de ser ficção ele é uma realidade viva e presente. O mito da Menina Perdida, também é lugar de memória, revivê-lo é rememorar e reatualizar as experiências religiosas que marcam a vida do romeiro(a):

Os lugares de memória são os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupos numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos (NORA, 1993, p.7).

Os lugares de memória são ritos que permitem uma atualização dos mitos, viver os mitos implica, pois uma experiência religiosa significativa, preciosa e exemplar. O milagre da Menina Perdida também foi ponto de partida para muitos cordéis, Gonzaga Vieira⁴⁸, cordelista, assim descreve sua versão sobre o milagre.

No Pará, esse milagre.
Dessa forma aconteceu
Aparecida, na mata,
Entre as feras conviveu
Mas a fé no padroeiro
Depois de um ano inteiro
O santo lhe recorreu

Aquele pobre casal
Tinha Deus no coração

⁴⁷“o imaginário faz parte de um campo de representação e, com expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade” (PESAVENTO, 1995, p. 15).

⁴⁸José Maria Gonzaga Viera nasceu em Canindé no dia 20 de setembro de 1946. Autodidata, milita na imprensa escrita e falada. Pertence à Associação de Arte e Cultura de Canindé. É correspondente de vários grêmios culturais de Fortaleza, Natal, Campina Grande e Brasília. É autor de quase duas dezenas de folhetos rimados, com destaque para *A menina perdida nas matas do Amazonas* obra escrita no ano de 2000 disponível para acesso <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordel>. Acesso em: 15 de jan de 2020.

E ao santo de Canindé,
 Já fazia quase um ano
 Porém não perdia a fé
 Viu a menina chegar
 E, pode até constatar.
 Sem um arranhão até!

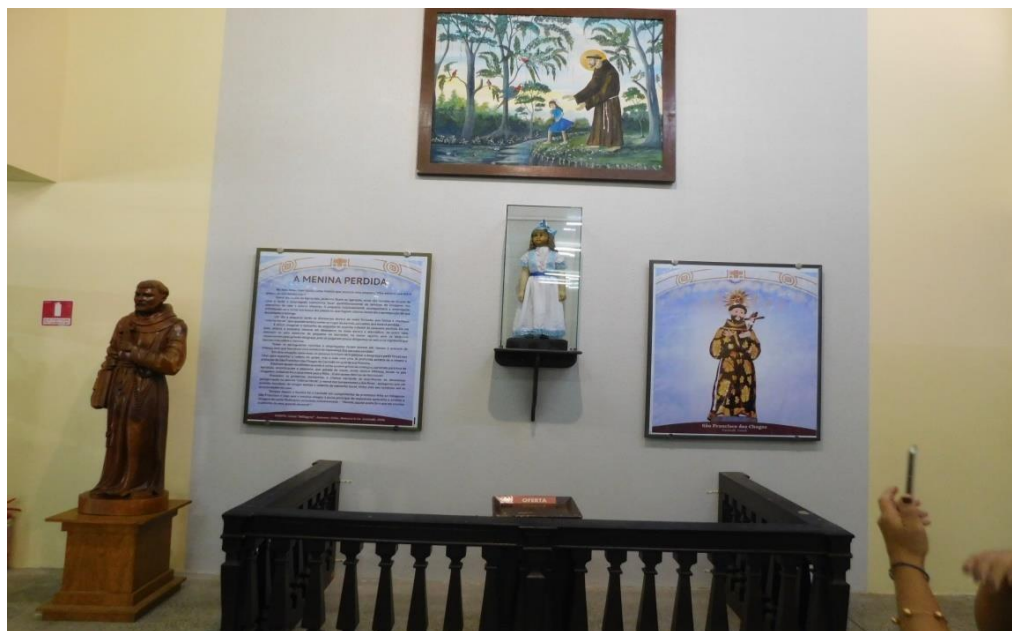
Perguntou então à filha:
 - O que foi que se passou
 (naquele degredo horrendo)
 E como assim se salvou?
 Inspirada no Evangelho
 Ela disse: “Um padre velho
 Na mata me ajudou!...”

Viajaram à Canindé
 Para a promessa pagar
 Quando chegaram na igreja
 A menina, ao adentrar,
 Apontou pra São Francisco
 E com oração - me arrisco,
 Começou assim falar:

“- Mamãe, o padre é aquele”.
 Que na mata me ajudou!
 A mulher mui comovida,
 Ali se ajoelhou
 Abraçado a filhinha
 E cantando ladainha
 Emocionada rezou

(Gonzaga Vieira/Canindé: da lenda à realidade, 2000).

Figura 11: Boneca da Menina Perdida disposta da Casa dos Milagres.



Fonte: Arquivo do Projeto; História, Memória e Imagem no Maranhão do tempo presente;
 Imagem: Yann Maia, outubro de 2015.

O milagre da Menina Perdida provavelmente teve grande repercussão por ser uma espécie de milagre confirmado, o reconhecimento de São Francisco na Igreja como homem que a teria levado para casa e o fato de tratar-se de uma criança dado como morta torna-o um acontecimento propalado entre os devotos do santo. Neste e em outros casos considerados perdidos, passa-se a apelar ao santo milagroso, de quem os devotos não têm muitas informações ou leituras, mas uma fé transbordante os faz confiar no poder e na bondade de São Francisco das Chagas de Canindé.

Assim, as lembranças que compõem a experiência da cidade se colocam como marcas de uma memória, que existe no momento atual. Além do tempo cronológico, já passado e de novos ritmos que marcam a vida da cidade não há como descolar ou negar todo o conjunto de elementos que, de um modo ou de outro, voltam esse olhar sobre o passado e apontam um marco, de onde tudo havia começado.

Desde as primeiras narrativas que anunciam a construção da capela dedicada a São Francisco e por sua vez o crescimento da devoção e as peregrinações ao “lugar da memória” que origina a cidade, o ato de coligir memórias da cidade se dirige para o mesmo ponto de partida.

Neste aspecto, nos é oportuno citar Maurice Halbwachs, que, ao tratar do espaço religioso, destaca:

Que as lembranças de um grupo religioso lhes sejam lembradas pela visão de certos lugares, localização e disposição dos objetos, não há do que se espantar. A separação fundamental, para estas sociedades, entre o mundo sagrado e o mundo profano, realiza-se materialmente no espaço. Quando entra numa igreja, num cemitério, num lugar sagrado, o cristão sabe que vai encontrar lá um estado de espírito do qual já teve experiência, e com outros fiéis, vai reconstruir, ao mesmo tempo, além de uma comunidade visível, um pensamento e lembranças comuns, aquelas que foram formadas e mantidas em épocas anteriores, nesse mesmo lugar (HALBWACHS, 1990, p. 154-155).

Além da referência ao lugar que se mostra como esse espaço da memória coletiva, vemos instaurada outra relação. As práticas que reatualizam a validade dos espaços de memória são perpassadas via gerações. Embora os construtores da capela, e os primeiros peregrinos, não estejam mais com sua presença física, o imaginário devocional se reinventa anualmente com os milhares de pessoas que visitam a cidade.

Em realidade, no desenvolvimento contínuo da memória coletiva, não há limites de separação nitidamente traçadas, como na história, mas somente limites irregulares e incertos. O presente (entendido como se estendendo por uma certa duração, aquela que interessa à sociedade de hoje) não se opõem ao passado, configurando-se dois períodos históricos vizinhos. Porque o passado não mais existe, enquanto que, para o historiador, os dois tem

realidade, tanto um quanto o outro. A memória de uma sociedade estende-se até onde pode, quer dizer, até onde atinge as memórias dos grupos dos quais ela é composta. Não é por má vontade, antipatia, repulsa ou indiferença que ela esquece uma quantidade tão grande de acontecimentos e de antigas figuras. É porque os grupos que dela guardavam a lembrança desapareceram. Se a duração da vida humana for duplicada ou triplicada, o campo da memória coletiva, medido em unidade de tempo, será bem mais extenso. (HALBWACHS, 1992, p.84)

Observamos, no caso específico de Canindé, uma cidade que se inscreve num imaginário religioso das práticas cristãs, as experiências que marcam a vida cultural, econômica, política e social da cidade estão amparadas em imagens advindas desse passado que anunciam suas origens. Assim, independentemente das convenções pessoais dos grupos do presente, o acima exposto se harmoniza a todos os que têm relações com a cidade.

Como argumenta Mircea Eliade (1992, p.17) “poder-se-ia dizer que a história das religiões [...] é constituída por um número considerável de hierofanias⁴⁹, pelas manifestações das realidades sagradas”. Essas manifestações fundam ontologicamente o mundo, é a partir dessa revelação que o mundo toma um ordenamento.

A caminhada ao santuário bem como as práticas religiosas, tecidas pelos romeiros(as) atestam um processo de transfiguração das realidades vivenciadas por eles: “o devoto de Canindé é um ser desejoso, tal é à força da energia que o impulsiona a agir, a procurar o sentido de sua vida no santo vivo ⁵⁰que representa alcançar o objeto de seus desejos” (OLIVEIRA, 2011, p.133).

Tanto Álvaro Martins quanto Augusto Rocha dedicaram parte de seus trabalhos a apresentarem os milagres operados por São Francisco. Se, por um lado, os dois autores afirmavam que apenas divulgaram fatos “ouvidos de pessoas de inteiro crédito” ou embasados na “tradição”, por outro, suas descrições contribuíram para a validação e afirmação de tais fatos extraordinários.

Na parte tradicional de Capela Milagrosa, Álvaro Martins assim afirma:

Não queremos discutir ou comprovar a verdade de todos os casos, que nos são revelados; concordamos mesmo que alguns deles são exagerados pelo fanatismo. É certo, porém, é claro, é positivo, que milhares de criaturas enfermas têm no ardor de sua fé readquirido o alento salutar do corpo e do espírito (...). Conta-se por milhares as curas de enfermidades de toda a sorte, de estranhos defeitos e deformidades – casos assombrosos diante dos quais a ciência ficaria perplexa. Cabe aos homens que se dizem da ciência, aos livres-pensadores dar solução ao fato. Quanto a nós reservamo-nos apenas ao

⁴⁹Mircea Eliade apresenta o termo hierofania a fim de indicar o ato de manifestação do sagrado. Explica: “este termo é cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo sagrado se nos revela”. (1992, p.17)

⁵⁰“o santo vivo é a forma de linguagem utilizada pelos romeiros de Canindé para auto-comunicação, ou seja, comunicam no próprio sagrado escondido à busca da própria identidade” (OLIVEIRA, 2005, p. 307).

papel de cronista, e como tal descrevemos. Em Canindé, na casa chamada dos ex-votos existem atualmente cerca de 3.000 votos em barro, gesso, cera, madeira, etc. (MARTINS, 1898, p.5).

Augusto Rocha, por sua vez, escrevendo em 1907 já descreve um montante de 15 mil ex-votos referindo-se ainda a milagres de contemporâneos que afirmam ter recebido as graças. Os dois autores até realizam descrições sobre os primeiros administradores da capela e a organização eclesiástica que se seguiu ao longo dos anos.

Apesar disso, ambos os autores atribuíram a sacralidade de Canindé aos primeiros milagres, e as notícias de graças alcançadas por devotos ao longo das gerações. Assim, ao passo que a experiência religiosa cresce, Canindé se torna Santuário, aumentam as peregrinações e os devotos, então, fazia-se necessário registrar, conceder um norte às origens, algo próximo do modo de perceber a História como na tradição clássica, onde o passado ilumina o presente.

Ao observar o Brasil, em especial no que se coloca nos rumos da História da Igreja, a separação entre essa instituição e o Estado, trouxe implicações fortes nas ações desenvolvidas nas terras brasileiras, como também de toda a América Latina. Deste modo, as diretrizes a serem desenvolvidas nestas terras devem seguir a partir da República o direcionamento ditado pelo poder de Roma, processo este conhecido como romanização. Sobre esse contexto, Gomes e Moraes (1989, p. 267) afirmam:

De forma consensual, a bibliografia situa que com as encíclicas Encíclica *Quanta cura y Syllabus Errorum* (1864) Roma passa a comandar uma política de supremacia espiritual do papado que se manifesta na reformulação dos conteúdos do catolicismo e na moralização e nacionalização do clero. O ultramontanismo era tanto um movimento defensivo ante os avanços do racionalismo cientificista moderno como a ampliação dos espaços das crenças concorrentes, como um movimento ofensivo da Igreja através da afirmação da hierarquia e da pureza da fé católica. Foi no contexto desta orientação de renovação e disciplinarização espiritual que se desencadeou a crise da proclamação da República, onde o conservadorismo católico foi golpeado com o fim da Monarquia e, com ela, do regime do Padroado.

Em termos pragmáticos, os grandes espaços de devoção popular que em quadros gerais eram dirigidos por irmandades de leigos, daí em diante ficaram sob o comando das ordens religiosas. E em Canindé isso não foi diferente.

A romanização pode ser entendida, em termos gerais, como movimento reformador de prática católica no século XIX, principalmente na segunda metade, que buscava retomar as determinações tridentinas, sacralizar os locais de culto, moralizar o clero, reforçar a estrutura hierárquica da Igreja e diminuir o poder dos leigos organizados nas irmandades (ABREU, 1996, p. 350).

O ano de 1889, ano de publicação da Capela Milagrosa de Álvaro Martins, é um ano emblemático para Canindé, pois é a data de chegada da Ordem dos frades Capuchinhos⁵¹ à cidade. Os frades Capuchinhos governaram Canindé até 1923. Ao longo de sua administração os Capuchinhos desenvolveram diversos projetos. Além dos colégios (com oficinas de artes e ofícios para introduzir os jovens no exercício profissional), lançaram um jornal com notícias locais⁵², passaram a promover o incremento da produção agrícola, construíram um teatro, realizaram entre 1910 e 1915 a reforma da igreja Matriz, assumindo esta a forma atual, conforme informações contidas no site do santuário⁵³. Para Lucília Silva “além da administração dos bens e serviços paroquiais, almejava-se a um controle mais efetivo do fiel” (2007, p. 27).

Após dois anos da saída dos frades Capuchinhos, em 1923 o santuário foi elevado à categoria de Basílica Menor. Tal elevação foi atribuída tanto as reformas empreendidas pela ordem como pelo caráter disciplinador levado a cabo pelo trabalho missionário dos frades. Quando da saída dos frades Capuchinhos o santuário foi entregue à administração aos frades Franciscanos, responsáveis desde então pela sistemática dos cultos e da administração dos bens e serviços paroquiais.

O frade franciscano Frei Venâncio Willeke, lamentando a ausência de uma exposição rigorosamente histórica, assumiu com afincado a tarefa de buscar a origem histórica da devoção e do santuário canindeenses e de orientar a correta vivência da romaria.

⁵¹A Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (OFM.Cap) é um ramo da Família Franciscana que tem São Francisco de Assis como pai e fundador. Sem perder o carisma específico, esta Família Franciscana se dividiu em três ramos principais: Ordem dos Frades Menores (OFM), Ordem dos Frades Menores Conventuais (OFM.Conv) e a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (OFM.Cap). Os Capuchinhos – Frades de hábito marrom e de capuz pequeno tiveram início na Itália, no século XVI, com o objetivo de observar rigorosamente a “Regra e Vida dos Frades Menores, escrita por São Francisco de Assis, e praticar a Pobreza radical, a Oração contemplativa e a vida missionária anunciando a todos o Evangelho de Jesus Cristo. Com a proclamação da República e a separação entre Igreja e Estado, a vida missionária capuchinha ganha um novo impulso. Livre das amarras estatais (Igreja do Padroado), os Missionários Capuchinhos, agora, são enviados pela própria Ordem Capuchinha cujo Ministro Geral, Frei Bernardo de Andermatt reorganizou a atividade missionária em toda a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, mediante o “Estatuto das Missões” de 1887. Em força deste Estatuto, as Províncias Capuchinhas são responsáveis por todo trabalho missionário, desde o do envio dos frades até o sustento dos mesmos. E mais, cada Província Capuchinha deveria ter sua Frente Missionária. A Itália Capuchinha “invade” o Brasil enviando missionários em quase todos os seus Estados, a partir de 1887. Os Missionários deviam ajudar na organização da Igreja local (diocesana) e no esforço para implantar a Ordem Capuchinha mediante vocações nativas. O Capuchinho italiano toma cor brasileira, inclusive, o Capuchinho Frances – Província de Sabóia, na França - enviado ao Rio Grande do Sul para dar assistência espiritual aos migrantes italianos da Região. Assim nasceram as Províncias e Custódias Capuchinhas no Brasil que deixaram a marca de suas sandálias franciscanas nas cidades e nos sertões brasileiros, com coragem apostólica invulgar. Disponível em: capuchinhos.org.br/historia. Acesso em 05 de fev. de 2020.

⁵²Em 1915 os frades capuchinhos lançam o primeiro número do Jornal “O Santuário”

⁵³Tais informações estão disponíveis no site oficial do Santuário de Canindé: www.santuariodecaninde.com/santuario/historia. Acesso em 10 de out de 2019. Podem ser encontradas ainda nos livros de Novena vendidos pelo santuário no período das festividades ao santo.

Segundo (Odilon Neto, 2018), Herman Willeke nasceu na Alemanha em 1906, entrando para a ordem franciscana em 1925, quando recebeu o nome de Frei Venâncio Willeke, vindo para o Brasil em 1926 onde continuou seus estudos, fez noviciado em Olinda e se ordenou em 1931. Residiu em muitos lugares do Brasil, dentre eles Canindé, no Ceará.

Por sua dedicação aos estudos históricos, em 1968, se tornou membro do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil. Por ocasião de sua passagem pela cidade de Canindé, escreveu um livro que o mesmo aponta como escolar. A obra “São Francisco das Chagas de Canindé – Resumo Histórico” data de 1962, tendo sido feita uma segunda edição em 1973.

Transcrevo abaixo, um trecho em que o autor discorre acerca de um tema importante, o milagre. Neste trecho Willeke, busca salvaguardar a conduta do romeiro de Canindé a este respeito.

Não é, em primeiro lugar, para apreciar milagres que o bom romeiro visita o Santuário-Basílica de São Francisco das Chagas, mas para consolidar a fé e afervorar a vida religiosa. O verdadeiro milagre constitui um acontecimento raríssimo, tanto em Canindé, como nos santuários mais célebres do mundo, não passando geralmente de graças extraordinárias os fatos descomuns que se chamam “milagres”. Entretanto, não podemos separar da Igreja esses sinais miraculosos atribuídos à intercessão dos Santos, visto que Nosso Senhor prometeu aos Apóstolos os mesmo milagres que Ele fazia, e a história testemunha que, em todos os tempos, houve tais fatos extraordinários como provas irrefutáveis da única verdadeira Igreja e da santidade de seus filhos a serem elevados à honra dos altares ou já canonizados. São Francisco foi canonizado já em 1288, passados apenas dois anos desde a sua santa morte, porque a fama de seus milagres conquistara-lhe a veneração universal. (WILLEKE, 1973, p.29)

Para o autor, o romeiro não busca milagres, em primeiro lugar, mas eles existem e não se podem separar da igreja. Tal discurso nega a autonomia dos romeiros em vivenciar milagres, que só deveriam se constituir enquanto tais quando avaliados pela Igreja. No entanto, a Igreja, não pretendendo ficar à margem da religiosidade dos fieis, trata, com cuidado, de aceitar alguns milagres, procurando, desse modo, desenvolver sobre eles uma interpretação que permita administrar e institucionalizar a crença.

O mesmo posicionamento é observado inclusive sobre os milagres que ‘originaram’ o santuário de Canindé. Sobre isto, Frei Venâncio Willeke discorre apresentando os milagres, assim como fizeram os primeiros cronistas como parte da História, dando ênfase, no entanto, a ação do Santo e da Igreja: “Inserindo aqui alguns exemplos de milagres atribuídos a São Francisco das Chagas, escolhemo-los tanto das coleções já publicadas como de outras fontes” (WILLEKE 1973, p.30).

Nesse sentido, há outro mito sobre a origem milagrosa do santuário que não aparece nas primeiras crônicas, e sobre o qual Frei Venâncio Willeke teceu considerações. Trata-se de

um sinal que antecede a disputa pelas terras, este mito se refere à própria escolha do local sagrado. Escolha sagrada visto ter se dado por obra divina. Tal milagre tomou conta de um folheto, publicado por Gonzaga Vieira em 2000, como segue no trecho abaixo:

A lenda nos diz então
 Como nasceu esse culto
 Que certo dia um vaqueiro
 Achou um pequeno vulto
 No meio de um capinzal
 Em um ninho quase oculto

Levou o santo pra casa
 E guardou-o numa mala
 Quando voltou novamente
 Quase perdeu a fala
 O santo havia sumido
 Ele muito se abala

Voltou ao capinzal
 E o santo estava lá
 Levou o santo para casa
 Na mala tornou a guardar
 Mas a pequena imagem
 Sempre teimava em voltar

Ele aí compreendeu
 Que o santo lhe pedia
 P'ra construir uma igreja
 No capinzal que havia
 Edificado um templo
 Para sua moradia!

(Gonzaga Vieira/Canindé: da lenda à realidade, 2000).

O referido trecho faz menção ao misterioso aparecimento da imagem mais antiga de São Francisco, conhecida popularmente como *São Francisquinho*, cuja procedência é desconhecida. Nesse sentido, na falta de referências concretas sobre a origem da imagem, a “lenda” deve então explicar como nasceu esse culto. Na versão disseminada pelo conhecimento popular a imagem encontrada por um simples vaqueiro indicaria o lugar exato onde a providência divina deveria se fazer presente nas bênçãos de São Francisco.

Entretanto, a este respeito escrevia Frei Venâncio Willeke em 1962 num artigo intitulado: *Um santo conquista o Brasil*⁵⁴.

O historiador moderno não se contenta com piedosas lendas e multisseculares tradições quando se trata de explicar a origem de santuários e devoções populares (...). Quem aceita a ingênua origem lendária de capelas e igrejas atribuída ao aparecimento de alguma imagem em plena mata e que, levada à igreja mais vizinha, teria voltado ao mesmo lugar para assim dar a entender a vontade do santo de ser venerado no local indicado? Tal lenda,

⁵⁴Artigo publicado em Abril de 1962. Revista Católica de Cultura- VOZES, Ano 56.

muito espalhada em Portugal, e em toda a Europa, proliferou no Brasil de Norte ao Sul, desde o começo da colonização (...). Quem visita a basílica de São Francisco das Chagas em Canindé (Ceará), pergunta espontaneamente como foi possível desenvolver-se, no adusto sertão, e conquistar tamanha popularidade uma devoção que em outras partes do Brasil é menos acentuada. O sem-número dos peregrinos se baseia geralmente nas piedosas lendas que, eivadas de milagres inauditos, desde cedo substituíram entre o povo a origem histórica da devoção e do santuário canindeenses, de modo que hoje em dia pouco sabemos a respeito do Alverne cearense (WILLEKE, 1962, p. 6).

O religioso no referido texto apresenta um posicionamento contraditório, pois ao contrário de um texto anterior, em que leva em consideração a lenda dos três irmãos que disputavam as terras e os outros milagres quando da construção da capela. No trecho acima Frei Venâncio Willeke nega as “piedosas lendas e multisseculares tradições”, especialmente as que dizem respeito a imagens que indicam lugares sagrados. Essa contradição, no entanto é compreensível, pois na concepção oficial, milagres existem, mas sempre ligados à Igreja. Neste contexto, o religioso pretende dar ênfase ao trabalho dos primeiros missionários, creditando a eles a disseminação da crença. Além disso, ele está se colocando também como historiador, visando construir a história verdadeira de Canindé, almejando produzir por meio dessa escrita um modelo de devoção com menos excessos.

Para isso, Frei Venâncio Willeke, continua destacando os três motivos principais pelos quais o culto ao Santo teria conquistado a “simpatia” do povo:

Na devoção franciscana, há três motivos principais para ter conquistado a simpatia do povo: 1° *o nascimento do patriarca* assisiense segundo a lenda tão parecida ao de Cristo – pois teria nascido num estábulo – e as circunstâncias difíceis por que então a mãe do santo teria passado, de modo que as gestantes até o presente proclamam São Francisco seu advogado; 2° *a estigmatização*, fato historicamente provado e privilégio que, antes do nosso santo, outro nenhum gozou razão por que mereceu uma festa particular na Igreja e o carinho filial das três Ordens seráficas, que a tornaram popularíssima no orbe cristão; 3° *a morte invulgar* do Poverello e a anual cerimônia comemorativa do “Trânsito” que constituíram o santo guia das almas para o outro mundo e libertador do purgatório, e tudo isto justamente pelos merecimentos das sagradas chagas (WILLEKE, 1962, p. 1, *grifos meus*)

Aqui o autor reproduz a visão oficial que retoma a origem do santo de Assis. São Francisco, canonizado pela Igreja resume assim as suas principais atribuições diante de uma série de outras qualidades atribuídas pelos romeiros. A principal atribuição, no entanto, parecer ser a ratificação da semelhança de São Francisco com Cristo e sua aproximação com a Igreja. Neste, como em outros momentos, Frei Venâncio Willeke reitera uma preocupação da Igreja em manter sob seus domínios as distintas práticas religiosas.

Além de sua obra de História, Frei Venâncio Willeke dedicou-se ao ensinamento e a correta difusão da crença em Canindé tanto por meio de seus trabalhos paroquiais como também por meio do Jornal o Santuário. No dia 15 de setembro de 1964, a paróquia de Canindé dirigia aos romeiros a seguinte recomendação.

Alguns conselhos aos romeiros de São Francisco:

1. A romaria é um ato religioso. Os romeiros evitem, portanto, tudo que prejudique a piedade deste ato. Em caminho para a terra abençoada de São Francisco não deixem de cantar um hino religioso ou de rezar devotamente o terço. Romeiros pobres encontram hospedagem por (3 dias) no Abrigo dos romeiros.
2. Uma vez em Canindé, cuidem de cumprir as suas promessas, de fazer uma confissão bem feita, evitando tudo que possa tornar menos santa as horas passadas aos pés de São Francisco. Visitem também os demais pontos religiosos da cidade (Jornal O Santuário, 1964).

Apesar de espontânea, no sentido de afluir de todos os recônditos do Brasil, e de nela se estabelecerem relações múltiplas e complexas no que se refere às distintas formas de experimentá-la, a romaria em Canindé teve sempre esse “incentivo” de caráter oficial. Que desde o seu início a cercou de cuidados, tratando de administrar não apenas o complexo paroquial, com todas as atividades clericais, mas também as crenças, as práticas dos romeiros. Organizando, normatizando e encaixando-as nos pré-requisitos oficiais.

Mas a despeito dos direcionamentos disciplinadores da Igreja, os romeiros têm encontrado formas de vivenciar sua fé de acordo com suas experiências. E, partindo, destas vêm inclusive se apropriando ou reelaborando o que ouviram sobre os milagres de (fundação) do santuário.

Desse modo, o espaço de Canindé foi construído material e simbolicamente a partir de narrativas de milagres, de ações da Igreja, de memórias consagradas como tradição. A construção dessa sacralidade em Canindé se fez, principalmente, pelos romeiros, que ao longo do tempo vem buscando e vivenciando o santuário, e projetando eles mesmos as histórias que querem difundir sobre o santuário em suas vidas e seus anseios. A invenção da tradição da cidade santuário é tratada, portanto, como a propagação de um fato tradicionalmente reproduzido.

2.2- Sertanejização do Santo Italiano

Sylvana Brandão (2004) analisando o processo de sertanejização do santo italiano (São Francisco de Assis) através das imagens presentes em Canindé argumenta que os artesãos ao fabricarem, procuram expressar a dor e o sofrimento das jornadas excessivas de trabalho dos homens e mulheres humildes do Nordeste. Desse modo, o santo:

[...] já tem cabeça chata dos nossos queridos cearenses: já tem pés esbrugados por trabalhar nas roças, andar maltrapilhos nos subúrbios, nas favelas e atravessar quilômetros de estradas escaldantes, em busca de condições materiais mínimas possíveis, no Sudeste ou na Amazônia do Brasil. (BRANDÃO, 2004, p.344).

Nesse contexto, no imaginário devocional o Santo é elevado à condição de São Francisco das Chagas de Canindé. Assim, Francisco de Assis não mais se chama Francisco de Assis, nem Francesco Bernadone. É preciso registrar ainda a ousadia dos romeiros de Canindé que sem pedir licença aos italianos, transladou Francisco de Assis e que *hoje está vivo e mora entre nós*.

É importante pontuar que essa transladação, não significa, no presente caso, uma simples transposição cultural, mas sim uma (re)invenção histórica; uma (re)laboração histórica cultural; um (re)viver da História como busca ininterrupta da perenidade daquilo que os romeiros definem como certo, justo e belo. Um tempo que não se perde porque se faz presente e orienta o futuro.

O catolicismo popular se caracteriza pela força da multidão de romeiros(as), que elegem santos e produzem a partir dessa criação sentido para suas vidas. O catolicismo popular está presente no Brasil desde o seu processo de colonização. Nele a figura dos santos tem um papel importante na manutenção dos laços de fé.

O *modus operandi* pelo qual os(as) romeiros(as) se relacionam com a instância do sagrado, indica a pluralidade e as diversas faces de um catolicismo “marcado pela religiosidade popular, pelas credices populares, pelas rezadeiras que misturam orações de cunho católico com elementos do misticismo, característica essa predominante no interior do Nordeste”(FLORES FILHO, 2013, p.75).

Talvez por isso mesmo que São Francisco nordestino não deixe de ser um lutador, um *cabra da peste*, como bem demonstra o chapéu de cangaceiro usado pelo trio de tocadores na imagem abaixo.

Figura 12: São Francisco com um triângulo na mão ao lado de Sto Antônio que toca zabumba e São José, que toca sanfona (A). É possível observar ainda um chapéu de cangaceiro nas costas do santo (B e C)



Uma parcela significativa dos(as) romeiro(as) entrevistados na nossa pesquisa possui pouco ou nenhum grau de escolaridade formal, desse modo, esses homens e mulheres vão se relacionando com o sagrado de modo espontâneo e simples. Há um profundo desconhecimento dos dogmas e liturgias da Igreja. Um exemplo dessa religiosidade se encontra na afirmação de que o santo nasceu em Canindé e está vivo, e ainda intervém nas chagas das gentes sofridas do Nordeste.

São Francisco das Chagas do Canindé, repito, *está vivo!* Assim afirmam os devotos de São Francisco do Canindé, muitos dos quais sequer acreditam que Francisco tenha nascido em Assis, na Itália. Quando muitos acreditam que apesar de ter nascido em solo italiano, caminhou até o Brasil e se estabeleceu definitivamente no Ceará, em Canindé. (BRANDÃO, 2004, p.341).

No festejo de 2018, tivemos a oportunidade de observar as duas filas que se formam na frente de duas portas que se encontram por detrás do altar principal da Basílica. Os romeiros colocam um dos olhos por uma fresta que se encontra ao lado das portas com a intenção de ver de perto o Santo Frei Francisco, que segundo eles os outros frades escondem. A tarefa de ver o “santo vivo” não é tão fácil. Os romeiros afirmam com veemência que só olha o santo quem tem fé. Frei João Sanning, conta dos vãos esforços dos clérigos para convencer os romeiros da data provável do nascimento e da nacionalidade de São Francisco.

Figura 13: Romeiros em fila para observar o “santo vivo”



Fonte: Yann Maia, 2018.

Esforços em vão, de fato. São Francisco foi (re)vivido, está vivo e mora em Canindé. Quem tece algumas considerações acerca dos significados possíveis do Francisco Sacrossanto vivente, é o pesquisador Marcelo Soares de Oliveira em sua dissertação de mestrado. Quem é ou o que é? Por que os romeiros de Canindé o chamam de São Francisco das Chagas, de Assis, do Canindé? Para ele, há pelos menos três hipóteses, sendo que a primeira é que o santo vivo é uma forma de autocomunicação.

Uma categoria própria dos que caminham em busca do Sagrado escondido, ou seja, da própria identidade. A segunda: afirmar a vivificação do Santificado às autoridades significa dizer que os devotos estão vivos, superam as chagas e recriam seu ser. Simultaneamente, atestam que encontram a felicidade no Transcendente e não nas instituições. Mas exigem ser olhados, nem que seja por diminuto espaço de tempo, querem ser respeitados como pessoas dignas ou filhos de Deus (OLIVEIRA, 2005, p.72).

Particularmente, concordamos com tais assertivas, pois concebemos os romeiros como sujeitos de suas próprias histórias e nem sempre nós, estudiosos sociais, conseguimos ver e entender o que eles veem e sentem e não é porque não vemos e não sentimos que o mundo deixa de existir.

Neste sentido, os romeiros de Canindé compreendem o porquê de São Francisco amar o Homem e Francisco das Chagas de Canindé não parece preocupado por ter nascido em 1181 ou 1182, muito menos por ter morrido em 1226. Goza de uma saúde excepcional e cuida pessoalmente dos mais de dois milhões e meio de pessoas que o visitam todos os anos, claro sem se esquecer das outras tantas milhões que mandam seus pedidos, agradecimentos, ex-votos ou que são apenas recomendadas por aquelas que se fazem presentes.

Figura 14: São Francisco talhado com a cabeça chata dos cearenses (A) e os pés esbugalhados por trabalhar nas roças (B)



Fonte: Sylvana Brandão, 2004.

Os pés dilatados, exagerados, mal cuidados, expressam toda labuta mal remunerada. Atormentados pelas secas e/ou por outras questões, levas e levas de cearenses abandonavam seus lares migrando para os seringais da Amazônia, cafezais de São Paulo ou até mesmo para as então “terras sem donos” do Maranhão⁵⁵. Com eles levavam o santo vivo de São Francisco das Chagas e as recordações dos milagres por ele operados. Levavam a esperança de que o

⁵⁵“A região central do Maranhão é, nas décadas de 1930 e 1940, a espacialidade dos bons invernos e de *terras sem dono* para retirantes de um Nordeste seco, nas décadas de 1950 e 1960, soma-se a essa característica natural, a alta produtividade de arroz e de outros gêneros agrícolas, que funcionam como elemento de atração em tempos secos ou chuvosos” (FERREIRA, 2015, p. 24).

santo vivo os protegesse nas terras desconhecidas. Transmitiram aos seus descendentes a devoção e o fervor da fé ao santo estigmatizado.

No discurso do Frei João Sanning, que reside no santuário de Canindé, a devoção a São Francisco ocorre com maior intensidade e abrangência onde existe o migrante cearense. Nesses espaços, a devoção tende a se preservar e propagar, pois, “é claro que os cearenses, fora do seu convívio próprio, ele se fecha um pouquinho culturalmente, eles guardam sua cultura, eles guardam sua fé, uma característica também de garantir sua convivência” (FREI SANNING, 2018, p.4).

Segundo o discurso do Frei, esse isolamento cultural, decorrente da migração e de seus múltiplos deslocamentos, faz com que o cearense reforce suas práticas culturais. O cearense é representado como aquele que tem o espírito aventureiro, empreendedor e migra constantemente. Desse modo, esse suposto estranhamento cultural leva ao reforço da identidade nordestina, sertaneja e católica, sinalizada pela manutenção da fé e devoção do migrante cearense em outras terras.

De todo os rincões do Brasil retornam, então, cearenses migrantes e seus descendentes para visitar seu nunca descuidado protetor. A eles somam-se e multiplicam-se fiéis. Quando não podem retornar, enviam seus pedidos, seus agradecimentos, seus ex-votos e presentes.

Entre estes, chamam a atenção os barcos e barquinhos de madeira enviados da Amazônia e que hoje se encontram presentes no Museu Regional São Francisco⁵⁶ indicando a benevolência e a gentileza dos romeiros do Brasil. Como um milagre social, devotos jogam nas águas da Amazônia brasileira embarcações singelas para São Francisco das Chagas do Canindé.

Nas suas horas de necessidade e de dor, esses cearenses fazem suas promessas a São Francisco das Chagas de Canindé e, como não dispõem de outro meio de comunicação com sua terra natal, sabendo que os ribeiros correm para os rios e os rios correm para o mar, como diz a velha canção

⁵⁶Em 1972 o ex-vigário Frei Lucas Dolle instalou um modesto museu para expor o que além da fé os devotos deixavam na cidade. Funcionou na casa que servia de maternidade na Praça Cruz Saldanha onde hoje funciona o Cetro de Catequese. Em 03 de agosto de 1973 o novo Museu foi inaugurado possuindo em exposição aproximadamente 3.000 peças. Em julho de 1985 passou por reformas ganhando ampliação ganhando destaque a história de São Francisco na arte Nordestina. O Museu Regional São Francisco, ou Museu de Canindé, atualmente possui mais de cinco mil peças, o local conta com um importante acervo que está aberto à visitação diariamente. As peças mais importantes são: o primeiro cofre da Basílica; uma motocicleta alemã, modelo 1938, que serviu a Frei Policarpo; vários sinos, inclusive os da primeira Igreja de Canindé; pias batismais e diversas imagens sacras antigas, e objetos que contam a história da devoção. Como reza a tradição os romeiros trazem as mais exóticas peças de expressivo valor histórico, cultural e religioso. O museólogo Everaldo Germano reordenou na segunda reforma os espaços do Museu de Canindé que foi reinaugurado em 22 de janeiro de 2008, na atual administração do Pároco Fr. João Amilton. Por ano quase 100 mil pessoas visitam o museu de segunda a sábado das 07h às 11h e de 13h às 17h 17 horas. E aos domingos de 08h às 12h. Disponível em: www.santuariodecaninde/estruturAESERVICOS. Acesso em 10 de janeiro de 2020

portuguesa, constroem esses barcos, alguns até com um certo gosto artístico, ornamentando-os com carinho, colocam neles ex-votos ou dinheiro, às vezes 2 ou 3 mil cruzeiros, calafetam-nos completamente e os lançam às águas do igarapé ou do rio amazense onde estão vivendo (BARROSO, 1962, p.6)

Quem encontra estas embarcações no caminho, mesmo sem conhecer aqueles que as enviou, se encarrega de levá-los adiante. Das águas amazônicas, os barcos são conduzidos por caminhoneiros, por passageiros marítimos, por outros romeiros, até que alcançam Canindé e atracam junto ao santo franciscano.

Além do endereço: Para S. Francisco de Canindé, pintam em lugar visível outros letreiros neste estilo, por exemplo: Pede-se a pessoa que encontrar este barco na beira fazer o favor de pôr para o meio. Graças alcançadas deste Grande Santo, ou: Quem me encontrar parado me empurre para o meio (BARROSO, 1962, p.6).

Figura 15: Barquinhos de São Francisco em exposição no Museu de Canindé.



Fonte: Yann Maia, 2018.

Gustavo Barroso ainda descreve a grandiosidade de tais barquinhos em suas narrativas eles representam os ex-votos:

Mais assombrosos, e esta palavra é mais do que apropriada, são uns barquinhos de 50 a 80 centímetros de comprimento, que vêm dos mais distantes igarapés da Amazônia, pelos afluentes do Rio-Mar, onde eles despejam suas águas, por ele abaixo e pelo oceano afora até as praias nordestinas, trazendo velas para serem acesas no altar do Santo ou dinheiro para missas e para suas obras de benemerência, silenciosos e fiéis mensageiros dos humildes cearenses perdidos na batalha da borracha, dentro das brenhas do Inferno Verde (BARROSO, 1962, p.6).

É sobre essas bases populares que a devoção a São Francisco das Chagas de Canindé vem se alicerçando, indicando os múltiplos caminhos que se inter cruzam constantemente nas

práticas religiosas presentes no Nordeste. São homens e mulheres de fé que vivem no mundo e se relacionam com o transcendente sem se distanciar de suas práticas cotidianas de vivência.

Assim, as imagens tentam representar os traços físicos e psicológicos da divindade, valorizando um ou outro aspecto, conforme a visão do santeiro. Isso explica porque certas representações acabam sendo mais apreciadas que outras, por se adequarem de maneira mais exata a perspectiva dos fiéis (OLIVEIRA, 2011, p.64).

Podemos afirmar a partir do exposto que a particularidade de Canindé é ter tornado vivo São Francisco das Chagas. Ter reinventado São Francisco de Assis. Ter dedicado a ele o maior santuário franciscano do mundo. Ter construído um abrigo imenso para seus romeiros que a cada ano se multiplicam em visita à cidade.

Figura 16: São Francisco cercado por araras nordestinas.



Fonte: Sylvana Brandão, 2004.

Assim em meio a todo esse contexto de tensões, sofrimentos, esperanças, alegrias, gratidões, vive São Francisco de Assis em Canindé, revivido, reinventado, vivo como São Francisco das Chagas do Canindé, agora não mais cercado por pombos, mas sim por araras nordestinas.

3.3 – Devoção, experiência e narratividade

Segundo Marcelo João Soares Oliveira (2005, p.3) “a peregrinação é uma das práticas físico-espirituais mais antigas da história da humanidade e da tradição cristã”. Nas devoções em Canindé existe um lugar especial onde muitos devotos costumam retratar o Santo vivo. É um salão de festa que fica ao lado do santuário de São Francisco, conhecido como Casa dos Milagres, sobre o qual já fizemos referencia no capítulo anterior.

A Casa dos Milagres é o local onde os ex-votos são depositados: onde acontecem as confissões; onde os cortes de cabelo como forma de promessa são realizados; onde bênçãos de padres são distribuídas. Para além dessas funções, a casa dos milagres é também *lugar de*

memória; nela, há grandes painéis renovados todos os anos com fotografias que representam o recebimento de graças.

Segundo Pierre Nora (1993), os *lugares de memória* são espaços criados pelos indivíduos contemporâneos e com os quais estabelecem uma relação de identificação e reconhecimento. Como pontua o autor, os *lugares de memória* são uma necessidade de identificação dos indivíduos, “só é *lugar de memória* se a imaginação o investe de uma aura simbólica [...] na falta dessa intenção de memória os lugares de memória serão lugares de história” (NORA, 1993, p. 22).

É a partir dessa investidura simbólica, feita por parte dos indivíduos, que os *lugares de memória* tornam-se espaços que permitem uma reunificação, um recordar, um pertencer, visto como princípio identitário. As fotografias, os ex-votos e as outras formas de pagamento de promessas que se encontram na casa dos milagres possibilitam aos romeiros recordar as várias experiências estabelecidas com o santo, nos ex-votos o fiel materializa a forma como começou sua devoção.

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. É a desritualização do nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e renovação. (NORA, 1993, p.13).

A necessidade dos *lugares de memória* é justificada por essa “falta de memória” produzida pela vida moderna, “há locais de memória porque não há mais meios de memória” (NORA, 1993, p.7). Portanto, os lugares de memória nos possibilitam acessar uma memória reconstituída que nos dê o sentido necessário de identidade.

Figura 17: Painel de Fotografias, Casa dos Milagres



Fonte: Arquivo do Autor;

Imagem: Yann Maia, outubro de 2018.

É a partir da contemplação desse painel de fotografias que os romeiros rememoram as varias experiências de intimidade com o santo, tem fotografias de todos os estilos, de automóvel, de casas, de áreas do corpo chagadas, de romeiros nos diversos locais dos santuário. Enfim, uma miríade de fotografias que funcionam como registro de uma memória que precisa desses lugares para se ancorar, pois nos *lugares de memória* encontra-se uma memória refugiada, essa constatação é feita por Nora ao indicar “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea” (1993, p.7) a memória precisa ser provocada, desse modo às fotografias funcionam como dispositivo de acionamento de uma memória esfacelada.

A Casa dos Milagres conta, atualmente, com seis painéis sendo que quatro contém apenas imagens com crianças. Entre tantas fotografias dispostas nos painéis, uma de forma particular chamou a nossa atenção. Trata-se da imagem de uma família ao lado de um automóvel de luxo. Segundo relatos dos servos do santuário, o casal teria levado o veículo para ser abençoado, pois era uma graça recebida de São Francisco. Além do luxuoso veículo, o pai e o filho ostentavam grossos cordões de ouro. A mãe estava paramentada com uma roupa que lembrava a utilizada por ciganos. Uma constante reconstrução e transformação das fronteiras entre o sagrado e o profano parece ser um fenômeno iniciado há muito tempo, mas que na atualidade ganha contornos mais claros e proporções cada vez mais significativas.

Na Casa dos Milagres os romeiros procuram reproduzir nos ex-votos que oferecem a face do sagrado. Podemos afirmar que o ex-voto disposto na Casa dos Milagres significa a imagem revelada do santo, no caso em questão a fotografia dele. O ex-voto representa a materialidade da relação com o santo. Nele o fiel diz como encontrou o santo.

Figura 18: Cercado de ex-votos na Casa dos Milagres.



Fonte: Arquivo do Autor.

Na cidade-santuário de Canindé é possível percebermos os diversos sentidos que o conjunto de valores simbólicos exerce. O depósito de ex-votos, a subida da *via crucis* com pedras na cabeça, o corte de cabelos, dentre outras formas de pagamento de promessa instituintes dessa rede simbólica que permeia a devoção a São Francisco das Chagas. São ações que permitem uma afirmação e estreitamento dos laços devocionais, e uma aproximação do santo com o devoto. Pois “o santuário é o território onde o sagrado é buscado, experimentado; onde existe e coexiste o simbólico com todas as suas significações e valores passados e presentes, onde também podem ser encontradas ressignificações atávicas” (FLORES FILHO, 2013, p.142).

O romeiro Francisco de Assis de 44 anos, natural de Pedreiras, assim descreve o voto que fez para São Francisco:

[...] eu fui me consultar o doutor disse que eu tinha duas hérnias de disco, disse que eu não podia nem entrar no (...) nem jogar bola ai ele disse que eu tinha que me aposentar ai eu pedir a São Francisco em nome de Jesus e fui recebido, ai eu vim pagar essa promessa, cortar o cabelo aqui e deixar uma, mandei fazer um pedaço da coxa e vim deixar para São Francisco, pagar a promessa e graças a Deus tou bonzinho, jogo bola normalmente ou brinco, faço aquilo que eu mais gosto que é viver feliz de bem com a vida. (FRANCISCO NASCIMENTO, 2015)

Foi cortando o cabelo e mandando confeccionar um ex-voto da coxa que Francisco quitou sua promessa com o santo. O contato do romeiro com o santo se dá através das promessas e dos ex-votos depositados na casa dos milagres. “Esta prática dos ex-votos resulta de uma convivência íntima entre o devoto e o santo vivo, de sorte que não significa unicamente uma relação de negócios [...] mas um relacionamento amorosos de proximidade com o sagrado” (OLIVEIRA, 2003, p.105).

Figura 19: Ex-votos anatômicos, Casa dos Milagres.



Imagem: Yann Maia, 2015.

Maria Neide, narra que a sua primeira promessa foi em decorrência da aquisição de uma moradia para ela e seus seis filhos, a romeira quitou seu voto cortando os cabelos no santuário:

A primeira coisa [promessa] que eu fiz foi o cabelo. Quando eu cheguei aqui meu cabelo era aqui (passa os dedos polegares nas costas indicando o comprimento do cabelo), conservei fui agraciada. Quando eu cheguei que eu vim pagar, comecei a minha caminhada, que ganhei a força do Divino Pai Eterno, Dr. Antônio era o prefeito de Codó, me acolheu *com seis crianças e me deu uma casa pra mim morar com meus filhos*. Era de taipa, mas era linda e maravilhosa (levanta as mãos para o alto) é lá onde hoje eu habito *hoje já o Senhor, São Francisco e meu Padim Ciço e Nossa Senhora das Graças e São Raimundo Nonato me deu a graça eu já construir lá*. (MARIA NEIDE, 2015, *grifos meus*).

A romeira maranhense, normalmente se classifica a partir do estado civil e da vivência ou não da maternidade, independentemente do nível de escolaridade ou do desempenho de atividades de trabalho remuneradas no ambiente externo ao lar. Nesse sentido, Neidinha, assim como tantas outras romeiras criou sozinha seus seis filhos, contando em muitos casos apenas com o auxílio do santo milagroso e de pessoas tidas como enviadas por São Francisco para ajudá-la.

A gratidão da romeira foi tão grande que ela mantém uma promessa anual em retribuição as graças alcançadas ao longo de sua caminhada.

A minha promessa sempre e deu chegar colocar a joia no cofre de São Francisco, aquele que eu posso dar com prazer e coração, como eu [...] não coloquei muito, mas foi de coração e que São Francisco abençoa meu pão de

cada dia, que nunca falta pra mim e pra meus filhos e pra aqueles que de mim precisar. Cinquenta reais de joias foi esse que eu coloquei de joia que eu pude doar, mas doei com prazer e coração [...] e não me importo, porque Deus multiplica em cada vez mais [...] *que o devoto é assim: ele vem ele paga e começa de novo.* (MARIA NEIDE, 2015, *grifos meus*).

Assim, as relações com o santo desenvolvem-se a partir de uma concepção de confiança no seu poder e na sua misericórdia para a resolução das mais distintas adversidades. Além disso, a relação parece nunca ter fim, pois os pedidos são muitos e brotam de vários cantos, pois como afirma a romeira o devoto “ele vem paga, e começa de novo”.

O vocábulo ex-voto origina-se do latim, cujo significado pode ser o pagamento de uma promessa ou em agradecimento por uma graça alcançada, por causa de, em virtude de um voto alcançado. É a criação artesanal feita em madeira, tecido, cera, barro, gesso, papelão, das partes chagadas do corpo humano, curadas a partir de um relacionamento do devoto com o Sagrado.

A prática de depositar os ex-votos, depois de conseguir vencer os males ou as dificuldades, acontece nos momentos de instabilidade, desespero, dor, inoperância das soluções humanas. Daí se recorre ao Sagrado e se realiza a promessa.

Andreia Paiva (2014, p.55) indica que o ex-voto pode ser entendido como uma forma de presentear e de marcar presença ou até mesmo como um *rito de substituição*, visto que esses objetos substituem a pessoa que fez a promessa, seja sob a forma de perna, braços, mãos ou qualquer outra representação.

Nas narrativas orais é recorrente a afirmação na qual consta que a devoção é sempre iniciada em um momento de sofrimento ou de urgência: é nas ocasiões difíceis que o santo é buscado, é através da resolução dos problemas que o santo se torna devotado e querido. A devoção é alimentada com a ida ao santuário, com o pagamento das promessas e com a fidelidade ao santo. Nesse sentido, a devoção popular não se resume a ritos e promessas, mas é um relacionamento afetivo e efetivo dos devotos com o santo.

Para a maioria dos romeiros(as) entrevistados, a devoção se inicia num momento de dificuldade, privação, desespero. Esse é o caso de Magnólia de 59 anos que se tornou devota após ter dificuldades no acesso a um medicamento que custava sete mil reais “meu filho, pois quando eu estava em Canindé, eles ligam pra mim dizendo que o medicamento já estava na FEME e que eu tinha que ir pra tomar, e eu só tinha 100 reais e com esse dinheiro eu conseguir viagem de volta” (MAGNÓLIA, 2018).

No caso de Magnólia, o acesso ao medicamento e todas as alternativas que foram sendo abertas a tornaram devota do santo. Ela narra que várias foram as provações para que

não fosse esse ano para Canindé. “agora mesmo minha filha saiu da casa dela pra mim deixar na minha casa, levou uma queda de moto, se ralou todinha, mas eu vou só fiz dar remédio pra ela lá fazer um curativo, deixei tudinho lá e vim” (MAGNÓLIA, 2018).

Já os começos da devoção da romeira Rita⁵⁷ de 58 anos estão voltados para os processos de cura das enfermidades de seus familiares. A romeira ainda coloca que sempre teve atração pelo marrom; isso justifica o fato de comumente a romeira pagar suas promessas vestindo marrom durante dois meses do ano.

Bem, o meu marido adoeceu e eu já tinha atração por São Francisco né, *porque Ave- Maria! É um santo muito milagroso* e eu ouvia falar e sempre eu tinha aquela atração por ele pelo marrom, ai quando meu marido adoeceu de uma hérnia, né! Ai eu fiz uma promessa porque ele trabalhava muito e ele não podia parar de trabalhar, porque tinha os filhos para dar comida, né? Ai eu fiz pedir esse voto pra São Francisco “se ele fosse curado, se São Francisco curasse ele, a gente vinha aqui” (RITA, 2015, *grifos meus*).

Rita se coloca como romeira convicta e diz que as curas que aconteceram em sua família foram tudo obra dos milagres de São Francisco. Rita ainda confessa que não perde uma romaria sequer, no entanto, numa segunda adversidade que o marido teve, ela ficou temerosa em deixa-lo só, porém seus filhos a incentivaram a ir afirmando que cuidariam do pai. Desse modo, Rita sempre faz um esforço de nunca deixar de ir ver o santo milagroso⁵⁸.

A cura, apesar da intervenção médica, é sempre vista por Rita como milagre, feito do santo milagroso. E haja vestir marrom para pagar tanta promessa. Todos os momentos de dificuldades em família são vividos pela romeira em companhia de São Francisco. Como toda cura é um milagre, acima de tudo é preciso agradecê-lo, cumprir sua promessa.

Ai, meu cunhado falou que era pra mim [sic] arrumar um banho de cascavel (cobra) e passar, ai eu tinha medo de passar, porque disse que aquilo não pode molhar, ai povo dizia: Não, bota os pinguinho na água pra ele tomar ai ele passou uns dois meses ele tomando assim uns pinguinhos até que terminou, ai ele pensava assim: Ai, isso aqui vai ter que me operar. Eu dizia: - Vai não! *Porque o milagre de São Francisco não vai deixar você se operar você vai ver*, ai ele esqueceu, sabe! Ai passou uns dias ele disse: - Oxenti não tou sentindo mais nada, não tem mais caroço [Hérnia] não tem mais nada, eu fui curado, eu disse: Viu como São Francisco te curou. Agora nós vamos lá, pagar a promessa ai passou uns dois anos ou foi três sem ele vim, mas ele veio eu trouxe, *ai eu vestir o marrom*. Eu disse: Vou esperar ele vim pra vestir já fui vestindo dois meses todo ano eu visto dois meses de marrom, ai ele veio pagou a promessa dele pagou a oferta rezou o terço (RITA, 2015, *grifos meus*).

⁵⁷59 anos, maranhense, Ensino Fundamental Incompleto, domestica, casada, mãe de 2 filhos.

⁵⁸“Representação comumente acionada para referir-se a São Francisco. Foi possível perceber a recorrência dessa ideia-imagem em narrativas de romeiros (as), em discursos de freis na *cidade santuário* de Canindé e em letras de músicas cantadas durante o festejo”. (FERREIRA, 2016, p.3)

Sandra Duarte de Souza (2006, p.23) indica que os motivadores de homens e mulheres em romaria possuem ênfases distintas. As mulheres em variados casos legitimam sua busca religiosa em função do outro. As representações sociais da mulher como cuidadora, mãe, esposa, avó, sogra se confirmam nesse quadro. Ela é em última instância responsável pelo bem estar dos filhos e do marido, portanto, os problemas relacionados a eles são transformados imediatamente em motivos de busca religiosa dessas mulheres.

Há que se lembrar que o contexto patriarcal de nossa sociedade ainda situa o feminino no espaço privado. O espaço público é considerado como espaço de constituição das identidades masculinas, enquanto o feminino é determinado pelo privado. A religião é considerada uma extensão da casa. Daí apresentar-se como um espaço possível e permitido de sociabilidade das mulheres. (DE SOUZA, 2006, p. 27).

No caso de Edmilson, sua romaria iniciou-se desde pequeno, quando acompanhava o pai, que também era motorista. Seguindo os passos do pai, Edmilson e dois irmãos, são donos e motoristas de três ônibus, que todos os anos levam romeiros para Canindé. Durante a viagem, os ônibus seguem juntos, realizando as mesmas paradas e seguindo os mesmos percursos. Caso aconteça alguma coisa com um dos três ônibus, os outros param para prestar ajuda. Edmilson sempre leva os filhos e a esposa na viagem para aproveitar a cidade e acompanhá-lo.

Fato é que os romeiros(as) materializam sua devoção de acordo com seus propósitos. Cada um, em sua particularidade, é também criador de sua crença. O que está em jogo nessa relação é o resultado final: ele “aposta”, para “ganhar” o milagre de ter seus pedidos concretizados.

A peregrinação rumo ao santuário de Canindé, introduz os romeiros(as) em uma outra lógica relacional, a romaria é entendida como um *rito de passagem*, através dela é possível adentrar no espaço tempo do sagrado.

Mircea Eliade (1992) argumenta que a revelação do espaço sagrado tem um valor existencial para o homem religioso. Desse modo, estar na cidade-santuário de Canindé tem um valor significativo para os(as) romeiros(as): é o momento de reatualização dos laços de fidelidade que estabelecem com o santo – a cidade é o local onde se pode reviver as manifestações do sagrado.

O sagrado causa uma quebra na linha temporal e espacial, pois o homem religioso vive em duas espécies de tempo, um cronológico marcado pelas experiências cotidianas e outro indicado pela presença e manifestação do sagrado. As festas e rituais religiosos, como as missas, permitem ao homem religioso uma reatualização do tempo do sagrado: “participar

religiosamente de uma festa implica a saída da duração temporal ‘ordinária’ e a reintegração no Tempo mítico reatualizado pela própria festa” (ELIADE, 1992, p.64).

A romeira Maria Rosena de 77 anos assim narra sua sensação em participar da romaria:

O tempo que eu me sinto mais feliz, mais feliz na minha vida quando eu tou aqui em Canindé deixo todos os problemas pra casa deixo tudo lá vou cuidar da minha devoção, vou pagar minha promessa com fé em Deus e São Francisco (MARIA ROSENA, 2015, p.3).

Maria Rosena foi pela primeira vez em Canindé motivada por um convite do filho, que à época era freiteiro e que sempre convidava a mãe para ir à cidade. Motivada pelo filho e pela crença na resolução de seus problemas de saúde, a romeira passa a fazer economias para realizar a viagem, um desejo antigo, alimentado pelos tios da romeira que já tinham a prática cultural da romaria. Desde muito novinha Maria Rosena nutria o desejo de conhecer Canindé, no entanto isso só foi possível depois de casada e com os filhos já criados.

Começou quando eu morava no interior e ai meu filho mais velho morava em Pedreiras na cidade, aí ele começou a andar pra cá, ai ele convidava. - *Mamãe a senhora não tem vontade de ir no Canindé não?* Eu digo: - *Tenho meu filho, tenho muita vontade, mas não sei se posso ir lá não,* Ele disse: - *Se arrume com um tempo que eu vou lhe ajudar.* Eu digo: Tá bom. Aí eu caí doente da coluna, ô mais eu não passava oito dias em casa, eu ia pro hospital, ai eu fiquei doente fiquei, doente. Ai ele disse: mas a minha mãe vai melhorar pra nós ir pro Canindé, eu lhe ajudo. Eu disse: - *tu me ajuda meu filho?* Ele disse: - Ajudo. *Aí eu comecei arrumar minhas coisinhas, vender uns ovinhos de galinha, ganhando por ali um dinheirinho e guardando e pelejando, né.* Ai ele disse: - Mãe a senhora já está no ponto de nós ir, né? Eu disse: Vamos, vamos lá. - A senhora vai mermo mãe. Eu disse: - vou com fé em Deus! Ai meu marido dizia assim: - *Mulher não dá certo, tu nunca andou por lá.* Eu digo: - *Dá eu tenho muita vontade de ir o Canindé, porque meus tios, eu conheci meus tios andando pra Canindé Ti Manel e Ti José Caetanu eles andavu e me convidavu, só que eu era pequena tinha vontade de ir mais não podia ir, né?* Ai eu digo: -Pois meu filho agora é a hora de nós ir. Já tá no ponto de nós ir lá. Ele disse: - Pois vamos! Eu doente da coluna, mas tava doente, mas eu vou assim mesmo com fé em Deus eu vou e ficar boa com fé em Deus (MARIA ROSENA, 2015, p.2 *grifos meus*).

Vários elementos de sua condição feminina perpassam a narrativa da romeira, o desejo desde a infância, pelo exemplo dos tios romeiros, a ajuda financeira que o filho oferece para a mãe, a relutância do marido em deixá-la ir, o esforço de Maria Rosena em angariar os recursos para a viagem com atividades típicas do trabalho feminino (*“vender os ovinhos para ajudar nas despesas”*).

Atualmente, mais idosa e com vários problemas de saúde, a romeira necessita da ajuda de sua filha para manter viva a sua promessa de todos os anos visitar São Francisco e depositar sua joia para o santo.

É não por que não dá pra gente andar mais sozinha, dá não. Assim o corpo nervoso dá não, só dá pra andar com uma companhia, todo tempo agarrado na mão da gente. Tem que ter muito cuidado, nos alimentar a hora, né? Eu sou diabética, eu não posso passar da hora de merendar e nem da hora de tomar meu remédio, hoje eu não tomei insulina, eu tomo duas vezes por dia. Hoje não tomei... (MARIA ROSENA, 2015, p.3).

Nesse sentido, romaria possibilita novos encontros e velhos reencontros, é o momento de renovar as alianças feitas com o santo através do pagamento de promessas, indica ainda a possibilidade de um encontro consigo mesmo através da autoreflexão proposta pelos ideais franciscanos de desprendimento, e da capacidade de esvaziar-se a si mesmo.

O ato de peregrinar é físico e simbólico, é histórico e cultural. Relaciona valores, sentido e significados que podem funcionar como elementos estruturadores da vida. Desse modo, a romaria deve ser compreendida a partir da perspectiva do romeiro enquanto sujeito criativo que cria e recria o objeto de sua crença. Ninguém melhor do que o próprio romeiro para falar da experiência da romaria.

O(a) romeiro(a), quando se relaciona com o santo, descobre a si mesmo, estabelecendo uma relação de afetividade, saindo da esfera temporal e adentrando a do mistério. Pois como se observa na narrativa da romeira Ângela (2015):

Ah! É maravilhoso, é um momento assim que a gente vai, quando a gente vai pra Canindé, a gente tem uma sensação que a gente vai é é[sic] uma não dá nem, não tem explicação, e quando a gente chega na Igreja, então acabou-se os problemas, acabou-se tudo, a gente fica, eu fico o tempo inteiro na Igreja. Durante o dia eu passo o dia na Igreja, durmo lá na Igreja e só volto pro rancho só a tardinha[sic]. [...] Hum! É aquele momento de reflexão que a gente sai, é um encontro, é assim a gente vai encontrar com alguma coisa num tem, a gente não tem como explicar, eu não tenho como explicar, eu sei que é maravilhoso.

O peregrinar dos romeiros até Canindé pode ser também compreendido como uma forma de vivenciar as manifestações primevas que atestariam a sacralidade do espaço de Canindé, pois, como ainda sugere Eliade (1992, p.43), “o homem religioso deseja viver o mais perto possível do Centro do Mundo”. As romarias, portanto, devem ser entendidas como espaços multifacetados, lugar de encontros e reencontros, tanto dos romeiros(as) com o santo, como consigo mesmos.

As romarias são o caminho que possibilita o contato do devoto com o santo. Nelas os romeiros(as) encontram e produzem sentido para suas vidas. Através delas, esses homens e mulheres comunicam suas dores, aflições, angustias e sonhos ao santo franciscano. Constituindo-se, desse modo, enquanto experiência espacial e cultural de sentimentos e vontades.

Por isso a gente diz a romaria para o povinho é como um retiro espiritual, primeira viagem ele experimenta a solidariedade, tá longe de casa, então as coisas da vida diária não o preocupam mais agora, vai cantando, rezando vai partilhando a vida, comida e tal... Conhecendo outras pessoas, chega aqui se encontra com o santo na Basílica Cristo de braços abertos “Vinde a mim todo vós que estais aflitos eu vos darei alívio” e São Francisco das Chagas, então aí a oração abre o coração as mudanças acontecem e depois oromeiro volta cantando louvores, dizendo como foi bom o sacrifício valeu a pena (risos) e foi realmente um retiro espiritual e alguns antigamente lembravam então também junto com os frades as antigas santas missões né, que muito marcava o povo, então eu acho que assim o santuário tem sua grande função e o povo percebeu e o povo se agarra ao santuário (FREI SANNING, 2014).

Nos livros de novena, organizados e disponibilizados pelo santuário há textos informativos sobre como pagar as promessas e ser um bomromeiro.

Para que a romaria se torne proveitosa é necessário:

1. Se puder, fale com seu vigário antes da viagem e peça a benção para sua romaria.
 2. Durante a viagem, procure rezar e cantar juntos, que romaria não é passeio não!
 3. Chegando em Canindé, faça sua confissão para se reconciliar com Deus e poder alcançar as graças desejadas.
 4. Participe da Celebração da Santa Missa e comungue a hóstia consagrada, para viver em união com Jesus e com os irmãos da sua comunidade!
 5. Além da Basílica, visite outros lugares religiosos em Canindé como a Casa dos Milagres, a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, a Igreja das Dores, a Igreja do Monte, a Via-Sacra, a Praça dos Romeiros, o Mosteiro das Irmãs Clarissas.
 6. Para conhecer melhor a vida de São Francisco, visite o MUSEU, onde se encontra uma exposição de arte popular narrando a vida do Santo.
 7. Se você visitar o Zoológico, lembre-se, que não deve jogar comida ou objetos para os animais, que necessitam de uma alimentação e de cuidados especiais. Cuide também, para que as crianças não tentem pegar os animais selvagens com a mão.
- (Livro de Novena, 2015, *grifos meus*).

Esses direcionadores são criados no sentido de organizar e disciplinar a devoção nutrida pelosromeiros. No entanto, o catolicismo popular, como já mencionado, caracteriza-se pela força da multidão de fiéis. Osromeiros (as) são sujeitos que vivenciam a sua crença ao seu modo. Há um respeito aos preceitos e liturgias da Igreja, porém existem modos e meios utilizados por eles para manifestar a sua liberdade em relação à racionalização eclesiástica utilizada pelo santuário. Nesse contexto, é necessário compreender a relação entre catolicismo oficial e popular como complementar.

Como exemplo desses meios e modos de resistência e autonomia do catolicismo popular podemos citar a entrada na Casa dos Milagres, onde é possível observar as várias formas de relacionamento com a instância do sagrado, materializada nos ex-votos ou o sentar-

se no chão da praça e deitar-se na rede debaixo das árvores indicam a autonomia dos(as) romeiro(as) em relação aos dogmas impostos pela Igreja.

O romeiro(a) de São Francisco se encontra no meio de dois caminhos: um da religião oficial e o outro do catolicismo popular. É através desse último que ele manifesta sua liberdade, pois a romaria é um fenômeno dialético espaço, meio e momento no qual várias concepções e subjetividades se imbricam.

Dentro desta perspectiva da colisão de sentidos é pertinente afirmar que os romeiros e as próprias romarias estão sujeitos a processos de transformações históricas, sociais, econômicas e culturais que transcendem a eles próprios e que - ao mesmo tempo - dizem respeito a suas vidas. Sendo que essas disputas por sentidos que os romeiros realizam entre si- e que se relacionam à questão de se a romaria está sendo vivenciada como experiência religiosa, devocional ou como passeio, turismo, lazer- têm vínculo com processos de transformações sociais mais amplos ligados ao cotidiano dos romeiros. (BRAGA, 2010, p.10).

É importante salientar que a Igreja não rechaça os vários meios utilizados pelos romeiros(as) de comunicar sua fé ao santo, pelo contrário, ela busca se aproximar para racionalizar e tentar controlar essas práticas “Porque se trata de um grande poder, o poder popular proveniente da credence e da fé do povo simples que elege santos e erige monumentos e santuários para o contínuo empreendimento de sua fé” (FLORES FILHO, 2013, p.169).

Uma novidade trazida pelo livro de Novena do festejo de 2018 diz respeito ao boxe sobre a volta da Romaria, são palavras do Frei Marcone Lins de Araújo- Reitor responsável pelo santuário buscando conscientizar sobre a continuação da romaria:

Ninguém vem a Canindé sem trazer nada, de mãos vazias, nem volta sem levar nada! Na vinda e na ida, muitas coisas aconteceram e podemos ver mais do que os olhos enxergam e aprender com as coisas boas que acontecem e com as dificuldades que enfrentamos! Por esta razão aproveitamos para que você faça uma avaliação de sua romaria, lembrando o que você trouxe para Canindé e o que você levou daqui para sua vida na família e na comunidade onde você vive.

Gostaria [...] que você fizesse uma avaliação pessoal de sua vinda a Canindé, ou com os companheiros e companheiras da romaria. Para ajudar, sugiro algumas perguntas:

- 1- O que eu levei no meu coração para Canindé? O que esperava encontrar em Canindé? O que me deu alegria e o que me entristeceu no caminho, na minha viagem?
- 2- O que trouxe de Canindé para minha família? Que propósitos fiz a Deus e a São Francisco para viver como verdadeiro cristão, em minha família e na comunidade onde eu moro.
- 3- O que gostaria de informar ou sugerir ao Reitor do Santuário, aos frades e aos que estão a serviços dos Romeiros de São Francisco com a finalidade de melhorar o acolhimento aos Romeiros. (Frei Marcone In Livro de novena, 2018, *grifos nossos*).

A mensagem do frade é incisiva ao indicar que ninguém vai a Canindé sem levar nada, da mesma forma que não volta sem antes ter adquirido algo. A experiência da romaria é única, dessa forma é solicitado pelo frei que ela seja levada para o cotidiano, para a comunidade do romeiro(a). No final o reitor pergunta a eles o que é melhor fazer para melhor o acolher, essa postura demonstra que ao mesmo tempo em que a Igreja busca racionalizar o romeiro(a) ela se dá conta que precisa escutá-lo e aprender com sua fé para manter as festividades e dessa forma, o santuário.

E às vezes a gente tem a impressão que o povinho entende muito mais dessas realidades divinas que envolvem São Francisco do que os próprios frades. (risos) com seus estudos, mas que não tem a mesma experiência prática da vida né, e por isso nós sempre dizemos, nós como frades também aprendemos com a fé do povo. (FREI SANNING, 2014).

O romeiro é o agente que atualiza a cosmologia da cidade-santuário: na maior parte dos casos, os romeiros são atraídos aos lugares sagrados em virtude das notícias de milagres que estes acumulam. No entanto, quando nos referimos aos dias atuais, é preciso que nos atentemos para outras motivações que se entrelaçam com o componente religioso. Desse modo, é importante estar atento para a polissemia de sentidos presentes nas romarias. A romaria pode conjugar lazer, festa, devoção, ecologia, sendo que esses “atrativos” não são excludentes, mas combinam-se servindo de suporte para distintas imagens e representações.

Assim, o universo de romeiros e romeiras residentes no Maranhão que se dirigem a Canindé é múltiplo e complexo. Podemos, no entanto, perceber características desta devoção. A relação com São Francisco envolve fé, louvor, negociação e gratidão. Ao santo milagroso recorre-se em busca de saúde, prosperidade e felicidade. Retornar a cidade santuário de Canindé é renovar laços com o santo e acionar a identidade e a prática romeira no convívio com o outro, na referencia e na renovação da experiência do sagrado.

CAPÍTULO 3º - A FÉ CRISTÃ MODERNA: IGREJA, MASS MEDIA E TURISMO.

As relações sociais, políticas e ideológicas, na atualidade, situam-se no palco da modernidade com os avanços tecnológicos na área das comunicações de massa, *mass media*, perfiladas ao turismo atuante e crescente no mundo dos negócios virtuais. As igrejas e centros religiosos, especialmente católicos, têm sido influenciados por essas ideias, modelos e práticas.

Neste sentido, pensar as práticas religiosas do povo do meio rural significa procurar compreender o fenômeno religioso para além dos preceitos canônicos e das liturgias oficiais da *Éclésia*. As novas manifestações de crença estão intimamente articuladas ao que se denomina turismo religioso, fenômeno da igreja moderna, estratégia de fieis para aproximar fé e lucro no interior das práticas de devoção e cultivo do sagrado. Além da oportunidade de expressão da fé, o turismo religioso tem se fortalecido como uma alternativa de formação cultural e possibilidade de negócio lucrativo. Paralelamente, o mercado da fé potencializa-se pela intersecção com as tecnologias de comunicação e informação. A comunhão da espiritualidade com *mass media* promove a proliferação da fé e a conquista de mais adeptos aos segmentos religiosos.

Sendo assim, buscamos discutir os *mass media* e a presença do turismo religioso na cidade santuário de Canindé como fenômenos que tem possibilitado maneiras diversas de experienciar o sagrado. Iniciamos o capítulo realizando uma breve discussão acerca dos *mass media* e a utilização dos mesmos pelo Santuário de São Francisco como meios de propagação de suas ideologias e convicções. Em seguida, apresentamos o turismo religioso enquanto um fenômeno popular que tem se transformado cada vez mais em um atrativo tanto para fieis quanto para pessoas atraídas a lugares sagrados. Por último, indicamos a vocação turística do Santuário de Canindé, ou seja, a forma como a cidade vem se apropriando dos elementos turísticos como forma de atração dos romeiros. As entrevistas de História Oral juntamente com a utilização das imagens nos ajudam a acessar a perspectiva do romeiro em relação ao turismo religioso e seu uso.

3.1- Os *Mass Media* e a Igreja Católica

José Honório das Flores Filho (2013) analisando o santuário de Frei Damião em Guarabira na Paraíba chama atenção para a mercantilização e o consumo de espaços relativos à religiosidade que se tornam cada vez mais evidentes e efetivos na contemporaneidade. Segundo o autor, podemos utilizar categorias e conceitos como “capital de fé”, “espetáculo

religioso” e “turismo religioso”, quando nos referimos a igrejas e à religião cristã no mundo moderno.

Como observado por Flores Filho em Guarabira-PB, em Canindé, essas categorias e conceitos podem ser aplicados, uma vez que estamos diante de um catolicismo que se apresenta com uma roupagem muito mais elástica, um campo onde o secular e o religioso não se constituem como categorias antípodas, mas antes como complementares, uma religião que busca se adequar às novas demandas sociais.

Na análise de Flores Filho os *mass media* ou meios de comunicação de massa são entendidos como a forma de flexibilidade móvel da Igreja em um plano midiático, ou seja, é também pela utilização dos *mass media* que a Igreja católica busca se disseminar e competir por fieis com outras denominações cristãs (FLORES FILHO, 2013, p.27).

Pierre Sanchis (1995, p. 81-91) fala a respeito de um campo religioso que está em constante construção e reconstrução:

[...] um campo religioso constrói-se e se reconstrói constantemente das reações entremeadas das instituições, dos grupos, quase grupos e indivíduos, diante do jorro dos acontecimentos. Neste sentido, é a sua atual dinâmica que é decisiva. [...] Pois não se trata da simples transformação de determinada sociedade, de há muito biconfessional, mas de uma evolução geral, que repercute no interior do campo religioso um estado novo e generalizado (“a globalização”) das comunicações.

Uma constante reconstrução e transformação das fronteiras entre o sagrado e o profano parecer ser um fenômeno iniciado há muito tempo e, na atualidade, toma proporções cada vez maiores e significativas, uma vez que essas duas realidades antagônicas coexistem e parecem se intensificar ainda mais com o advento das novas tecnologias de comunicação de massa.

Nesse contexto, a religião vem se utilizando das tecnologias de comunicação para propagar suas ideologias e convicções e/ou ambições de fé. Cada vez mais as tecnologias avançam, nesse palco competitivo, sendo incentivadas em grande parte pela corrida desenfreada do consumo.

Assim, uma sociedade de consumo tem como resultado uma religião de consumo, onde cada vez mais necessidades são inventadas: uma sociedade marcada por um mercado cada vez mais concorrente, livre e diverso que por consequência reflete em uma religião que se pluraliza em seus costumes, tradições e reformas no modo de pensar dos fieis religiosos.

Em Canindé, o sistema de comunicação é formado pelas rádios *Santa Clara FM*, *São Francisco de Canindé AM* e *Web TV Paz&Bem*⁵⁹, Jornal impresso e revista, ambos com

⁵⁹Em 1998 a paróquia de São Francisco inicia a Rádio comunitária FM Santa Clara, no mesmo ano a paróquia adquire a Rádio AM São Francisco. Em 2000 a Rádio Comunitária Santa Clara é transformada em Rádio

publicações mensais e intitulados com o mesmo nome de *O Santuário*⁶⁰. Nas revistas e jornais os destaques são para os testemunhos e graças dos(as) romeiros(as) que relatam em pequenos boxes suas experiências de pedidos e pagamento de promessas.

O santuário dispõe ainda de um *site* na internet com todas as informações de suas principais ações: vídeos, edições de publicação dos jornais etc. Na primeira sexta-feira do mês no horário de 19hs uma missa é transmitida pela Rede Vida direto do santuário de Canindé.

Em 2019 o festejo de São Francisco contou com um reforço ainda maior nas mídias sociais. Foram criadas novas redes sociais (*Instagram, Twitter*). Além da disponibilização de um aplicativo do santuário para *download*. Pelo aplicativo é possível ter acesso a toda a programação do festejo de 2019, músicas, trajetos, pedidos de oração, testemunhos, vídeos, etc. O *site* oficial do santuário também passa por novas reformulações. Vários artigos são disponibilizados pelo *app* do santuário oferecendo, assim, ricas informações sobre a vida de São Francisco e suas obras.

A importância dos *mass media* para a sociedade e para a vida humana é de tal forma que o próprio meio de comunicação possui uma capacidade de alterar os comportamentos das pessoas e da sociedade. Ele próprio é uma mensagem, em si mesmo.

Nessa Aldeia Global (MCLUHAM, 2007, p. 23), vários setores da sociedade, reconhecendo o potencial enorme da internet, despertam para esse novo mundo, que por assim dizer, existe paralelamente ao nosso, e as instituições religiosas, especialmente, as Igrejas cristãs, fazem parte desses setores sociais ambiciosos. Nessa configuração, as mídias se tornam não apenas uma extensão homem como pontua McLuhan (2007), mas uma “extensão de Deus”, ou melhor, das instituições religiosas.

O Concílio Vaticano II valoriza os meios de comunicação de massa e incentiva sua expansão, como podemos ver em seus documentos (2001, p. 97):

[...] este sagrado Concílio admoesta sobre a obrigação de apoiar e auxiliar os jornais católicos, as revistas, as empresas cinematográficas, as estações e transmissões de rádio e de televisão, cujo fim primário seja divulgar e defender a verdade, e trabalhar pela formação cristã da sociedade humana. [...] Para que o multiforme apostolado da Igreja a respeito desses meios de comunicação social se consolide eficazmente em todas as dioceses do mundo. [...] sejam convidados a rezar e a contribuir com suas ofertas para este fim [...].

Educativa Santa Clara. Em 2012 a Web TV Paz & Bem realiza suas primeiras transmissões, ao vivo, pelo Site Santuário de Canindé. (Disponível em <http://www.santuariodecaninde.com/santuاريو>). Acesso em 03 de março de 2020.

⁶⁰O Jornal O Santuário de São Francisco das Chagas é o órgão de comunicação mais antigo do Santuário e da cidade de Canindé, desde 1915.

Na publicação nº 9 da revista o Santuário, de janeiro de 2016, frei Sérgio Moura Rodrigues Guardião, do Convento de Santo Antônio⁶¹, discorre sobre a importância das redes sociais como mecanismo que favorecem o encontro entre as pessoas, e aceleram modos e tempos de interação humana, com respostas rápidas, mas faz uma ressalva:

[...] podemos entender as redes sociais como bons meios de comunicação, que aceleram modos e tempos de interação humana, com respostas rápidas. Os principais riscos são: *querer sempre respostas imediatas, inclusive de Deus, o isolamento nas relações pessoais e certa dependência dessas formas de comunicação*. Porém, os riscos não podem nos privar das redes sociais. Cabe a cada um descobrir diariamente o centro vital que é o encontro, sabendo orientar o relacionamento com as tecnologias, como meios favoráveis a verdadeiros e bons encontros entre pessoas. (Frei Sergio Moura In: Revista O Santuário, jan 2016, *grifos meus*).

Podemos afirmar que as tecnologias midiáticas mudaram de forma significativa as estruturas da nossa sociedade e as instituições religiosas, uma vez que essas religiões são participantes das estruturas no mundo midiático, político e econômico.

Os *mass media* são algo tão importante e presente na nossa sociedade que praticamente tudo o que conhecemos por instituição e organizações sociais passa pela experiência midiática, inclusive a religião e as igrejas.

A Igreja Católica, que ao longo de sua história se apresentava como religião hegemônica, na atualidade precisa se apropriar e utilizar novos mecanismos para angariar fiéis. Nesse sentido, faz uso das diversas tecnologias de comunicação com o intuito de competir, e desse modo, ampliar sua área de atuação. A fé vista sobre essa ótica é concebida como mercadoria. É possível perceber, através desse processo, uma relação de ressignificação pelo qual passa o campo religioso.

Mas, a Igreja como fez em toda sua história de desenvolvimento e expansão em que dominava e ao mesmo tempo agregava elementos que se somavam a seu corpo doutrinário, tanto na esfera mítica, teológica e dogmática com o compósito de santos criados e cultuados, quanto, com certa cautela, pelos santos populares impulsionados pela fé do povo. Comportamento esse ainda em voga de uma Igreja moderna, tecnologicamente equipada e ao mesmo tempo temperada com tradições dantes incorporadas. (FLORES FILHO, 2013, p.197).

Uma pessoa que assiste missa na sala de casa, não é menos crente do que aquela que vai às missas todos os domingos “Tal como a cidade ou o santuário a casa é santificada, em parte ou na totalidade, por um simbolismo ou um ritual cosmológico” (ELIADE, 1992, p.54).

⁶¹Fundado em 4 de outubro de 1898 por Dom Joaquim José Vieira, Bispo do Ceará, tendo como seus primeiros administradores os frades capuchinhos e atualmente pelos frades da Ordem dos Franciscanos Menores. Em seu interior encontra-se a Capela de Santo Antônio, local de oração da comunidade dos frades e dos paroquianos e o claustro, local onde moram os frades menores que atualmente compreendem um número de 07. Disponível em <http://www.santuariodecaninde.com>. Acesso em 09 de fevereiro de 2020.

Ao acompanhar o ritual religioso pelas ondas televisivas, a consciência do sagrado preestabelecida pelas suas crenças e fé torna-se presente a partir do significado e da importância que o homem religioso atribui a tal experiência. Indicando, desse modo à aglutinação entre o sagrado e o profano “Assim, parece que as religiões cristãs estão em uma espécie de reconfiguração e adaptação aos novos tempos e sendo absorvidas ou entrando no jogo do capitalismo” (FLORES FILHO, 2013, p.57).

Frei João Sannig⁶² argumenta que há um processo de modificação e (re)elaboração da forma como alguns romeiros, especialmente os jovens vêm se relacionando com a instância do sagrado.

Hoje em dia talvez o que a gente tenha que aprender que o jovem reza de forma diferente do adulto e do velho e que as coisas se mudam e que *hoje em dia jovens rezam por internet* mandam mensagens. Então é diferente mais é uma forma de se comunicar [...]. Talvez, a gente teria que inventar mais coisas a nível dos jovens de atração dos jovens para evangelizar especificamente os jovens e um dos questionamentos que eu também faço para a direção do santuário, o quê que se faz pelos casais, pelos os jovens que tipo de evangelização se poderia se fazer no santuário que tem muita mobilidade. (FREI SANNING, 2014, p.3, *grifos meus*).

O religioso defende uma postura mais eclética por parte da Igreja na acolhida aos jovens. Essa postura deve ser tomada escutando e dialogando com os jovens aprendendo a canalizar sua criatividade:

A tradição não é inteiramente estática, pois através da herança de cultura precedentes ela está sempre se reinventando (...), quando a nova geração assume tal herança ela acrescenta novos elementos e, com isso, a transforma dando-lhe características próprias (FLORES FILHO, 2013, p.42).

O catolicismo sendo parte do patrimônio cultural brasileiro por razões já esboçadas neste estudo possui tradições que tem suas origens há séculos de existência. Com isso, além do catolicismo poder explorar o lado tecnológico da nossa sociedade para propagar sua fé e influência, através de canais midiáticos, ele conta com o poder de suas tradições. Ora, por mais que o Brasil afirme sua laicidade através de decretos e leis, no próprio Congresso Nacional existe pendurado na parede logo acima na mesa do plenário um crucifixo. As datas comemorativas e feriados festivos estão repletos de dias de santos, comemorando algum santo católico, tendo o Natal como a maior comemoração cristã no mundo cristão e as festas juninas que tem São João como maior expoente festivo da tradição nordestina, marcando os ritos e ritmos da vida dos cristãos e brasileiros.

⁶²Frade da Ordem dos Franciscanos Menores (OFM), um dos responsáveis pelo santuário de Canindé. Entrevista realizada em outubro de 2014.

É esse poder das tradições que ainda move devotos, romeiros e peregrinos a centros religiosos no Brasil e no mundo. O turismo religioso se transforma cada vez mais em um atrativo tanto para fieis quanto para pessoas atraídas a lugares sagrados. O turismo religioso é na atual conjuntura social, juntamente com as tecnologias da comunicação, poderoso meio de contato que promove o fluxo e o refluxo, propagação e deambulação em uma troca contínua de influência de um lado e atrações do outro. É a essa configuração importante do turismo e da religião que se refere o tópico a seguir.

3.2 - Turismo religioso: o germe de um fenômeno secular com raízes na religiosidade

Falar de turismo é algo que envolve elementos significativos para a sociedade. E, muitas vezes, essas significações são de foro íntimo peculiar e próprio de cada indivíduo. Sendo assim, podemos afirmar que a prática turística é um modo de atender as necessidades sentidas pelo homem, sejam elas materiais, emocionais ou até mesmo espirituais. As finalidades e os motivos para se fazer turismo podem ser vários, considerados como fator determinante para especificar as várias modalidades turísticas. As motivações que impulsionam o turista e que conseqüentemente o movem são a razão de ser e determinam as distinções de suas modalidades tipológicas.

A disposição e as intenções ou motivações dos viajantes talvez se constituam nos elementos mais importantes para determinação não apenas para a classificação tipológica, mas também da própria natureza e da própria existência dos fenômenos considerados essenciais para o turismo, que passa a existir, necessariamente a partir da viagem ou do deslocamento e não a partir dos recursos dos meios de hospedagem e dos equipamentos de lazer e entretenimento (ANDRADE, 2004, p.26).

Lazer, diversão, consumo, fuga da correria da cidade e das metrópoles no caso do turismo rural e da natureza, ou até mesmo o contrário quando as pessoas do campo e de cidades pequenas viajam com fins turísticos para as grandes metrópoles. Os desejos e as necessidades do turista podem variar tanto como os tipos de turismo – de férias, de saúde, cultural e de âmbito religioso. Esta última modalidade citada é a que nos interessa tratar neste tópico do estudo, devido a sua complexidade e relevância no tempo presente.

O turismo é multifacetado e dinâmico. Possui dentro de seu foro de existência várias modalidades e expressões quanto às suas motivações. Na verdade, “há tantas vocações turísticas quanto são os recursos ou os atrativos específicos das diversas regiões e dos diversos locais e os serviços turísticos, ou não, que os caracterizam direta ou indiretamente” (ANDRADE, 2004, p. 26).

Já afirmamos ser o turismo uma atividade que envolve lazer, comércio, vendas, consumo e toda uma gama de atividades que só esse segmento pode proporcionar. Mas, quando todas essas atividades se juntam ao elemento religioso, um leque de complexidades e estruturação se abre para experiências múltiplas somando a outros elementos significativos do campo religioso como peregrinação, romarias, penitentes e pagadores de promessa. Nas pesquisas de Andrade (2004), é possível observar as diferenças no perfil do turista religioso que se desloca aos santuários e festas católicas.

Quadro 2: Perfis - Categoria e características

Categoria	Características
Romeiro	Viaja aos santuários e festas sagradas, quase sempre em grupo, esperando alguma forma de recompensa.
Devoto	Viaja aos santuários e festas sagradas do seu santo/padroeiro de devoção.
Peregrino	Viaja aos santuários e festas sagradas da sua própria religião, na maioria das vezes, sozinho.
Promesseiro	Viaja aos santuários e festas sagradas para pedir uma graça, seja material, de cura física ou espiritual.
Penitente	Viaja aos santuários ou festas sagradas espontaneamente ou por indicação de líderes religiosos para redimir-se de suas culpas, expiação dos seus pecados, entrega de ex-voto e para cumprir o pagamento de uma promessa.
Turista Cultural-religioso	Viaja aos santuários ou festas sagradas pelo prazer de viajar, por enriquecimento cultural, curiosidade e observação.

Fonte: Dados adaptados de Andrade (2004, p.34).

Ainda de acordo com Andrade (2004, p. 21), as várias percepções acerca do sagrado e deslocamentos aos centros atraentes para a atividade turística possibilitam vislumbrar que as características do turismo religioso modificam-se de acordo com o lugar, à distância e a intenção da viagem.

No que se refere ao conceito oficializado de turismo religioso pela Conferencia de Roma em 1960, aponta Ribeiro (2003, p.33):

[...] uma organização que movimenta inúmeros peregrinos em viagens pelos mistérios da fé ou da devoção a algum santo. A sua prática efetiva realiza-se de diversas maneiras: as peregrinações aos locais sagrados, às festas religiosas que são celebradas periodicamente, os espetáculos e as representações teatrais de cunho religioso, e os congressos, encontros e seminários ligados à evangelização.

Andrade (2004, p.77), entende o turismo religioso como um “conjunto de atividades, com utilização parcial ou total de equipamentos, e a realização de visitas a receptivos que expressam sentimentos místicos ou suscitam a fé, a esperança e a caridade aos crentes ou pessoas vinculadas a religiões”.

Uma das contribuições mais usadas para uma melhor compreensão do universo no qual o turismo religioso se define e se expande, onde enaltece, desfruta e verifica o patrimônio religioso do lugar dinamizando novos procedimentos e práticas, é citado por Dias (2003, p.17):

Uma forma de viagem na qual a motivação principal é a religiosa, no entanto, podem ocorrer outras motivações, tais como a curiosidade ou interesse cultural em compreender as manifestações tangíveis e intangíveis de determinada cultura religiosa. Turismo religioso é aquele empreendido por pessoas que se deslocam por motivações religiosas e/ou para participação em eventos de caráter religioso. Compreende as romarias, peregrinações e visitas a espaços, festas, espetáculos e atividades religiosas.

Abumanssur (2003, p.66), caracteriza em seu artigo o método de democratizar as viagens onde a maior fatia dos envolvidos no turismo religioso tende a dar mais ênfase à dimensão turística do que à religiosa. Constata o autor que os produtos e serviços turísticos são expostos de maneira mais comercial, para a venda, conseqüentemente atendendo a um elevado número de pessoas onde ocasiona um turismo massificado, onde o próprio turismo religioso se encontra. Pontua o autor que: há algo de “religioso no turismo”, algo de “turístico nas peregrinações” e assim nessa abordagem pode-se entender melhor as “vivências religiosas” e da “religiosidade de um Brasil experimentado pelas classes populares”.

Para Silveira (2004, p.28), o deslocamento turístico- religioso misturado com as tradicionais peregrinações, faz parte do mercado de entretenimento, assim como de uma rede de pousadas, hotéis, agências de viagem, infraestrutura turística e agentes políticos-culturais-religiosos – tais como secretarias de turismo, associações comerciais, lideranças religiosas e outros.

A Secretaria de Turismo do estado do Ceará (SETUR) a partir de um relatório produzido em 2016 fez um breve esboço das atividades turísticas mais desenvolvidas no estado⁶³. Ainda segundo dados da SETUR o impacto do turismo sobre o Produto Interno Bruto (PIB) do Ceará saltou de 9,4% para 11,7% representando 16,3% de crescimento no período de 2006 a 2016.

⁶³Disponível em: <https://www.setur.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/59/2016/11/evolucao-turismo-2006-2016-artigo.pdf>. Acesso em 05 de fevereiro de 2020.

Quadro 3: Segmentação e Destino Turístico do Ceará

SEGMENTOS		DESTINOS	
C U L T U R A L	Sol e Praia	C O M P R A S	<ul style="list-style-type: none"> · Fortaleza e entorno · Canoa Quebrada · Jericoacoara e Camocim · Outros
	Eventos e Negócios		<ul style="list-style-type: none"> · Fortaleza · Crato e Juazeiro · Iguatu · Pplos Agrícolas e Industriais Interior · Guaramiranga · Outros
	Visita Parentes/Amigos		<ul style="list-style-type: none"> · Litoral · Serras · Sertão
	Religioso		<ul style="list-style-type: none"> · Canindé · Juazeiro do Norte · Outros
	Outros		<ul style="list-style-type: none"> · Santana do Cariri: Arqueológico · Ubajara: Espeleologia · Litoral, Serras e Sertão: Esportes/Aventuras e Ecológicos/Rural.

Fonte: Secretaria de Turismo do Ceará (2016)

Do ponto de vista econômico, o turismo é um produto composto e diversificado que se torna cada vez mais enriquecido, divisível ou segmentado. Na verdade, cada destino tende a ofertar um conjunto de combinações específicas de bens e serviços, destinados a segmentos cada vez mais identificados. Tais combinações de produtos ofertados dependem das potencialidades naturais e da capacidade de formatar o produto composto.

No que se refere ao município de Canindé foi publicado um estudo sobre os principais atrativos turísticos da cidade em outubro de 2015 pelo Instituto de Desenvolvimento Institucional das Cidades do Ceará (IDECI⁶⁴) em parceria com a Secretaria das Cidades do Governo do Estado do Ceará. A tabela a foi organizada levando em consideração os tipos de atrativos turístico/religioso do local.

⁶⁴Disponível em: <[http://www.ideci.ce.gov.br/publicacoes/perfil/basico\(pbm2015\)/caninde.pdf](http://www.ideci.ce.gov.br/publicacoes/perfil/basico(pbm2015)/caninde.pdf)>. Acesso em 05 de fev de 2020.

Tabela 1: Caracterização dos atrativos turísticos no Município.

Ano - 2011	
Tipos de atrativos turísticos/religiosos	Turismo cultural/religioso de Canindé, Basílica de São Francisco das Chagas, construção teve início em 1775. A edificação em forma de cruz grega possui torres de 32m e a cúpula central chega a 35 metros. A Basílica é o cartão postal da cidade, o prédio mais imponente. Além da sua magnífica arquitetura, destacam-se os afrescos do pintor alemão George Kau. Casa dos Milagres, construída em 1894, é lugar sagrado para romeiros. Situada ao lado da Basílica, o prédio abriga ex-votos, objetos e fotografias, que representam pedidos, promessas e agradecimentos dos fiéis.

Fonte: Secretaria de Turismo do Ceará- 2015.

No Brasil, as festas religiosas e espaços sagrados tem atraído sobremaneira um grande número de fiéis, devotos, romeiros “esses agentes sociais criam uma mobilidade anual através dos deslocamentos aos santuários, procissões e festas de padroeiros, tornando o turismo religioso uma das principais atividades turísticas do país” (ARAGÃO, 2014, p.2).

Foi constatado em 2015 pelo Instituto Brasileiro de Turismo – (EMBRATUR) que 15 milhões de pessoas se deslocam internamente no país por motivos religiosos, onde 2,5 milhões passam por Canindé⁶⁵. Esse elevado número vem movimentando pelo menos em torno de R\$ 6 bilhões no turismo interno brasileiro. Podemos inferir a partir dos dados que o turismo religioso está em franco crescimento. No Brasil, este seguimento consolida-se, visto que o país tem larga tradição religiosa e demanda para o desenvolvimento dessa prática.

Por todo o território nacional, sejam em grandes cidades ou médios e pequenos povoados, é possível perceber a devoção aos santos, beatos e padroeiros da cidade, com sua procissão anual e capelinhas que atraem a população urbana e rural para o ritual de adoração, havendo uma infinidade de círculos locais em torno de santuários e vilas que possuem seus santos e padroeiros no país (STEIL, 2001, p. 116).

Ainda de acordo com Steil (2001, p.120), o turismo religioso acontece quando o sagrado é transportado para um ambiente cotidiano e intimamente ligado ao lazer, às festividades e ao consumo, mas sem deixar de ser espiritual.

⁶⁵Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/turismo/2015/01/viagens-motivadas-pela-fe-mobilizam-cerca-15-milhoes-de-pessoas>>. Acesso em 10 de fev. de 2020.

O que podemos testemunhar notadamente no mundo atual, em relação ao turismo religioso, é que este é uma atividade moderna em que o elemento sagrado entra em um universo secular de atuação, e o religioso extrapola os seus limites de atuação além de seus templos criando relações externas construídas pelas configurações do mundo moderno e suas práticas econômicas, em que a tradição religiosa atua como elemento motivacional de atração turística servindo por sua vez à atividade comercial. Essa sobreposição das dimensões das práticas de fé religiosa pela própria atividade turística em si que se refere Andrade (2004, p. 79).

Meca, Benarés, Jerusalém, Belém, Roma, Lourdes, Fátima, Aparecida do Norte, Juazeiro, Lujan, Assis, Pirapora do Bom Jesus, e muitos outros lugares, marcado por devoções oficiais ou populares de religiões, são núcleos receptores importantes em termos da fé e, conseqüentemente, em termos de turismo, cujas dimensões – pela propagação e pelo marketing – superem as manifestações da fé e as próprias motivações religiosas.

Atualmente a religião se apresenta diante do fenômeno turístico moderno como parecendo invadida, ou, pelo menos quando o fenômeno é contemplado através do olhar peculiar das atividades comerciais de exploração e investimentos na máquina capitalista na atividade turística de receptivos religiosos. Contudo, no que diz respeito ao seu aspecto histórico cultural, foram atividades religiosas que forneceram uma pré organização, por assim dizer, de roteiros e estruturas para atividade de fiéis em peregrinação em locais sagrados:

No século III e IV da era cristã, os fiéis começaram a cultivar o hábito de viagens de caráter religioso a eremitérios, mosteiros e conventos da Síria, do Egito e de Belém, a fim de encontrar-se com os “servos de Deus”, para pedir-lhes conselhos, orações, bênçãos e curas. [...] Há registros de um roteiro datado de ano de 333, com itinerário bem detalhado para as viagens de devotos e fiéis que partiam de Bordéus, na França, rumo a Jerusalém. Suas indicações assemelham-se às utilizadas nos modernos roteiros técnicos (ANDRADE, 2004, p.79).

A peregrinação é um fator de considerável relevância no desenrolar da sistematização de roteiros e itinerários de viagens religiosas, como a concebemos presentemente nos roteiros técnicos do turismo moderno. O interessante é que essas peregrinações não apenas tinham um teor de estrita devoção, sacrifício e contemplação religiosa, mas também de cultura e prazer.

Nesse contexto de viagens de peregrinações, romarias, penitências ou reparações, especialmente, quando precedido da palavra “viagem”, essas designações são consideradas como “especificações técnicas” ou “subtipos do turismo religioso”, para fins de calendários, trabalhos promocionais e sistematização do turismo (ANDRADE, 2004, p. 78).

Podemos inferir, portanto, que as atividades de peregrinações, romarias, penitências, de pagar promessas são “elementos primitivos” por assim dizer, do turismo religioso, mesmo antes das práticas do pensamento empreendedor do capitalismo.

Para Flores Filho (2013, p.45) o turismo religioso no Brasil possui peculiaridades culturais notáveis no âmbito de vocações culturais e regionais. O turismo religioso do Nordeste apresenta peculiaridades bastante significativas, como no caso de Canindé. O ícone de devoção, São Francisco das Chagas, não é um filho da terra, mas um estrangeiro. No entanto, o imaginário social fez o santo “tornar-se nordestino” através de um processo já discutido no capítulo anterior.

Assim, São Francisco de Assis, vestiu as vestes folclóricas nordestinas e assumiu a figura de São Francisco das Chagas de Canindé, um santo chagado assim como é o povo nordestino. Toda essa tradição cultural religiosa e devocional do povo nordestino pode ser encontrada no Santuário de Canindé, em que esses elementos por si mesmos são a principal vocação deste centro religioso.

3.3 - O santuário de Canindé e sua vocação turística

Na cidade, como já mencionamos, o comércio é intenso, vendedores aproveitam o grande fluxo de romeiros para comercializar. Há romeiros(as) que afirmam ir à cidade somente fazer compras e visitar a Praia do Futuro, localizada na capital Fortaleza. É o caso de uma romeira maranhense que, em uma conversa informal, discorreu que há sete anos vai a Canindé e aproveita a viagem para comprar roupas para vender no Maranhão. Ela narra que vai em uma excursão que sai dia 27 de setembro e vem de Imperatriz. A viagem para ela é muito cansativa, porém afirma vir renovada de Canindé, mesmo não participando de todas as festas religiosas.

Figura 20: Romeiros no comércio de rua de Canindé.



Fonte: Yann Maia, 2018.

Uma grande parte da pujança de Canindé advém do comércio varejista, do turismo religioso e da indústria, sendo esta última menos relevante, e, inclusive estão ligadas direta ou indiretamente ao fator festivo religioso do santuário. É possível observar ao longo de várias

avenidas da cidade, pessoas com barracas improvisadas na porta de suas casas, comercializando os mais distintos produtos. O shopping Center da cidade também abre suas portas para acolher os romeiros, *banners* são hasteados nas principais vias de acesso à cidade dando as boas vindas aos devotos.

Figura 21: Fachada do principal centro comercial da cidade.



Fonte: Yann Maia, 2018.

Quem não perde a oportunidade de aproveitar os bons preços dos produtos que a cidade oferece é o romeiro Iranildo dos Santos⁶⁶, acompanhado da esposa e de dois filhos pequenos Iranildo afirma que onde para o romeiro compra: “eu mesmo se eu trazer [sic] 2.000 eu gasto 2.000 aqui volto sem nenhum centavo, e gasto satisfeito, né! Dou minha oferta pra São Francisco [...] Compro muita roupa, compro santo, compra, bolsa, compra tudo, fitinha” (IRANILDO DOS SANTOS, 2015, p.3).

Além disso, a viagem se torna ainda mais onerosa quando feita com a companhia dos filhos, pois:

Dá trabalho, dá trabalho demais (interrompe a esposa – a nossa de dois anos toda coisinha ela ver ela quer comprar, toda coisa. Trabalho demais é um gasto danado com criança). Gasta muito, essa é a vida do romeiro aqui em Canindé, e amanhã a gente vai embora com o coração partido não podemos ficar mais não pode, por que tem os compromissos, né! Aí já vamos trabalhar, é igual escola de Samba quando terminou o desfile lá no Rio de Janeiro, quando no outro mês já começa trabalhar o ano todo pra poder quando for em fevereiro eles desfilar, igual nós quando chegar [...] na cidade aonde vai chegar começa a trabalhar só pensando em vim pra

⁶⁶Casado, 02 filhos, de ascendência maranhense, nos conta que iniciou suas idas para Canindé com apenas 6 meses de vida levado pela mãe desde então não parou mais de ir ao santuário à exceção foram três anos que Iranildo morou no Rio de Janeiro e não pode ir visitar o santo.

Canindé o ano que vem. Tá entendendo. *Não pode falhar!* (interrompe à esposa – já começa a pagar a passagem do outro ano). *Porque senão quebra a corrente* (risos) e São Francisco não quer isso, quer que a gente venha. *Tenha fé em São Francisco que ele lhe ajuda eu lhe garanto, ele faz milagre!* (IRANILDO DOS SANTOS, 2015, *grifos meus*).

O trabalho de andar com crianças é muito grande, pois criança tudo quer, tudo deseja. No entanto, não ir a Canindé é algo inconcebível para o romeiro, visto até mesmo como uma quebra de corrente ‘*Não pode falhar*’. Ademais, a preparação para a romaria é igualada a preparação de um desfile de escola de samba, não pode descuidar nem deixar para a última hora, com organização, trabalho e providência divina tudo se arranja, pois ‘*São Francisco faz milagres!*’.

Assim como Iranildo, a romeira Hormina afirma que seus gastos em Canindé giram em torno de 2.000 (dois mil reais). Isso levando em conta alimentação, ofertas dadas ao santo durante as missas, roupas, toalhas, lençol, tapete etc.. “Aqui em Canindé eu só compro coisas pra casa: roupa, toalha, lenços, rede, tapete e algumas roupinhas para os netos, né! E as coisinhas assim de enfeitar. [...] Dois mil. E comida e as comprinhas, esmolos, né! Passagem e tudo. Dois mil” (HORMINA, 2018, p.2).

A cada dia que passa o segmento do turismo religioso ganha mais abrangência e força na cidade, tornando assim o comércio como um fator influente na economia. De acordo com uma pesquisa realizada no período da romaria de outubro de 2014⁶⁷ pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo, foi constatado que cada frequentador gasta R\$100,00 em média na visita com produtos religiosos, como: imagens, terços, fitas, chapéus, escapulários, velas, fogos, chaveiros, etc. Portanto o setor movimenta várias áreas produtivas consolidando a geração de emprego e renda. Verificou-se na mesma pesquisa que a cidade possui cerca de 820 fábricas de imagens nos “fundos de quintal” que são também comercializadas em outros estados.

Na volta para a casa a quantidade de produtos comprados é um gerador de várias contendas, pois a quantidade de bagagem aumenta e haja espaço para organizar tantas coisas. No entanto, a freiteira Santa narra que sempre se encontra uma forma para não deixar nenhum romeiro insatisfeito “Compram. Compram muito. Às vezes dá até problema na volta porque os romeiros querem levar coisas demais do Canindé, *mas a gente sempre acha um jeito de organizar tudo* [...]. Muito bom! Aqui pra eles é muito bom, é muito lucrativa essa época do festejo de São Francisco” (SANTA 2018, p.2 *grifos meus*).

⁶⁷Disponível em <<http://www.caninde.ce.gov.br>. Acesso em 05 de fev de 2020.

O *turismo religioso*, conforme assinala Flores Filho (2013, p.48), “é um fenômeno popular onde a religiosidade somada às festas, ao lazer e ao comércio já são partes intrínsecas desse fenômeno”. No próprio roteiro das romarias, essa confluência de fenômenos pode ser observada: os romeiros na ida para Canindé passam por Juazeiro em uma demonstração de devoção, contemplação religiosa, prazer e diversão. Desse modo, como indica Steil e Carneiro.

A experiência de peregrinar deve ser interpretada através dos significados múltiplos a ela atribuídos, procurando compreender as formas de combinação possíveis entre os significados de um fenômeno milenar (a peregrinação) presente em diversas tradições religiosas e os novos significados que lhe são conferidos, particularmente no desenvolvimento da mediação das instituições religiosas para as agências turísticas, na ênfase das formas de reflexividade que condicionam processos subjetivos na contemporaneidade. (2008, p.108).

Como já havia afirmado, a Igreja se imiscui em um contexto marcado pelas lógicas de mercado. Nesse cenário, práticas religiosas e mercadológicas se confundem, o turismo religioso ao que parece permite uma revitalização do fenômeno das romarias. As romarias congregam centenas de romeiros(as) que caminham juntos, independente do objeto de sua crença.

O romeiro de Canindé é romeiro e turista, para muitos deles ir até a cidade nesse período do ano é uma forma de sair do cotidiano. Como os preços dos produtos na cidade de Bacabal são relativamente altos, a ida até o Ceará é também vista como meio de aproveitar os bons e onerosos preços que a festividade proporciona: “Muitas imagens pra serem abençoadas na Igreja, muitas roupas aqui que se tornam mais baratas do que na nossa cidade. *Tipo assim: a maioria do pessoal da nossa cidade compra aqui pra revender lá, então a gente comprando aqui já sai mais em conta.* Então eles compram bastante mesmo” (SANTA 2018, p.3 *grifos meus, p.4*).

Na cidade de Canindé, o tempo sagrado se dá concomitantemente ao tempo profano, cada um em seu devido espaço, porém interagindo entre si (a missa no santuário - o comércio de lembrancinhas; as novenas nas casas de populares - a pipoca nos carrinhos de esquina; a procissão de acolhida - a barraca de lanche e água). É o espaço profano pelos atos não religiosos intimamente ligado ao espaço-tempo sagrado garantindo a sobrevivência simbólica do ritual e a manutenção econômica de famílias na cidade.

O *turismo religioso*, portanto, tem possibilitado maneiras diversas de experienciar o sagrado, o que se encontra na cidade-santuário de Canindé são pessoas diversificadas, com

realidades díspares buscando talvez um sentido para suas vidas. Nessa busca a religião, o consumo e o lazer fazem parte de uma mesma realidade.

Os(as) romeiros(as) são sujeitos plurais: alguns acordam bem cedo para assistir às primeiras missas; participam de toda programação ofertada pela Igreja, e outros vão a Canindé somente pagar promessa ou fazer compras no mercado de Fortaleza. Afinal, vivem em um mundo marcado pelas lógicas de consumo e são influenciados diretamente por essas lógicas, frutos do meio em que vivem que, por sua vez, é produto que consomem, reinventam, reconstroem e que volta a influenciá-los.

Essas novas peregrinações, que juntam em seus horizontes de motivações interesses turísticos, místicos, culturais, históricos e ecológicos, ganham plausibilidade e são fortes atrativos na medida em que situam num contexto mais abrangente, em que essas junções já não são vistas como estranhas, uma vez que as próprias fronteiras entre esses campos sociais se tornaram porosos. Particularmente, a relação entre religião e mercado, tão problemática e dissimulada numa perspectiva moderna, que tende a restringir a religião a uma questão de foro íntimo, parece ganhar espaço e direito na condição contemporânea (STEIL; CARNEIRO, 2008, p.116).

A ida à Praia do Futuro na cidade de Fortaleza é outro grande momento da romaria, todos os anos, no penúltimo dia, os romeiro(as) aproveitam a estadia em Canindé para visitar a capital Fortaleza. Na cidade eles aproveitam as belezas naturais da praia e esticam viagem até o mercado central aproveitando dessa forma, os bons preços dos produtos. Em 2018, a viagem até a capital custou a cada romeiro um quantitativo de vinte e cinco reais, muitos titubearam em relação ao valor, mas acabaram indo, a viagem aconteceu pela madrugada, pois o motorista buscava evitar os congestionamentos recorrentes na entrada de Fortaleza durante esse período do ano.

Figura 22: Romeiro(as) contemplando o mar na Praia do Futuro.



Fonte: Yann Maia, 2018.

Um acontecimento jocoso marca a memória de Iranildo no tocante a ida de um romeiro à Praia. Não acostumado a ver o mar, o romeiro se espanta com tamanha extensão de água:

Vê aquele montão de água. Ele pensa que é um açude (risos) pensando que a água é doce. Teve um que chegou lá e disse oh! açudão ai o outro falou pra ele: - Não, açude não rapaz, isso é o mar, de quem é esse mar rapaz? Da mãe natureza oh! - Mulher rica da porra (risos) (IRANILDO, 2015, p.2).

A possibilidade de contemplar a grandiosidade do mar é um dos atrativos que incentivam a visita dos romeiros à praia. Ao se depararem com aquela imensidão de água ficam admirados e passam horas debaixo de um sol escaldante apenas olhando o movimento das ondas “muitos que ainda não tinha visto a praia como ontem. Teve uma senhora do interior que nunca tinha visto a praia ficou muito feliz. Ficou dislumbrada mesmo. Ela disse que se soubesse que era lindo daquele jeito, ela tinha vindo outras vezes” (SANTA, 2018).

A todo instante vários ônibus vindos de Canindé chegavam à Praia do Futuro carregando romeiros de variados lugares. Os bares ao longo da orla marítima contavam com um fluxo intenso de pessoas paramentando hábitos marrons. No interior dos bares um forró pé de serra era tocado e várias rodas de dança eram formadas. A cerveja, as conversas, e as *selfs* eram ingredientes indispensáveis aos presentes na praia. Para Hormina a visita à praia é uma brincadeira boa, um lazer, todos saem satisfeitos e felizes:

Em Fortaleza é muito bom. É bom demais pena que eu não posso entrar na água que eu morro de medo de água, mas a gente ficou lá de boa. Você tava lá mais nós, né! Não teve briga não teve zoada foi de boas uns comendo e outros bebendo como você viu lá. Então pra gente é uma *brincadeira boa*, né! a gente vai volta uma festa dessa volta todo *mundo satisfeito de cabeça limpa coração limpo e a alma leve*, né! Por que São Francisco deixa a gente com a alma leve também (HORMINA, 2018, *grifos meus*).

Romeiros de mais idade por apresentarem problemas de saúde já não fazem a viagem até Fortaleza. Maria Rosena lembra que gostava de ver o mar e sentir o vento bom da praia, no entanto agora não dá mais. A intensidade das ondas somada aos problemas de saúde são fatores que a impedem de desfrutar da praia.

Eu gostava de ver o mar e sentir aquele ventinho [...] só que a última vez que eu fui pra Fortaleza, olha quando vinha aquelas onda d'água me dava uma dor tão grande nos nervos, meu filho uma dor tão grande, corria nos meus nervos. Não, não dá mais, não dá mais, eu ficava ruim! Ai meu filho: - Não mamãe! Vamos sair que a senhora não aguenta mais banhar, Aí não fui mais não! Tá com uns três anos que eu num vou (MARIA ROSENA, 2015, p.6).

Figura 23: Desembarque dos romeiros na Praia do Futuro.



Fonte: Yann Maia, 2018.

A cidade de Canindé possui um conjunto estrutural dedicado ao romeiro e ao turista, que serve também como principal atração de lazer de sua população. Essa estrutura corresponde ao chamado roteiro devocional que é empregado pelo santuário e que, auxiliado por serviços diversos como hotéis, pousadas, restaurantes e comércio, compõe o chamado espaço sacro- profano de Canindé.

A esse roteiro inclui-se, por exemplo, a estátua de São Francisco das Chagas com trinta metros de altura, inaugurada em 2005. Esta localizada no Morro do Moinho. É considerado o maior monumento sacro em homenagem a São Francisco do mundo.

Devido à falta de conclusão do projeto de urbanização do local por parte da gestão pública, com as estruturas de acolhimento aos romeiros e visitantes, que incluía também uma capelinha, as celebrações da Estátua de São Francisco foram transferidas já há alguns anos para a Capela de São Pedro, que fica a poucos metros do local.

Figura 24: Estátua de São Francisco.



Fonte: Yann Maia, 2018.

No entorno da estátua a venda de produtos religiosos é bem intensa. Como o monumento é afastado do centro da cidade é possível pagar dois reais em carros particulares ou motocicletas para se chegar até a imagem. Próximo à estátua é possível observar vários romeiros abaixados em busca de pedras que caem da estátua de São Francisco, segundo informações dos próprios romeiros as pedras são usadas em chás que servem para a cura dos males mais diversos. Elas também podem ser colocadas no lugar enfermo que agem da mesma forma.

Figura 25: Romeiro em busca de pedras aos pés da estátua de São Francisco.



Fonte: Yann Maia, 2018.

Além deste, tem-se ainda o complexo confessional São Damião que, anexo à Casa dos Milagres, corresponde a um espaço composto por 20 salas de confissões; o Santuário de São Francisco das Chagas; a Capela do Painei, na qual abriga o painel de São Francisco, que é conduzido nas ruas pelos romeiros durante as novenas (corredor religioso da cidade); o Museu Regional São Francisco, construído originalmente em 1972 pelo ex-vigário Frei Lucas Dolle com o objetivo de expor o que os devotos deixavam na cidade; a Praça dos Romeiros; a Sede da Campanha dos Benfeitores, criada em 2008, com a função de receber doações que são direcionadas à concretização de obras ligadas ao Santuário e para manutenção da festa do padroeiro; um zoológico, que também recebe o nome do santo padroeiro.

Figura 26: Entrada do Zoológico de São Francisco.



Fonte: Yann Maia, 2018.

O Zoológico São Francisco teve início quando os romeiros traziam animais para presentear São Francisco e os frades franciscanos se viram obrigados a cuidar destes. Em 1974 foi construído um pequeno zoológico em frente ao museu. Com a construção da Praça dos Romeiros veio à ideia da construção de um maior. A obra foi executada pela Secretaria Estadual de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente e a Casa de São Francisco, sob a orientação do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais - (IBAMA). A inauguração foi realizada em março de 1991. Se paga um valor simbólico de R\$ 2,00 para manutenção do lugar, possui mais de 250 animais de várias espécies. O horário de funcionamento é diariamente das 8h às 16:30h.

Segundo Frei João Sannig, “é claro hoje em dia tem *turismo religioso* da parte da cidade. Nós percebemos isso nas *motoromarias* que vem 10.000 motos de Fortaleza e se você

olha não tem nem 500 pessoas participando da santa missa. Então é mais um turismo do que propriamente dito uma peregrinação” (FREI JOÃO SANNIG, 2015, p.4)

A moto romaria em Canindé acontece ainda no mês de setembro. Quando cerca de 40.000 motociclistas se reúnem na cidade de Fortaleza e seguem rumo ao Santuário de Canindé em uma demonstração de aventura, fé e coragem. A moto romaria ocorre em um domingo antes da romaria oficial, às 8h da manhã. Ao chegarem à cidade de Canindé os motociclistas são abençoados pelo pároco, logo após a benção o prefeito da cidade entrega as chaves da cidade para o organizador da moto romaria.

Figura 27: Motociclistas na Praça dos romeiros.



Fonte: Santuário de Canindé, 2015.

Durante a benção dos capacetes dos motociclistas, o pároco do santuário busca realizar uma conscientização sobre a finalidade das romarias. Em suas palavras: “Confundir a romaria apenas como um momento de lazer” perde o seu sentido, o que pode ser passível, e isso não possibilita o cristão a uma mudança de vida, uma conversão interior, por isso é importante que o devoto aproveite bem esse momento de visita e permanência no Santuário. Pense nisso devoto de São Francisco” (FREI MARCONE LINS, 2017).

Figura 28: Benção dos capacetes na Praça do romeiro.



Fonte: Santuário de Canindé, 2015.

A reflexão sobre o turismo religioso envolve aspectos para além do prazer de viajar. Devoção, fé e penitência corroboram em consolidar esse segmento turístico como singular no campo dos estudos sobre religiosidade popular.

Ser devotado a um santo contribui para afirmar uma personalidade baseada em ações, discursos e experiências que moldam o indivíduo na direção do objeto sagrado. O turismo cultural-religioso não é a única forma de impulsionar esses estímulos, mas, por meio do deslocamento, promove o fluxo de pessoas em busca de atividades místicas e emocionais. A movimentação aos locais sagrados reafirma a religiosidade e a fé como fatores identitários de uma sociedade enquadrada na crença (ARAGÃO, 2014, p.65).

Nesse contexto, na análise do turismo religioso vinculado às festas católicas de santo padroeiro e espaços sagrados, percebe-se uma flexibilização das pessoas em utilizarem a infraestrutura própria do turismo. Além disso, viajar em grupo ou sozinho para festas dos santos e aos espaços de devoção denota elementos simbólicos e culturais do sagrado e reconhecimento grupal que reforçam a identidade e o pertencimento.

Assim o Santuário de São Francisco das Chagas de Canindé além de ser uma expressão das tradições católicas com seu conjunto de mitos, ritos e crenças, é um ponto de turismo religioso importante que vem marcando a história do turismo na cidade de Canindé.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

As romarias apresentam-se como práticas multifacetadas onde diferentes vivências se encontram. Um campo de tradições no qual várias concepções ‘velhas e novas’ se articulam e se refazem. É possível percebermos diversas nuances que caracterizam o *catolicismo popular* na contemporaneidade.

Assim, o relacionamento com o sagrado assume novas roupagens e o santo é tido como amigo. Para além de uma relação de amizade, há também uma relação de negociação entre o devoto e o devotado. Conforme assinala Lucília Silva (2007, p.84):

O que chamamos religiosidade dos devotos é muito mais que um conjunto de crenças. Constitui-se, isso sim, num amplo universo cultural, na vivência de suas relações sociais onde suas crenças são parte fundante e ao mesmo tempo resultante de suas experiências neste mundo.

Canindé representa um mosaico no qual distintas e interessantes experiências de devoção se desenvolvem. A cidade é relativamente pequena, muito quente, especialmente nessa época do ano (setembro e outubro), possui pouca infraestrutura, aliás, esse é um dos embates que a cidade-santuário tem enfrentado ao longo dos tempos com as políticas públicas da região.

A cidade-santuário tem na devoção dos romeiros sua marca principal, são sujeitos que vivem, oram, compram, comercializam, brincam, constituem o alicerce e o cimento da cidade. São lavradores, domésticas, costureiras, quebradeiras de coco, homens e mulheres chagados pelas adversidades da vida que buscam no *São Francisquinho* um subterfúgio, um auxílio, um amigo.

Na atualidade moderna, principalmente naquelas regiões mais afastadas dos grandes centros urbanos, rincões, sertões onde a cristandade católica até a primeira metade do século passado, não conseguia alcançar grande parte da população; formou-se ao longo do tempo nos sertões, especialmente no Nordeste brasileiro, uma identidade própria de cultura, folclore e tradição de todo um amálgama cultural gerador de personagens típicos como vaqueiros, jagunços, cangaceiros, parteiras, beatos e santos populares consagrados e cultuados pela religiosidade ou catolicismo popular.

Tal religiosidade como podemos observar em Canindé, vêm se (re)apropriando de novos estilos, influências, mercados próprios do mundo moderno capitalista e consumista. É possível percebermos um processo de aglutinação entre o moderno e o tradicional. Nesse cenário, São Francisco é um santo plural, constituído por múltiplas dimensões. Esta condição repercute na gênese e existência do Santuário, este marcado pela dinamicidade de seus

sujeitos e práticas. O santuário de Canindé se torna sacro pela presença do santo e que se eterniza pela fé dos milhares de romeiros e turistas.

No que diz respeito à importância do Santuário de São Francisco das Chagas para os romeiros, o santuário é um lugar de perpetuação da memória do santo franciscano e também promove o palco para que eles, os romeiros exerçam sua fé na figura do santo. Um palco de intensas trocas simbólicas, de recompensas e compensadores. É naquele lugar que os fiéis se alimentam do santo através da devoção. E, também, ocorre a gratidão dos milagres atribuídos à São Francisco, ação que contribui para perpetuar a crença de cada indivíduo em convergência com a fé coletiva de adoração e devoção religiosa.

Num olhar atento para os fiéis se percebe que a grande maioria é formada de gente simples, de todas as idades, que não mediu esforços para fazer a romaria. Eles chegam de ônibus, de carro, de moto, de bicicleta, a cavalo e a pé. Muitos cumprem um ritual que começou com seus avós e persiste até hoje. Outros vêm pela primeira vez. Ficam perplexos diante do tamanho do Santuário e de sua beleza. A fé traz o romeiro a Canindé e a imagem do santo, os extasia. Os lábios balbuciam ave-marias, atropeladas pela pressa das muitas intenções. As mãos seguram as contas do rosário, a vela, o retrato, as flores, os ex-votos. No chão que pisam, na liturgia que participam, na oração silenciosa que ecoa em cada peito, uma esperança, um agradecimento. O canal místico-religioso se abre e completa a ponte da fé.

Porém, uma vez cumpridos os atos religiosos é hora de comprar lembranças para os parentes e amigos que não puderam ir, fazer a refeição, olhar as novidades, ver o repentista, visitar o zoológico. Aproveitar o restante do tempo escasso para tornar a realidade mais atraente, o passeio mais proveitoso e as lembranças mais concretas. Isso, de certa forma, indica que a esfera religiosa, na atualidade, investe nos ganhos e no crescimento nas áreas de tecnologia de informação, nos sistemas políticos e organizacionais mais complexos e nos sistemas econômicos voltados para o comércio e a prática do consumo. Neste intento, é fundamental a parceria entre religião e política. Cada vez mais o turismo religioso é ousado, atuando nas áreas comerciais e se utilizando de instrumentos originalmente de órgãos laicos.

Assim, o universo de romeiros e romeiras residentes no Maranhão que se dirigem a Canindé é múltiplo e complexo. Podemos, no entanto, inferir características desta devoção. A relação com São Francisco envolve fé, louvor, negociação e gratidão. Ao santo milagroso recorre-se em busca de saúde, prosperidade e felicidade. Retornar a cidade santuário de Canindé é renovar laços com o santo e acionar a identidade e a prática romeira no convívio com o outro, na referência e na renovação da experiência do sagrado.

Nesse contexto, a lição maior da romaria de São Francisco das Chagas é revelar a possibilidade de o homem interpretar, criar e recriar sua cultura, conferindo-lhe significado. Nesta sociedade contemporânea as manifestações populares continuam reinventando seus gestos e reavendo sua identidade, enquanto grupo. Forma de (re)construir o religioso: “O catolicismo popular é, portanto, uma cultura em movimento. Reconstrói grupos, pessoas, lugares e temas. Historicizar seu processo festivo é o desafio da memória” (PASSOS, 2014, p.13).

Pretendemos, assim, que este trabalho contribua para a realização de novas reflexões no âmbito da História de Canindé, como também nos registros da Historiografia das religiosidades. Manifestamos nossa estima e apreço a todos os romeiros que ajudam a dar materialidade a esta pesquisa. Homens e mulheres que figuram anônimos nos vários cantos do Brasil, mas que, em Canindé tornam-se protagonistas de uma das maiores romarias franciscanas do mundo.

REFERÊNCIAS

Bibliografia

- ABREU, Marta. **O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- ABUMANSSUR, Edin Sued. **As Moradas de Deus: arquitetura de igrejas protestantes e pentecostais**. São Paulo: Fonte Editorial, 2004.
- AHLERT, Martina. **Cidade relicário: uma etnografia sobre terecô, precisão e Encantaria em Codó (Maranhão)**/ Martina Ahlert. 2013. 282; 30 cm. Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2013.
- _____. **Santos e encantados: religiosidade popular em Codó-MA** In: XVI Jornada sobre Alternativas Religiosas na América Latina, 2011, Ponta del Este. p.01-16.
- ALBERTI, Verena. Fontes orais. História dentro da história. In. PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Ed Contexto, 2006.
- ALMEIDA, Rejane Melo. **Turismo Religioso em Canindé: a relevância e a dinamização do patrimônio religioso-turístico do lugar para seus visitantes**. Dissertação (Mestrado em Turismo). Faculdade de Letras. Universidade do Porto, 2016.
- ALMEIDA, Ronaldo de; MONTEIRO, Paula. **Trânsito religioso no Brasil**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 15, n. 3, jul./set. 2001. p. 92-100. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?>
- ALMEIDA, Ronaldo e ROUNSTAIN, Ariana. Os católicos no trânsito religioso. In TEIXEIRA, Faustino, MENEZES, Renata. **Catolicismo Plural: uma introdução**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- AMADO, Janaína. (orgs.) **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. pp 183-191.
- ANDRADE, José Vicente de. **Turismo fundamentos e dimensões**. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2004.
- ARAGÃO, Ivan Rêgo. Reflexões acerca do Turismo cultural-religioso e festa católica no Brasil. In: **Revista GRIFOS**, Chapecó-SC, n.36/37, 2014.
- BARROSO, Gustavo. **À margem da História do Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BRANDÃO, Sylvana. São Francisco das Chagas do Canindé, Ceará, Brasil. In: **História das Religiões no Brasil**. Sylvana Brandão (org.). Recife: UFPE, 2001. Vol. III.
- BRASIL, Thomaz Pompeo de Sousa. **Ensaio estatístico da Província do Ceará**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.
- BURKE, Peter. **A escola dos Annales: A revolução francesa da historiografia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república: momentos decisivos**. 6.ed. São Paulo:UNESP, 1999.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1987.

DARTON, Robert. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DIAS, Reinaldo. O Turismo religioso como segmento do Mercado Turístico. In: DIAS, R; SILVEIRA, Emerson (Orgs). Turismo religioso: ensaios e reflexões. Campinas-SP: Ed. Alínea, 2003.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Mito e realidade**: tradução Polla Civelli.- São Paulo: Editora Perspectiva, 2002. 6ª edição.

FERREIRA, Jorge Luiz. **Trabalhadores do Brasil**: o imaginário do povo. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1997.

FERREIRA, Marcia Milena Galdez Ferreira. **Construção do eldorado maranhense**: experiências e narrativas de migrantes nordestinos no Médio Mearim-MA (1930-1970). Niterói-RJ: Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-graduação em História Social, 2015. (Tese de doutorado).

FREIRE, F.F. S; BARROS, A. E. A. Roupas boas, santos bons? luxo, mudanças e trocas simbólicas. In: **Anais do XIV Simpósio Nacional da ABHR**, 2015, Juiz de Fora, MG- Chico Xavier, mística e espiritualidade nas religiões brasileiras- 15 a 17/04/2015, Juiz de Fora-MG, UFJF, 2015.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989

_____. **O Saber Local**: novos ensaios em Antropologia Interpretativa. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

GOMES, Ângela Maria de Castro; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Primeira República**: um balanço historiográfico. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 244-280, 1989.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Rio de Janeiro: Vértice, 1992.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

IBGE. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Cidade de Canindé**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=230280>>. Acesso em 26 de março de 2017.

JÚNIOR HUFF, Arnaldo Érico. Campo religioso brasileiro e História do tempo presente. In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá (PR): ANPUH, 2009, v.1, n.3.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Unicamp, 1991

LIMA, F.J.L.A.P. "**Canindé é quando dé**": trabalho e recompensa. 88 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós Graduação em Geografia – PGE, Universidade Estadual de Maringá – UEM. Maringá, 2016.

MARTINS, Álvaro. **Capela Milagrosa**. Fortaleza: Typ. Universal, 1898.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação** –como extensões do homem. São Paulo: Cultrix, 2007.

OLIVEIRA, Marcelo João Soares de. **A peregrinação e seus enigmas: o desvendamento no encontro de devoto com o “santo vivo” rumo ao santuário de São Francisco das Chagas do Canindé**. São Paulo-SP: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2011. (tese de doutorado).

_____. **Em busca do santo vivo**. Kairós, Revista Acadêmica da Prainha, ano 2, jul-dez 2005.

_____. O símbolo e o ex-voto em Canindé. In: **Revista de Estudos da Religião/ REVER**. nº 3/ 2003/ pp 99.107.

PAIVA, Andréa Lúcia da Silva. **Quando os “objetos” se tornam “santos”**: devoção e patrimônio em uma igreja no centro do Rio de Janeiro. In: Textos escolhidos de cultura e artes populares. Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 53-70, mai. 2014.

PASSOS, Mauro. (org.). **Diálogos cruzados: religião, história e construção social**. Belo Horizonte: Arvmentvm, 2010.

_____. Quando o povo é a festa – o significado social e religioso do Círio de Nazaré. In: **Anais do Encontro de História Oral**, ABHO, 2014. Disponível: encontro2014.historiaoral.org.br. Acesso em 22 de abril de 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. Em Busca de uma Outra História: Imaginando o Imaginário. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo. V. 15, nº 29 pp. 9-27. 1995.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.02, n.03, 1989, p.03-15.

_____. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 05, n.10, 1992,pp. 200-212.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

_____. **O Massacre de Chivitella Val di Chiana**. (*Toscana, 29 de julho de 1949*): mito, política, luta e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. (orgs.) *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

_____. A Filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, v.1, n. 2, p.59-72, 1996.

_____. **História oral como arte de escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PREFEITURA DE CANINDÉ. Disponível em: <<http://www.caninde.ce.gov.br/>>. Acesso em 20 de Fevereiro de 2015.

RIBEIRO, Heloísa. Andar com fé e o sentido de chegar. In: **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v 3, n.1, 2003.

SANCHIS, Pierre. O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões? In: CEHILA (Ed.). **História da Igreja na América Latina e no Caribe 1945-1995**: o debate metodológico. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. Religião e turismo: notas sobre deambulações religiosas. In:_____(Org.). **Turismo religioso: Ensaio antropológico sobre religião e turismo**. Campinas, São Paulo: Papius, 2003.

SILVA NETO, Odilon Monteiro da. **História e Memória**: a escrita e o papel dos memorialistas da cidade de Canindé. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar História e Literatura)- Programa Interdisciplinar em História e Literatura, Universidade Estadual do Ceará- UECE. Quixadá, 2018.

SILVA, Lucília Maria. **Pedir, promover e pagar**: escritos, imagens e objetos dos romeiros de Canindé. Fortaleza: Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Ceará, 2007. (Dissertação de Mestrado)

SILVEIRA, Emerson. Turismo Religioso Popular: entre ambiguidade conceitual e as oportunidades de mercado. In: **Revista de Antropologia Experimental**, n. 4, 2004.

SOUZA, Sandra Duarte De. Trânsito religioso e reinvenções femininas do sagrado na modernidade. In: **Revista Horizonte**. Belo Horizonte, v.5, n.9, p 21-29, dez 2006.

STEIL, Carlos Alberto. **Pluralismo, Modernidade e Tradição Transformações do campo religioso**. In Revista de Ciências Sociais e Religiões. Porto Alegre: ano 3, n.3, p. 115-129, 2001.

STEIL, Carlos Alberto; CARNEIRO, Sandra de Sá. Peregrinação, Turismo e Nova Era: Caminhos de Santiago de Compostela no Brasil. In: **Revista Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro: 28 (1): 105-124 2008.

VIEIRA, Gonzaga. História de Aparecida, **a menina perdida nas matas do Amazonas**. Fortaleza: Editora Tupynanquim, 2000.

VILANOVA, Mercedes. La historia sin adjetivos com fuentes orales y la historia del presente. In: **Historia Oral**, n° 11, 1998, p. 31-42.

WILLEKE, Venâncio. **Origem da devoção a São Francisco das Chagas de Canindé**. Fortaleza: IHGACE, 1959.

_____. **São Francisco das Chagas de Canindé**. Resumo histórico. Canindé: Arquivo paroquial, 1973.

_____. Um santo conquista o Brasil. In: **Revista de Cultura VOZES**. Rio de Janeiro, Ano 56, pp. 262-269, 1962.

FONTES

Orais

ÂNGELA. Bacabal. Entrevista realizada em outubro de 2015

BIATRIZ. Canindé. Entrevista realizada em outubro de 2018.

EDMILSON. Bacabal. Entrevista realizada em setembro de 2015.

FRANCISCO DA ROCHA. Canindé. Entrevista realizada em outubro de 2018

FRANCISCSA DAS CHAGAS. Canindé. Entrevista realizada em setembro de 2018

HORMINA. Bacabal. Entrevista realizada em outubro de 2018.

IRANILDO DOS SANTOS. Canindé. Entrevista realizada em outubro de 2015.

JOÃO SANNING. Canindé. Entrevista realizada em outubro de 2018.

LIDUÍNA. Bacabal Entrevista realizada em setembro de 2015.

MAGNÓLIA. Bacabal. Entrevista realizada em setembro de 2018.

MARIA DA PAZ. Canindé. Entrevista realizada em outubro de 2018.

MARIA DE JESUS. Canindé. Entrevista realizada em setembro de 2014.

MARIA ROSENA. Canindé. Entrevista realizada em outubro de 2015.

MARIA VILANIR. Canindé. Entrevista realizada em outubro de 2018.

MARIA, Neide. Canindé. Entrevista realizada em outubro de 2015.

RITA. Canindé. Entrevista realizada em outubro de 2015.

RODRIGO. Canindé. Entrevista realizada em outubro de 2018.

SANTA. Canindé. Entrevista realizada em outubro de 2018.

SOLANGE. Juazeiro do Norte. Entrevista realizada em outubro de 2015.

Fontes Impressas

Livro da festa e da Novena -2015.

Livro da festa e da Novena -2017.

Livro da festa e da Novena-2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Breve biografia dos entrevistados

ÂNGELA--- Possui 48 anos de idade, maranhense com ensino médio completo, lavradora, casada, romeira há 15 anos. Ângela mora em Bacabal tem três filhos e sua devoção iniciou-se em 1991 por motivos de doença de uma das filhas, desde então todos os anos no período do festejo a devota se organiza junto com outras companheiras e vão para Canindé, a romaria também é feita na companhia do marido. No festejo de 2015 quando entrevistamos Ângela o marido dela não iria acompanhá-la porque a viagem havia sido organizado de última hora, nesse ano Ângela iria pagar uma promessa que consistia em vestir um hábito marrom durante toda a viagem e depositar juntamente com a réplica de um carro na casa dos milagres em Canindé, em agradecimento a recuperação de seu automóvel que havia sido roubado em São Luís na capital do estado do Maranhão. Além de devota de São Francisco, Ângela mantém junto com o esposo em Bacabal uma tenda de Terecô, manifestação de matriz africana muito presente em municípios do interior do Maranhão.

Duração: 20 min

ANTÔNIA ARAÚJO- Possui 70 anos de idade, maranhense de ascendência cearense, não alfabetizada, aposentada, viúva, mãe de três filhos. Em sua narrativa a romeira afirma que já faz 12 anos que caminha para Canindé. Durante a viagem o seu maior medo é passar pela Serra grande (Serra de Tianguá). As filhas de Antônia sempre a acompanham durante a viagem, além das filhas a romeira estava com seus três irmãos que também são devotos do santo. Sua devoção começou quando ela fez promessas para a cura de doenças de suas filhas durante a infância. Em decorrência dessa promessa, a romeira veste o hábito durante todo o período de festa do santo. A idade avançada é um fator que impossibilita a romeira de percorrer a cidade, limitando-se a ir as missas que começam bem cedinho.

Duração 25 min

FRANCISCA--- 58 anos, viúva, doméstica, maranhense, mãe de 02 filhos, não alfabetizada. Romeira há 16 anos. Francisca atualmente é evangélica, mas ainda continua com sua devoção a São Francisco. Sua devoção teve início num momento de doença, Francisca possuía uma ferida na perna que não sarava, um irmão da romeira vendo a aflição de sua irmã perguntou que se ele fizesse uma promessa pra São Francisco ela iria pagar Francisca prontamente respondeu que sim. A enfermidade da romeira ainda persistiu por três anos, no seu terceiro ano em Canindé o curativo que encobria a ferida caiu lá mesmo no santuário e estava toda

sarada, a romeira ficou muito agradecida e começou a vestir marrom durante todos os anos que ela ia pra Canindé. Depois que se tornou evangélica não vestiu mais, porém continua indo pra Canindé agradecer a São Francisco pela cura.

Duração: 20 min

FRANCISCA DAS CHAGAS RODRIGUES- Natural de Cratêus-CE, nasceu no dia 04 de agosto de 1934, chegou ao Maranhão no ano de 1953 junto com a família migrada por motivos de seca, a romeira instaurou-se em Ladeira povoado de Codó que na época era abundante em terras.

Duração: 80 min

FREI JOÃO SANNING---Frade da Ordem Menores dos Franciscanos, um dos responsáveis pelo santuário de Canindé. Frei João concebe a devoção como algo próprio do povo nordestino, povo sofrido que busca no sagrado uma resposta para suas necessidades terrenas, segundo o frei o cearense é um povo que vive migrando devido às dificuldades encontradas em seu estado, tais como a seca, a disseminação da devoção a São Francisco estar assim, pois alicerçada nesse aspecto de nomadismo do cearense que por onde anda difunde suas crenças. A devoção a São Francisco é conhecida aonde tem cearense. Os romeiros para Frei João são sujeitos em sua maioria pobres que vão a Canindé pagar suas promessas, orar e rezar, é claro que hoje em dia existe o turismo religioso, tem romeiro que vem só pra passear e comprar pontua o frei, porém segundo ele o santuário busca evangelizar essas pessoas com o intuito de torna-las devotas também. Frei João descreve as virtudes de São Francisco chamando a atenção para sua capacidade de congregar em torno dos suas ideais várias outras religiões. São Francisco é uma ponte para outras religiões, é um santo que cura, que ama e cuida da natureza que promove a paz. Por isso, São Francisco é tão venerado, os romeiros vêm buscar as curas de suas chagas humanas no santo das também foi chagado. Canindé é uma terra onde Deus revela sua bondade através de São Francisco. Frei João afirma que muitas vezes os devotos compreendem mais as realidades divinas que os próprios frades com seus estudos, que não tem a mesma experiência prática da vida, ele só começou a entender um pouquinho São Francisco depois de ler sobre a psicologia analítica de Jung a importância dos arquétipos.

Duração: 75 min

HORMINA: Possui 56 anos, paraibana, divorciada, comerciante, Ensino Médio Completo, há 25 anos vai para Canindé, mãe de 03 filhos, de ascendência paraibana. Hormina foi a

romeira mais divertida e solícita da viagem. Comprou dois assentos no ônibus, pois queria sentir-se à vontade. Não acompanhava as atividades eclesiais, no entanto pagou sua promessa na porta da casa de hospedagem: pagando comida para quem não tinha, além disso, fez um depósito em dinheiro na Basílica como forma de agradecimento. Foi à romeira mais festeira, vivia com sua latinha de cerveja na mão. E a mais consumista também levou para casa várias sacolas repletas de roupas, colchas, travesseiros comprados na cidade-santuário. A história de vida de Hormina é marcada por vários sofrimentos familiares pelos quais a mesma passou e continua passando, no entanto a mesma afirma que resolveu não se deixar desanimar pelas adversidades do caminho.

Duração: 27 min

IRANILDO ---- Casado, 03 filhos, de ascendência maranhense, nos conta que iniciou suas idas para Canindé com apenas 6 meses de vida levado pela mãe desde então não parou mais de ir ao santuário à exceção foram três anos que Iranildo morou no Rio de Janeiro e não pode ir visitar o santo. Sua experiência de devoção teve início aos 10 anos quando o mesmo passou por uma cirurgia para a retirada do apêndice sua mãe fez promessa que se ocorresse tudo bem o filho iria a Canindé vestido de marrom, assim foi feito. Iranildo junto com a mãe são responsáveis por organizar uma excursão que sai todos os anos de Timon no Maranhão rumo a Canindé. Na romaria de 2015 a excursão de Iranildo contava com 50 romeiros vindos em sua maioria de um povoado de Timon chamado São Miguel são homens pobres, trabalhadores (as) rurais, gente sofrida, que guarda uma certa quantia do muito que trabalham para visitar o santo em sua casa. O ônibus foi alugado por R\$ 8.500 a casa que eles se hospedaram em Canindé foi alugada por 3.300 reais cada romeiro pagou 370 reais pela viagem hospedagem, duas noites em Juazeiro e uma visita a Fortaleza. Ser freiteiro é uma tarefa muito cansativa, pois você tem que tentar agradar todo mundo, trata-los bem essas coisas e romeiro(a) nunca tá satisfeito. Outra característica do romeiro(a) que anda com Iranildo é que eles gostam muito de comprar, compram bolsas, roupas, santo de tudo. Ele mesmo diz que gasta o dinheiro que levar se tiver R\$ 2000 gasta todo e sai satisfeito.

Duração: 30 min

LIDUÍNA ---33 anos, maranhense, cursou até a 3^o série do ensino fundamental, lavradora, casada, mãe de 02 filhos. Sua romaria fazia 6 anos que havia se iniciado por questões de saúde, Liduína disse que não foi pelo amor e sim pela dor, aos 24 anos ela teve um câncer na mama e precisou retirar todo o seio e precisou fazer um tratamento complicado com 08 sessões

de quimioterapias 28 de radioterapia passou dois meses em São Luís para a conclusão do tratamento, e foi nesse momento de dificuldade que Liduína pediu a intervenção de Deus e de São Francisco pela sua vida ela enfrentou resistências em pagar suas promessa por que o santuário não queria permitir, mas ele deu um jeito e pagou do jeito que havia prometido, e ela diz que enquanto vida e força tiver ela vai até onde São Francisco renovar suas promessas e agradecer ao santo. Ela coloca que a sensação de quando se vai e que se leva um monte de problema e quando volta vem leve flutuando. Na vida de Liduína ser romeira significa tudo, pois nada ela é sem a fé dela.

Duração: 18 min

MARIA FRANCISCA. Casada, mãe de 02 filhos, lavradora, nasceu em Chapadinha-MA, mas desde que casou reside em Timbiras. Sua vida foi marcada por uma muita dificuldade precisou quebrar muito coco babaçu pra sustentar os dois filhos. Seus dois filhos quando crianças também quebravam coco, ela junto com o marido ainda vivem de trabalho com a terra plantando e colhendo para a subsistência. Possui 03 irmãos que foram buscar melhores condições de vida em São Paulo. Francisca tornou-se devota de São Francisco por motivo de doença de uma neta, ela fez promessa e foi válida desde então faz 12 anos que a romeira vai ao santuário agradecer as graças que recebeu das mãos do santo que para ela é um santo milagroso. Sua primeira romaria foi em 2003 e conta que na ocasião veio de pau de arara e que achava a viagem muito desgastante e desconfortável mesmo assim o sacrifício valia a pena pra ver São Francisco. Ela prefere viajar mesmo de ônibus e narra que volta renovada pra casa que estar em Canindé e poder agradecer ao santo já é motivo de alegria. Suas viagens são sempre feitas na companhia da neta que ela criou desde recém-nascida.

Duração: 30 min

MARIA NEIDE PEREIRA DA SILVA. Também conhecida como Neidinha Rezadeira, natural de Codó no Maranhão, nasceu em 1957, viúva e mãe de 06 filhos. A devoção de Neidinha teve inicio com a morte de seu marido em 1984, foi um momento difícil para Neidinha que ficou sem o marido, com seis filhos para criar e sem moradia própria, foi nesse momento que ela se apegou com São Francisco, São Raimundo Nonato e Padre Cícero que possibilitasse a ela um dia um teto para morar com seus filhos. Os santos ouviram suas preces a romeira além de um teto conseguiu um emprego como zeladora em Codó graças a intervenção do santo e da bondade do prefeito de Codó que juntamente com sua esposa auxiliaram Neidinha. Se considera uma romeira de fé, que quando estar em Canindé não

perde tempo dormindo, pois segundo ela que tem fé dorme pouco para acompanhar todas as festividades do santo. Quando chega na cidade só desce as coisas do ônibus arma sua rede e vai pagar suas promessas e iniciar outras, pois segundo ela devoto é assim ele vem ele paga e começa de novo. Neidinha veio a primeira vez em Canindé em 1978 só que não no período do festejo, ela percebe as mudanças que a cidade foi sofrendo ao longo desses anos. Para Neidinha os santos são quem nos ajudam e a viver e nos fortalecem cotidianamente.

Duração: 65 min

MARIA ROSENA. 77 anos, piauiense, não alfabetizada, doméstica, viúva, mãe de 04 filhos. Maria Rosena veio recém-nascida para o Maranhão junto com a família. A romeira foi a primeira em vez em Canindé motivada pelo filho Francisco que sempre a convidava para visitar São Francisco, começou a guardar dinheiro para realizar a viagem, outros familiares de Rosena já tinham o costume de visitar Canindé, como seus tios, desde garota ela ouvia falar desse santuário mais nunca tinha ido só guardava vontade. A primeira vez que a romeira esteve em Canindé e entrou na igreja de São Francisco sentiu seu corpo ser suspenso por uma força que ela não sabe explicar, nesse momento ela chorou e entregou suas dores na mão do santo milagroso e disse que se ela ficasse curada viria todos os anos visitar o santo, assim foi feito. O filho dela comprou uma van que todos os anos trazia membros da família para romaria. Maria Rosena é uma mulher muito grata por tudo o que Deus juntamente com São Francisco proporcionam a ela, é muito feliz pela família que tem, sua felicidade chega ao extremo de a mesma se questionar que não sabe pra onde vai tanto amor e felicidade quando ela morrer. A alegria maior que ela tem na vida e de poder estar em Canindé e visitar São Francisco. A penitência da romeira e chegar e ir logo ver o santo, se ajoelhar rezar, agradecer e depositar suas joias ela realiza tudo isso trajando seu hábito marrom.

Duração: 75 min

MARIA VILANIR- 67 anos de idade, nasceu em São Paulo, não alfabetizada, casada, lavradora, mãe de cinco filhos, de ascendência cearense. A romaria de 2018 foi à primeira de Vilanir. Ela foi com um objetivo específico: pagar uma promessa que a sua mãe fez e por motivo de falecimento não conseguiu pagar. Maria Vilanir usou um hábito marrom ao longo de toda a viagem e deixou uma trança do seu cabelo cortado no cercado da Casa dos Milagres. Atualmente, a romeira vive com o marido em um cidade no interior de Bacabal.

Duração: 20 min

RITA--- Nasceu em 1957, casada, filhas de pais lavradores, estudou bem pouco. Mora há 35 anos em Pedreiras casou em Pastos Bons aos 20 anos de idade. Rita relata que sempre teve atração por São Francisco e pelo marrom, porém foram os males que assolaram sua família que a fizeram buscar os auxílios do santo. Seu marido teve uma hérnia que o impedia de trabalhar e sentia fortes dores, Rita vendo o sofrimento do marido fez promessa a São Francisco com três dias as dores cessaram e a hérnia sumiu, depois de três anos ela e o marido foram a Canindé pagar a promessa que consistia em vestir marrom e depositar em Canindé tudo foi feito conforme o prometido. Sua devoção foi alimentada por outros infortúnios que acometeram sua prima, sua irmã e novamente seu marido. A irmã de Rita se negou a pagar a promessa depois que ficou curada de males que a atormentavam, depois que entrou na “crença” ao invés de pagar a irmã deu o pano pra Rita fazer o hábito e vestir ela mesma o marrom em agradecimento, dessa forma foi feito. Rita não deixou de honrar sua palavra com o santo. O marido de Rita sofreu com um acidente que afetou a locomoção de seus membros inferiores, foi um período bastante conturbado na vida da romeira que não hesitou em confiar a vida do seu companheiro a São Francisco, quando estava no hospital o marido da romeira contou que foi visitado por uma senhora que de véu branco e um homem baixo que ele logo atribuiu como sendo Nossa Senhora e São Francisco mostrando eficácia da oração da esposa.

Duração: 60 min

SANTA: - Santa, 52 anos, solteira, autônoma, mãe de 02 filhas, organiza excursões há sete anos. Santa era responsável pela viagem uma senhora bastante carismática que não costuma acompanhar as festividades, afirma que gosta mesmo é de lidar com gente de levar pessoas para conhecerem Canindé.

Duração: 15 min

SOCORRO: 56 anos, casada, doméstica, maranhense, mãe de 04 filhos, cursou até a 4^o série do Ensino Fundamental. Romeira há 21 anos. Socorro é umas das freteiras (quem organiza excursões ou fretes) da cidade de Bacabal, ela iniciou a organização de excursões para Canindé junto com uma amiga ela vendia um lado do ônibus e a amiga vendia o outro com o passar dos anos Socorro começou a organizar sua própria excursão. A excursão de Socorro já conta com romeiros assíduos que todos os anos compram suas passagens na mão da freiteira. Na excursão de 2015 foram 42 romeiros, o ônibus não possuía muito conforto, mas os romeiros bem pouco reclamavam disso, a passagem custou R\$ 240 e mais uma taxa adicional de R\$ 70 para o alojamento o que gerou bastante reclamação por parte dos romeiros. Socorro

é devota de São Francisco e todos os anos acompanha a procissão do último dia do festejo descalça.

Duração: 15 min

EDMILSON- 52 anos, maranhense, possui Ensino Fundamental Completo, motorista, casado, pai de 3 filhos, frequenta a romaria há 25 anos e sempre leva os três filhos junto com a esposa. A devoção de Edmilson começou ainda criança quando foi levado pela primeira vez pelos seus pais e mais dois irmãos. Foi a primeira vez quando tinha 10 anos de idade, e se voltou a Canindé quando passou a trabalhar como motorista.

APÊNDICE B: Roteiro das Entrevistas

- 01) Qual seu nome. Ano de nascimento. Você é Maranhense. Qual sua profissão?
- 02) Quando começou sua devoção a São Francisco?
- 03) Você já foi a Canindé a pé ou tem algum conhecido que já fez a romaria?
- 04) Qual graça você alcançou de S. Francisco e de que forma e quanto tempo você levou para pagar a graça?
- 05) Quais locais de Canindé você mais frequenta?
- 06) Você assiste missa, se confessa e frequenta as novenas em Canindé?
- 07) Quando você paga suas promessa?
- 08) Você participa do festejo em sua cidade?
- 09) Como é o festejo em sua cidade?
- 10) O que significa pra você ser romeiro?
- 11) Você faz amizades em Canindé?
- 12) Você é católico
- 13) Você conhece devotos de São Francisco de outras de religiões?
- 14) Que outros municípios do Maranhão trazem grupos romeiros para Canindé?
- 15) Você fez alguma promessa especial para essa romaria?
- 16) Vocês vão a Fortaleza. Como é o romeiro em Fortaleza?
- 17) Como o romeiro se comporta durante a viagem. Quanto você gasta em Canindé?
- 18) Como você volta espiritualmente de Canindé?